



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**EMANUELA MONTEIRO GONDIM**

**OS PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO E DE LEXICALIZAÇÃO DOS  
ADVÉRBIOS EM *-MENTE* NO PORTUGUÊS DOS SÉCULOS XIV, XVI E XX**

**FORTALEZA**

**2014**

**EMANUELA MONTEIRO GONDIM**

**OS PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO E DE LEXICALIZAÇÃO DOS  
ADVÉRBIOS EM *-MENTE* NO PORTUGUÊS DOS SÉCULOS XIV, XVI E XX**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira

**FORTALEZA**

**2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

G635p

Gondim, Emanuela Monteiro.

Os processos de gramaticalização e de lexicalização dos advérbios em -mente no português dos séculos XIV, XVI e XX / Emanuela Monteiro Gondim. – 2014.

109 f. : il., enc. ; 30 cm.

Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.

Área de Concentração: Descrição e análise linguística.

Orientação: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.

1.Língua portuguesa – Advérbio – Séc.XIV. 2.Língua portuguesa – Advérbio – Séc.XVI. 3.Língua portuguesa – Advérbio – Séc.XX. 4.Língua portuguesa – Lexicologia. 5.Língua portuguesa – Gramaticalização. I.Título.

---

CDD 469.576

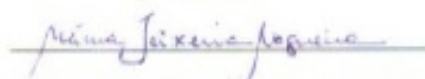
EMANUELA MONTEIRO GONDIM

Os processos de gramaticalização e de lexicalização dos advérbios em -mente no português dos séculos XIV, XVI e XX

Dissertação apresentada ao Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 27/06/2014

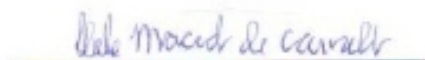
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira (PPGL-UFC)  
Presidente-Orientadora



Profa. Dra. Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva (UFRJ)  
1ª examinadora



Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho (PPGL-UFC)  
2ª examinadora

Ao meu amor, Marcus Rodrigo, com quem divido essa conquista, que nos deixa um pouquinho mais próximos de nossos sonhos.

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de Mestrado, que permitiu que eu me dedicasse a esta pesquisa.

À Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira, orientadora desta pesquisa, pelas novas leituras que me indicou, pelo auxílio nas dúvidas, pela leitura criteriosa e pelas valiosas sugestões.

Ao Prof. Dr. Paulo Mosânio Teixeira Duarte, que se dispôs a avaliar a versão inicial desta dissertação na disciplina de Seminários de Pesquisa, pelas valiosas contribuições de seu parecer.

À Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho, que participou da banca de qualificação, fazendo uma leitura cuidadosa do projeto desta pesquisa.

À Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura, pelas palavras de motivação e apoio.

Aos secretários do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, Eduardo Xavier Ary Andrade e Vanessa Marques, pela paciência e dedicação durante todo o processo burocrático da defesa e da expedição do diploma.

À Profa Dra Maria Claudete Lima, minha sogra, por ser um exemplo de linguista, mãe e mulher; por participar da banca de qualificação; pela revisão deste trabalho, pelas sugestões, pelas leituras, pelo apoio, pela força. Agradeço por absolutamente tudo.

À Camila Stephane, minha grande amiga e companheira de trabalho na revista *Entrepalavras*, pela diagramação deste trabalho, pelas conversas, pela descontração, pelo apoio, pela torcida.

À Alana Kércia, amiga com quem tenho tantas afinidades, pelos momentos de lazer meio ao estresse da pós-graduação e pela troca de experiências e pela versão do resumo para língua inglesa.

Às minhas amigas, Andrezza Alves, Karina Sena e Natalia Athayde, companheiras de pós-graduação, pelas conversas, pelo apoio, sempre recíproco.

Ao meu marido, meu amor, Marcus Rodrigo pela ajuda fundamental no uso do Excel, pelas diversas tabelas que fez e refez e, principalmente, pelo apoio, pelo companheirismo e pelo amor que me dedica.

Aos meus pais, Aprígio Jr., e Isabel Cristina, pela educação e formação de meu caráter, por compreenderem a minha ausência durante a elaboração deste trabalho, por rezarem e torcerem para que tudo desse certo.

À minha irmã, Juliana, por sempre, sempre me incentivar, por acreditar e por, como uma mãe, vibrar e se orgulhar a cada conquista minha.

Ao meu irmão, José Walfrido, por sempre torcer pela minha felicidade e pelo amor paternal.

Às minhas primas Viviane Gondim e Ártemis Monte, pela torcida, pelo carinho, pelo apoio.

À Dakota e ao Albus por me proporcionarem tanta felicidade.

A todos os amigos e familiares que não pude citar aqui, mas que tanto torceram e rezaram por mim, agradeço profundamente.

“Nada é permanente, exceto a mudança.”

(Heráclito)



## RESUMO

Neste trabalho, pretendemos fazer um estudo diacrônico dos advérbios em *-mente* no português dos séculos XIV, XVI e XX, a fim de investigar os processos de gramaticalização e lexicalização pelos quais tais advérbios vêm passando. Para tanto, analisamos as construções em *-mente* em quatro *corpora*, constituídos pelos seguintes textos representativos da prosa historiográfica: *Crônica Geral de Espanha* (CGE), do século XIV; *História da Província de Santa Cruz* (HPSC) e *Da Monarquia Lusitana* (ML), do século XVI e *História do Brasil* (HB), do século XX. Calcados em Lehmann (2002), que defende que os processos de gramaticalização e lexicalização não são opostos e sim complementares, vez que ocorrem em paralelo, avaliamos quantitativa e qualitativamente as funções exercidas por esses advérbios e o grau de composicionalidade que apresentam em todos os períodos analisados. Chegamos à conclusão de que, com o passar do tempo, os advérbios em *-mente* estão se tornando cada vez menos composicionais e expandindo cada vez mais suas funções. Todavia ainda não concluíram nenhum dos dois processos, vez que ainda não podem ser tomados como palavras idiomatizadas, já que a base adjetiva do advérbio ainda se mostra, mesmo no período mais recente, predominantemente transparente; e ainda exercem, no século XX, predominantemente funções semânticas.

**Palavras-chave:** Advérbios em *-mente*. Gramaticalização. Lexicalização.

## ABSTRACT

In this work, we perform a diachronic study of adverbs ending in *-mente* in the Portuguese of 14th, 16th and 20th centuries, in order to investigate the grammaticalization and lexicalization processes such adverbs have been experiencing. To this end, we analyzed constructions ending in *-mente* from four *corpora*, which consists of the representative of historiographical prose following texts: *Crônica Geral de Espanha* (CGE), from 14th century; *História da Província de Santa Cruz* (HPSC) and *Da Monarquia Lusitana* (ML), from 16th century, and *História do Brasil* (HB), from 20th century. Based on Lehmann (2002), who argues that grammaticalization and lexicalization processes are not opposite but complementary, since they occur in parallel, we evaluated quantitatively and qualitatively the roles played by these adverbs and the degree of compositionality they present in every period we analyzed. We concluded that, as time has gone by, adverbs ending in *-mente* have become decreasingly compositional and have expanded their functions progressively. However, these adverbs have concluded neither of these processes yet, once they still cannot be taken as lexicalized words, since the adverb's adjectival base still appears predominantly transparent even in the most recent period; and still hold, in 20th century, mostly semantic functions.

**Keywords:** Adverbs ending in *-mente*. Grammaticalization. Lexicalization.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mudança paramétrica.....	43
Figura 2 – Escala de categorias conceituais .....	46

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Grau de composicionalidade vs. Período.....	65
Gráfico 2 – Frequência das funções semânticas, pragmáticas e semântico-pragmáticas nos séculos XIV, XVI e XX.....	82
Gráfico 3 – Frequência dos tipos de função nos séculos XIV, XVI e XX sem a consideração do item adverbial <i>somente</i> e suas variantes .....	84
Gráfico 4 - Frequência dos tipos de função nos séculos XIV, XVI e XX considerando o agrupamento de funções .....	84

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Funções do advérbio em <i>–mente</i> nos séculos XIV, XVI e XX.....	72
Tabela 2 – Funções do advérbio em <i>–mente</i> nos séculos XIV e XVI e no século XX..	76
Tabela 3 – Funções do advérbio em <i>–mente</i> nos séculos XIV, XVI e XX, sem as ocorrências de <i>somente</i> .....	78
Tabela 4 – Funções do advérbio em <i>–mente</i> nos séculos XIV e XVI e no século XX, sem as ocorrências de <i>somente</i> .....	78
Tabela 5 – Tipo de função vs período.....	82
Tabela 6 – Tipo de função nos séculos XIV, XVI e XX, sem <i>somente</i> .....	83
Tabela 7 – Grau de composicionalidade vs função .....	85

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Processo de lexicalização, segundo Lehmann (2002) .....	54
Quadro 2 – Processo de gramaticalização, segundo Lehmann (2002) .....	55
Quadro 3 – Itens adverbiais mais recorrentes por período .....	87
Quadro 4 – A polissemia dos itens nos séculos XIV, XVI e XX.....	88
Quadro 5 – Processo de mudança das construções em <i>-mente</i> do latim ao início da língua portuguesa.....	100

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	14
2	OS ADVÉRBIOS EM <i>-MENTE</i> NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS.....	19
2.1	As gramáticas latinas .....	19
2.2	As gramáticas pré-NGB.....	22
2.3	As gramáticas pós-NGB.....	25
2.4	Síntese conclusiva .....	29
3	OS ADVÉRBIOS EM <i>-MENTE</i> NA DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA: REVISÃO DA LITERATURA.....	31
3.1	A gênese dos advérbios em <i>-mente</i> .....	31
3.2	Estatuto conceitual e funcional dos advérbios em <i>-mente</i> .....	33
3.3	Síntese conclusiva .....	40
4	EMBASAMENTO TEÓRICO PARA ANÁLISE DA GRAMATICALIZAÇÃO DOS ADVÉRBIOS EM <i>-MENTE</i> .....	41
4.1	Gramaticalização e lexicalização .....	41
4.2	Síntese conclusiva .....	55
5	METODOLOGIA .....	56
5.1	Da constituição, caracterização e delimitação dos <i>corpora</i> .....	56
5.2	Da natureza da pesquisa.....	57
5.3	Das categorias de análise e dos procedimentos.....	58
6	ANÁLISE DOS ADVÉRBIOS EM <i>-MENTE</i> EM TRÊS SINCRONIAS: GRAMATICALIZAÇÃO E LEXICALIZAÇÃO .....	62
6.1	Processo de lexicalização .....	62
6.1.1	<i>Processo de lexicalização do latim ao português do século XIV</i> .....	63
6.1.2	<i>Processo de lexicalização no português dos séculos XIV, XVI e XX</i> .....	64
6.2	Processo de gramaticalização.....	66
6.2.1	<i>Processo de gramaticalização do latim ao português do século XIV</i> .....	66
6.2.2	<i>Processo de gramaticalização nos séculos XIV, XVI e XX</i> .....	68
6.3	Processos de lexicalização e gramaticalização em paralelo nos séculos XIV, XVI e XX.....	85
6.4	Síntese conclusiva .....	99
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	101
	REFERÊNCIAS .....	104

## 1 INTRODUÇÃO

A dificuldade em definir a classe gramatical dos advérbios já foi atestada por diversos linguistas (POTTIER, 1968; BOMFIM, 1988; ILARI *et al*, 1991). Desde os gramáticos clássicos até os modernos, a definição de advérbio parece ter sofrido poucas alterações. Os primeiros definiam o advérbio como uma palavra invariável que, acrescida ao verbo, ampliava seu significado. Os modernos, praticamente, se diferenciam apenas por já considerar a relação do advérbio com outros elementos da oração, como o adjetivo, outro advérbio ou ainda uma oração inteira.

Desse modo, considerando as diversas lacunas nos estudos dos advérbios, dedicarmos-nos-emos, nesta pesquisa, exclusivamente ao estudo dos advérbios em *–mente*, com o objetivo de descrever e analisar o desenvolvimento dos processos de gramaticalização e lexicalização desses advérbios, em especial no português dos séculos XIV, XVI e XX.

Em geral, os advérbios constituídos de adjetivos acrescidos de *–mente* são considerados, por gramáticos tradicionais como Cunha; Cintra (1985), advérbios de modo. Entretanto, estudos linguísticos, como os de Bomfim (1988), Neves (2011) e diversos trabalhos do grupo *Discurso e Gramática*, afirmam que nem sempre os advérbios em *–mente* podem ser classificados como modificadores, já que às vezes exercem a função de qualificador. Há de se lembrar que algumas formas em *–mente* exercem a função de focalizador e, portanto, não poderiam, conforme Hengeveld (1989) e Dik (1990), ser consideradas advérbios. Para tais autores, formas focalizadoras são classificadas como *marcadores especiais*. Contudo, por força da tradição, optamos por incluir tais formas entre o que chamamos aqui de *advérbios em –mente*, assim como fazem renomados linguistas como Neves (2011) e Ilari (1993).

Cumprido notar que ainda há diversas lacunas no estudo dos advérbios em *–mente*, sobretudo, no que concerne aos seus aspectos mórficos, sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Quanto aos aspectos mórficos, o principal problema é que os advérbios constituídos com *–mente* se assemelham tanto a vocábulos formados por composição como a vocábulos formados por derivação. Assemelham-se a vocábulos derivacionais, porque são constituídos com acréscimo de um sufixo. Todavia, esse sufixo ainda tem força fonológica, fazendo com que tais advérbios tenham um duplo acento fonológico, marcado em língua portuguesa até antes do acordo ortográfico de 1971, como em *RÀpidaMENTe*. Dessa forma, assim como os vocábulos composicionais, os advérbios em *–mente* constituem dois vocábulos fonológicos e um vocábulo formal. Outra característica que os aproxima da composição é a



braquissemia, isto é, sua capacidade de, em uma sequência adverbial, ser acrescido apenas ao último adjetivo, como no exemplo abaixo.

(1) Este sítio [Corpus do Português] permite pesquisar FÁCIL e RAPIDAMENTE mais de 45 milhões de palavras de quase 57,000 textos em português do século XIV ao século XX. (Corpus do Português<sup>1</sup>) [grifo nosso]

No que respeita aos aspectos sintáticos, fogem à definição geralmente apresentada pelas gramáticas tradicionais de que podem associar-se sintaticamente a verbos, a adjetivos, a outros advérbios ou a uma oração inteira. Prova disso é o trabalho de Neves (2011), por exemplo, que apresenta várias ocorrências de advérbios desse tipo incidindo sobre sintagmas, frases ou enunciados inteiros, ou ainda apenas sobre o núcleo de um sintagma, que, por sua vez, pode ser um verbo, um adjetivo, um advérbio, um numeral, um pronome ou um substantivo, o que podemos verificar nos exemplos extraídos de Neves (2011, p. 234).

(02) Lembrava-se CLARAMENTE. (FP)

(03) NOVAMENTE no táxi, ele me chama a atenção para a boa educação dos pombos britânicos (RO)

(04) É um imperativo de segurança da causa, que todos esposamos, valorizar também a América Latina, com os seus duzentos milhões de habitantes APROXIMADAMENTE, fazê-la adquirir maior relevo (JK-O)

(05) E quem sabe se tudo que pudesse fazer, se entre todas as reações possíveis, não era JUSTAMENTE isto – ceder, pagar (FP)

Por fim, no que tange aos aspectos semânticos, os advérbios em *-mente*, ao contrário do que geralmente afirmam as gramáticas tradicionais, nem sempre funcionam como advérbios de modo. Prova disso é a forma *primeiramente*, por exemplo, que traz ideia de ordenação, distante da de modo, e pode ser encontrada já em textos arcaicos, como mostra o exemplo a seguir.

---

<sup>1</sup> Este exemplo foi extraído da definição do *Corpus do Português*, cujo endereço eletrônico é <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>.

(6) mandamos que se faça por esta guisa comuem a saber olhando PRIMEIRAMENTE a calidade das pessoas os que forem mais Ricos paguem quoremta libras (séc. XII - CIPM)

Com o objetivo de flagrar o processo de gramaticalização do *-mente* em seus primórdios, empreendemos pesquisa monográfica (cf. GONDIM, 2011), em que analisamos diacronicamente a gênese e o comportamento dessas construções desde o latim clássico até o português arcaico, baseando-nos em autores como Lehmann (1982) e Hopper (1991), para dar conta do fenômeno da gramaticalização, e Cavalcante (1998), Duarte (2009) e Neves (2011), que nos auxiliaram com considerações sobre o comportamento dos advérbios em *-mente*.

A análise das 255 ocorrências, em paralelo às leituras daqueles que sobre o tema se debruçaram, permitiu-nos concluir que, no latim, tanto na variedade clássica quanto na vulgar, as construções em *-mente* eram utilizadas, praticamente, apenas com o valor de modo. Todavia, com o passar do tempo, tais formas foram sendo utilizadas em contextos semânticos cada vez mais variados e, já no início da língua portuguesa, exerciam diversas outras funções além da de modo.

A presente pesquisa propõe uma ampliação da anterior, realizada ainda no nível de Bacharelado, desta feita abrangendo novos períodos e propondo nova sistematização dos dados, à luz da teoria funcionalista, em especial, dos trabalhos sobre gramaticalização de Lehmann (2002), Hopper (1991) e Givón (1979). Este trabalho pretende, assim, avaliar os processos de gramaticalização e de lexicalização dos advérbios em *-mente* em três sincronias do português: os séculos XIV, XVI e XX. Desse modo, tal pesquisa busca alcançar os seguintes objetivos:

- a) Avaliar se, no português do século XX, o processo de formação dos advérbios em *-mente* está mais próximo das palavras idiomatizadas do que no português dos séculos XIV e XVI;
- b) Verificar, considerando a relação entre o processo de gramaticalização e a expansão semântico-pragmática dos advérbios em *-mente*, que funções semântico-pragmáticas essas formações exercem em cada período estudado;
- c) Analisar de que modo o grau de composicionalidade dos advérbios em *-mente* está relacionado com sua expansão funcional.

Nossa hipótese central é de que os processos de gramaticalização e de lexicalização dos advérbios em *-mente* em português têm avançado do século XIV ao XX de modo a ampliar progressivamente os contextos sintático-semântico-pragmáticos do advérbio. Mais especificamente, levantamos as seguintes hipóteses:

- a) Considerando o progressivo esvaziamento do *-mente*, o processo de formação dos advérbios em *-mente*, no século XX, diferentemente dos séculos XIV e XVI, apresenta características mais de derivação que de composição ou, ainda, mais de palavra primitiva que derivada;
- b) Considerando que os processos de gramaticalização e lexicalização estão diretamente relacionados à expansão funcional dos advérbios em *-mente*, pode-se dizer que, mais do que nos séculos XIV e XVI, no século XX, a função de modificador tornou-se menos frequente e funções pragmáticas, mais gramaticalizadas e mais frequentes;
- c) O valor da base lexical do *-mente*, a ordem dos constituintes e o escopo da construção influenciam a expansão funcional dos advérbios em *-mente* do seguinte modo:
  - quanto mais remoto o período histórico, mais composicional será a construção;
  - quanto mais remoto o período histórico, mais transparente será o valor da base;
  - quanto mais remoto o período histórico, mais frequente a função semântica de modificador;
  - quanto mais recente o período histórico, menos transparente será o valor da base;
  - quanto mais recente o período histórico, os advérbios em *-mente* irão exercer menos funções semânticas e mais funções pragmáticas.

Sendo assim, desenvolvemos uma pesquisa descritivo-explicativa, na qual tentamos não só descrever os processos de gramaticalização e de lexicalização por que passaram os advérbios em *-mente* nos séculos XIV, XVI e XX, mas também buscar as motivações sintático-semântico-pragmáticas para a expansão funcional desses advérbios. Para tanto, utilizamos como *corpora* quatro textos distintos: *Crônica Geral da Espanha*, do século XIV; *História da Província de Santa Cruz e Da Monarquia Lusitana*, do século XVI; e *História do Brasil*, do século XX. Tais *corpora* serão descritos mais detalhadamente na seção 6.1.

Nossa dissertação se divide em sete capítulos: esta *Introdução*, *Os advérbios nas gramáticas tradicionais de língua portuguesa*, *Os advérbios em -mente na descrição linguística: revisão da literatura*, *Embasamento teórico para análise da gramaticalização dos*

*advérbios em –mente, Metodologia, Os advérbios em –mente em três sincronias: gramaticalização e lexicalização e Considerações finais.*

No segundo capítulo, trataremos do conceito de advérbio apresentado nas gramáticas tradicionais tanto latinas como portuguesas. Vale lembrar que, no trato das gramáticas, consideraremos tanto as anteriores como as posteriores à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), observando especialmente as abonações acerca dos advérbios em *–mente*.

No terceiro capítulo, avaliaremos o tratamento dado por linguistas aos advérbios em *–mente*. Assim, discutiremos a gênese dos advérbios em *–mente* e a descrição linguística dos advérbios em geral e, em especial dos advérbios em *–mente* na literatura linguística.

No quarto capítulo, trataremos das bases teóricas que nos servirão para a análise dos advérbios em *–mente*. De tal modo, trataremos inicialmente, de conceitos, princípios e efeitos relacionados aos processos de lexicalização e gramaticalização; em seguida, discutiremos conceitos a serem operacionalizados na análise, tais como as funções que podem ser exercidas por advérbios em *–mente* (funções modificadora, intensificadora, modalizadora, circunstanciadora e focalizadora).

No quinto capítulo, apresentaremos, detalhadamente, a metodologia de nosso trabalho, discorrendo principalmente acerca dos *corpora*, do tratamento dos dados e dos procedimentos desta pesquisa.

No sexto capítulo, faremos uma análise de todas as formas em *–mente* que encontramos nos *corpora* das três sincronias às quais nos dedicamos nesta pesquisa: os séculos XIV, XVI e XX. Avaliamos também os resultados obtidos em Gondim (2011), vez que observamos tais processos num contínuo e que o século XIV, tomado nesta pesquisa como período inicial, configurou-se como período final na pesquisa anterior.

Por fim, no sétimo capítulo, apresentaremos nossas considerações finais.

## 2 OS ADVÉRBIOS EM *-MENTE* NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Neste capítulo, apresentamos o tratamento tradicionalmente dado aos advérbios em geral, e aos formados com *-mente*, em especial, considerando desde as gramáticas latinas até as portuguesas pós-NGB.

Esse percurso se justifica para verificarmos em que medida os fenômenos observados modernamente, tais como a ampliação do escopo e da função das formas em *-mente*, são atestados pelas gramáticas tradicionais, o que pode ser indício da ocorrência de tais fenômenos já na escrita.

### 2.1 As gramáticas latinas

Nesta seção, abordaremos, com base em nossa pesquisa anterior (GONDIM, 2011), a definição de advérbio apresentada nas obras dos seguintes gramáticos romanos: Varrão, por ter iniciado os estudos gramaticais em Roma, e Donato e Prisciano, por serem os gramáticos latinos que mais se evidenciaram nos estudos descritivos desde o século I d.C..

Apesar de ter sido o primeiro gramático latino, Varrão<sup>2</sup> foi um dos mais originais. Diferente de Dionísio, autor da primeira gramática grega, que dividiu as classes de palavras em oito, Varrão as dividiu em apenas quatro: a) palavras que nomeiam (nomes); b) palavras que declaram (verbos); c) palavras que participam, compartilhando da sintaxe dos nomes e dos verbos (particípios) e d) palavras que auxiliam, acompanhando e sendo subordinadas aos verbos (advérbios).

Por outro lado, assim como os gregos, Varrão também considera as categorias de caso e tempo como os principais critérios para diferenciar os vocábulos variáveis e invariáveis da língua. Sendo assim, os advérbios são definidos por ele como palavras que não apresentam flexão de caso nem de tempo.

Ao tratar dessa classe, Varrão só faz alusão aos advérbios derivados, como por exemplo, *docte* (sabidamente), que advém do adjetivo *doctus*, *-a*, *-um*. Apesar de sua definição se adequar perfeitamente também aos advérbios não derivados, o autor não propôs nenhuma subdivisão para o estudo desse tipo de palavra. Varrão trata desses advérbios apenas na parte do livro na qual discorre sobre as palavras invariáveis.

---

<sup>2</sup> Nossos estudos sobre Varrão tiveram como fonte Robins (1983).

No que concerne às contribuições de Prisciano, Robins (1983) julga sua gramática como a mais representativa da erudição romana, apesar da pouca originalidade do autor, que parece ter simplesmente tentado adaptar ao latim as considerações linguísticas propostas pelos gregos, principalmente, Apolônio e seu filho Herodiano.

As classes de palavras propostas por Prisciano são muito semelhantes às propostas gregas. No que concerne à classe adverbial, o gramático, na obra *Institutiones grammaticae*, afirma:

O advérbio é a parte indeclinável da oração, cujo significado é acrescido ao verbo. Portanto o advérbio acrescido ao verbo aperfeiçoa este, como os nomes adjetivos adjuntos aos nomes apelativos, por exemplo, o homem prudente age prudentemente; o homem alegre vive alegremente. Assim, os advérbios são certas coisas que naturalmente são associados a todos os tempos, como digo sabiamente, dizia sabiamente, dissesabidamente, dissera sabiamente, direi sabiamente, faço corretamente, fazia corretamente, fiz corretamente, fizera corretamente, farei corretamente. (tradução nossa)<sup>3</sup>

Desta feita, podemos perceber que, assim como os gregos, Prisciano também considera que o advérbio acrescenta significação apenas ao verbo, não mencionando nenhuma relação entre o advérbio e outros elementos da sentença.

Por outro lado, Prisciano já apresentava refinada percepção morfológica e semântica da classe dos advérbios, vez que defendia a necessidade de se levar em consideração, no estudo dos advérbios, as noções de espécie, figura e significação. Quanto à espécie, afirmava que tal classe estaria dividida entre advérbios primitivos, que nascem em si mesmos<sup>4</sup> (como os advérbios latinos *non/não*, *ita*, *céu/assim*, *saepe/muitas vezes*, frequentemente) e derivados, que nascem a partir de outros<sup>5</sup> (como *docte/sabiamente*, formado a partir do adjetivo *doctus*, *-a*, *-um*, que significa sábio, culto).

No que concerne à figura, Prisciano afirma o seguinte:

As figuras dos advérbios são três: simples, composta e decomposta. Simples, como *diu* (por muito tempo), *huc* (para cá, aqui); composta, como *interdiu* (*inter* + *diu* = de dia), *adhuc* (*ad* + *huc* = até agora); decomposta, que é derivada das compostas, como *a potente* (pelo poderoso) *potenter* (poderosamente), *a misericorde* (pelo misericordioso) *miseriquiditer* (misericordiosamente), *ab indocto* (pelo ignorante)

<sup>3</sup>aduerbium est pars orationis indeclinabilis, cuius significatio uerbis |adicitur. hoc enim perficit aduerbium uerbis additum, quod adiectiua |nomina appellatiuis nominibus adiuncta, ut prudens homo prudenter agit, |felix uir feliciter uiuit. |sunt igitur quaedam aduerbia, quae omnibus conuenienter sociantur |temporibus, ut sapienter dico, sapienter dicebam, sapienter dixi, |sapienter dixeram, sapienter dicam; recte facio, recte faciebam, recte feci, recte |feceram, recte faciam (PRISCIANO, *Institutiones grammaticae*)

<sup>4</sup>primitiua quidem, quae a se nascitur (PRISCIANO, *Institutiones grammaticae*)

<sup>5</sup>deriuatiua igitur aduerbia uel ab aliis aduerbiis (PRISCIANO, *Institutiones grammaticae*)

*indocte* (ignorantemente), *ab imprudente* (pelo imprudente) *imprudenter* (imprudentemente).<sup>6</sup>

Finalmente, no que diz respeito à significação, os advérbios teriam, de acordo com o gramático, várias formas, por exemplo: advérbios de tempo (*temporalia*), de lugar (*loco*), de interrogação (*interrogatiuum*) e de qualidade (*qualitatis*).

Diferentemente de Prisciano, Donato não faz, em nenhuma de suas obras, menção à característica de espécie, pelo menos não da forma como Prisciano alude. Todavia, como podemos ver na citação a seguir, ele já admitia, claramente, que palavras de diversas classes podiam dar origem a um advérbio.

Os advérbios ou nascem a partir de si mesmos, como *heri* (ontem), *hodie* (hoje), *nuper* (há pouco) ou a partir de outras partes da oração, como: de um nome apelativo, como *doctus* (sábio) > *docte* (sabidamente); de um nome próprio, como *Tullius* (Túlio) > *Tulliane* (à maneira de Túlio); de um termo, como: *ostium* (porta) > *ostiatim* (de porta em porta); de um pronome, como *meatim* (ao meu modo), *tuatim* (ao teu modo); de um verbo, como *cursim* (de carreira), *strictim* (estritamente); de um nome e verbo, como *pedetemptim* (pé ante pé); de um participio, como *indulgens* (indulgente) > *indulgender* (indulgentemente)<sup>7</sup>

Donato trata dos advérbios em duas obras: *Ars Minor* e *Ars Maior*. Ele define, em ambas as obras, que o advérbio é uma parte da oração que, acrescida ao verbo, amplia e completa seu significado<sup>8</sup>. Na *Ars Maior*, o gramático acrescenta a essa definição os exemplos *iam faciam* e *non facia*, respectivamente, *farei imediatamente* e *não farei*.

Na *Ars Minor*, Donato considera que os advérbios têm três acidentes: significação, comparação e figura. A significação é definida por ele como a distinção entre os diversos subtipos de advérbios. Assim, os advérbios se subdividiriam em advérbios de tempo, de lugar, de número, de negação, de afirmação, de exortação, de desejo, de demonstração, de ordem, de interrogação, de semelhança, de qualidade, de quantidade, dentre outros.

A definição de Donato difere um pouco da de Prisciano, vez que defende haver apenas dois tipos de figura (simples, como *docte*/sabidamente, *prudenter*/prudentemente, e composta, como *indocte*/ignorantemente, *inprudenter*/imprudentemente)<sup>9</sup> e não três.

<sup>6</sup>figurae aduerbiorum sunt tres, simplex, composita, decomposita. |simplex, ut diu, huc; composita, ut interdiu, adhuc; decomposita, quae |a compositis deriuatur, ut a potente potenter, a misericorde |misericorditer, ab indocto indocte, ab imprudente imprudenter. (PRISCIANO, *Institutiones grammaticae*)

<sup>7</sup>aduerbia aut a se nascuntur, ut heri, hodie, nuper, aut ab aliis partibus orationis |ueniunt: a nomine appellatiuo, ut doctus docte; a proprio, ut Tullius Tulliane; a|uocabulo, ut ostium ostiatim; a pronomine, ut meatim, tuatim; a uerbo, ut cursim, strictim; |a nomine et uerbo, ut pedetemptim; a participio, ut indulgens indulgender. (DONATO, *Ars Maior*)

<sup>8</sup>aduerbium quid est? pars orationis, quae adiecta uerbo significationem eius explanat | atque inplet (DONATO, *Ars Minor*) aduerbium est pars orationis, quae adiecta uerbo significationem eius explanat atque |inplet, ut iam faciam uel non faciam. (DONATO, *Ars Maior*)

<sup>9</sup>figurae aduerbiorum quot sunt? duae. quae? simplex et composita: simplex, | ut docte, prudenter; composita, ut indocte, inprudenter. (DONATO, *Ars Minor*)

Em suma, pode-se dizer que, em geral, os gramáticos clássicos definiam os advérbios como um elemento indeclinável que modifica o verbo. Os autores aqui referidos reconhecem que certos advérbios são derivados de nomes, mas encontramos nessas gramáticas menção apenas a construções sintéticas, típicas do latim clássico, não a locuções perifrásticas com valor adverbial, compostas por substantivos como *modo* ou *mente* no ablativo e acompanhados de adjetivos, ainda que, como afirma Camara Jr (1979), tais construções já fossem utilizadas na variedade clássica.

## 2.2 As gramáticas pré-NGB

A fim de verificar a definição da classe adverbial e o tratamento dos advérbios em *–mente* nas gramáticas de língua portuguesa, recorreremos a obras anteriores a NGB datadas entre os séculos XVI e XX.

No que concerne à definição da classe adverbial, para João de Barros (1540), autor de uma das primeiras obras que se propõe a realizar uma descrição gramatical da língua portuguesa, o advérbio é uma das partes da oração cujo nome adveio da classe dos verbos, uma vez que, segundo ele, está sempre conjunta ao verbo. Desse modo, o autor afirma que a função do advérbio é dar ao verbo uma qualidade ou quantidade accidental, como os adjetivos para os substantivos.

Dom Jeronymo (1725), por seu turno, apresenta uma definição de advérbio mais voltada às características mórficas, vez que o define como uma palavra que não se declina por casos, não tem tempo e, quando junta a outra palavra, determina e declara sua significação.

Entre os gramáticos do século XIX, Barbosa (1822) e Pestana (1849) comparam os advérbios a uma preposição. Para o primeiro, o advérbio é uma redução ou expressão abreviada da preposição com seu complemento em uma palavra invariável. Para o segundo, ele é uma palavra ou locução elíptica que equivale a uma preposição com um nome que ordinariamente designa uma relação de circunstância.

Constancio (1831, p. 157) os considera

locuções mais ou menos compostas e mais ou menos contratas formadas de adjetivos ou substantivos, sós ou combinados entre si ou com uma preposição, e até com um verbo, sendo os elementos de que são compostos ora expressos, ora subentendidos por elipse.

Quanto à forma, o tratamento de João de Barros ainda é bastante semelhante à dos antigos gramáticos romanos. Como estes, João de Barros também defende que os advérbios



possuem três acidentes: espécie, figura e significação. A definição dos acidentes é praticamente igual às de Prisciano e de Donato, gramático romano que escreveu por volta de 400 d. C. Todavia, ao tratar da significação, João de Barros (1540) assume que, como os advérbios possuem muitas significações, não é possível compreender todas, por isso ele se propõe apenas reduzi-las a regras gerais e mencionar somente algumas, conformando-se com a ordem dos latinos. Ele cita as significações *de lugar, de tempo, de qualidade, de quantidade, de afirmar, de negar, de duvidar, de demonstrar, de chamar, de desejar, de ordenar, de perguntar, de acrescentar, de apartar, de jurar, de despertar, de comparar, de acabar*.

Mesmo as gramáticas do século XX, em geral, não se distanciaram tanto dos romanos. Silva Jr e Andrade (1913), Maciel (1916), Gomes (1930), por exemplo, dividem os advérbios em *essenciais, acidentais ou palavras adverbizadas e locuções ou expressões adverbiais*. Os *essenciais* figuram sempre como advérbios e podem, conforme Silva Jr e Andrade (1913), ser *simples* ou *compostos*. Os *simples* são geralmente formados de advérbios latinos, como *onde (unde), sempre (semper)* etc. Os *compostos* são formados por elementos latinos (geralmente advérbios reforçados por preposições) que, segundo os autores, já se fundiram no português. A ser assim, o processo de lexicalização de tais advérbios em língua portuguesa estaria, segundo os autores, concluso em português. São exemplos de advérbios essenciais compostos *agora (ac-hora), assás (ad satis)* etc. Os *acidentais* são palavras de outras classes gramaticais empregadas adverbialmente, por exemplo, *forte, alto, certo*. Por fim, as *locuções adverbiais* são, conforme os autores, formadas por duas ou mais palavras que funcionam como advérbios, como *em vão, às cegas* etc.

Vale notar ainda que, para Dom Jeronymo (1725), há advérbios que são nomes com seus artigos, como *às claras, à tarde* e há advérbios que se formam de adjetivos, como os advérbios em *-mente*, e advérbios que não se formam de adjetivos, como *onde*. O autor já reconhece que os advérbios podem modificar não apenas verbos, mas também adjetivos. Na maioria das gramáticas dos séculos XIX e XX que verificamos – a saber: Barbosa (1822), Constancio (1831), Pestana (1849), Ribeiro (1910), Silva Jr e Andrade (1913), Maciel (1916), Gomes (1930), Cruz (1941), Bueno (1951), Pereira (1952) e Said Ali (s/d) –, os autores vão ainda mais além, vez que assumem que os advérbios são capazes de modificar, além de verbo e adjetivos, outros advérbios. Barbosa (1822) e Silva Jr e Andrade (1913) mencionam até mesmo a possibilidade dos advérbios incidirem sobre escopos ainda mais variados. Para Barbosa (1822, p. 334), eles são capazes de modificar “qualquer palavra suscetível de determinação (...), como se pode ver nesse exemplo: *Jesus Chrito He verdadeiramente Deos, eao mesmo tempo verdadeiramente homem*”. Silva Jr e Andrade (1913) citam um exemplo

semelhante ao de Barbosa (1822) – *Gonçalves Dias era verdadeiramente poeta* – e afirmam que os advérbios podem se juntar também a um substantivo comum.

Quanto aos advérbios em *–mente* especificamente, encontramos observações em praticamente todas as gramáticas. João de Barros (1540) e Dom Jeronymo (1725) fazem menção à possibilidade de se formar advérbios acrescentando-se o *–mente* à forma feminina de adjetivos. No que concerne à significação, nenhum dos dois gramáticos apresenta a classificação de tais advérbios. Entretanto, Barros (1540) cita tais advérbios para exemplificar os advérbios definidos por ele como *de ajuntar (juntamente)* e *de acabar (finalmente)*.

Lobato (1770) e Constancio (1831), por outro lado, associam tais advérbios aos de qualidade. Todavia, os exemplos de Lobato (1770) não condizem com sua definição, já que construções como *certamente* e *semelhantemente* são usadas para exemplificar os advérbios *de afirmar* e *de comparar*, respectivamente.

Ribeiro (1910), Silveira Bueno (1951) e Gomes (1930) afirmam que a maior parte desses advérbios expressa a noção de modo. Note-se que, ao se referir “a maior parte desses advérbios”, os autores deixam entrever que alguns advérbios podem expressar noções diferentes da de modo. Além disso, os dois primeiros gramáticos também mostram, em seus exemplos, advérbios em *–mente* exprimindo, por exemplo, afirmação (*decididamente*, *certamente* etc). Em nota, Silveira Bueno (1951) esclarece que alguns advérbios desse tipo costumam figurar também como advérbios de ordem, mas se confundem com os de modo (*primeiramente*, *finalmente*). Sendo assim, fica claro que, de certo modo, os autores admitem que tais advérbios não exercem unicamente a função de modo.

Silva Jr e Andrade (1913) e Maciel (1916), ao contrário dos que já mencionamos, asseveram claramente que tais advérbios podem exprimir outras significações e não apenas a de modo. Para Silva Jr e Andrade (1913, p. 158), o advérbio *remotamente*, por exemplo, pertence às classes de tempo, lugar, modo. Maciel (1916) esclarece que, na língua portuguesa, tais advérbios estão se expandindo e aparecendo como diferentes espécies, como tempo (*frequentemente*, *primeiramente*, *diariamente* etc) e lugar (*internamente*, *externamente*, *proximamente* etc).

Cumprir notar ainda que diversos gramáticos se referem a *–mente* com os termos *palavra* ou *nome*, e não sufixo. Estão entre tais autores, por exemplo, Barros (1540), Dom Jeronymo (1725), Constancio (1831) e Pestana (1849). Fica claro, assim, que, até o início do século XVIII, o *mente* ainda é visto como uma palavra, o que mostra que a construção *adjetivo + mente* ainda não estava totalmente lexicalizada.

### 2.3 As gramáticas pós-NGB

Nesta seção, analisaremos algumas gramáticas posteriores a NGB, a fim de verificar como as gramáticas atuais abordam os advérbios e, em especial, os formados com *–mente*.

Almeida (1983), como era de se esperar de um gramático latinista, define os advérbios de maneira muito semelhante à que definiam os gramáticos latinos. Segundo ele, o advérbio é qualquer palavra que puder modificar um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Como os latinos e como João de Barros (1540), Almeida (1983) também afirma que os advérbios devem ser considerados sob três aspectos: circunstância, função e forma.

A circunstância, para o gramático, corresponde à ideia expressa pelo advérbio. Assim, Almeida (1983) afirma que, quanto à circunstância, os advérbios classificam-se em: lugar, tempo, modo, negação, dúvida, intensidade e afirmação. No que se refere à função, ele assevera que certos advérbios podem ser conjuntivos; são os chamados interrogativos, que figuram em orações interrogativas tanto diretas como indiretas e podem exercer as seguintes circunstâncias: lugar, tempo, modo e causa. Por fim, no que respeita à forma<sup>10</sup>, os advérbios, conforme Almeida (1983), se dividem em advérbios propriamente ditos e locuções adverbiais.

Especificamente sobre os advérbios em *–mente*, Almeida (1983) afirma que tais advérbios podem indicar modo, lugar ou qualquer outra circunstância, pois a ideia expressa pelas construções adverbiais em *–mente* depende do adjetivo ao qual o sufixo *–mente* é acrescido. Como exemplo, Almeida (1983, p. 321) cita: “*exteriormente* (lugar), *primeiramente* (tempo), *certamente* (afirmação), *cortesmente* (modo)”.

Um dado a se destacar nesta obra é a severa crítica que o autor faz sobre o acréscimo do *–mente* a bases adverbiais, como *apenasmente* e *derrepentemente*. Ao criticar essas formações, Almeida (1983) acaba por assumir que tais formas são utilizadas.

Esses usos podem ser interpretados de duas formas distintas e merecem investigação. Podem ser indício de que o processo de gramaticalização do *–mente* já está em um nível bastante elevado, vez que ele já estaria esvaziado a ponto de poder ser adjungido a vários tipos de base e não apenas a adjetivos. Todavia, podem também ser interpretados como indício de que *apenas* e *de repente* estão perdendo seu valor adverbial. Escritores inexperientes, inclusive, por vezes escrevem *derrepente* como uma palavra simples e não

---

<sup>10</sup>Almeida (1983, p. 532) explica que, em sua obra, “entende-se por forma, para efeito de classificação de palavra, a maneira, o aspecto, o modo com que ela se apresenta à vista ou ao ouvido, isto é, se a palavra que se considera se apresenta verdadeiramente numa só ou em duas (*locução*)” [grifo do autor].

como uma locução. Assim, se esses elementos estiverem realmente perdendo valor adverbial, a adjunção de *-mente*, que, conforme Almeida (1983), é o único sufixo adverbial da língua portuguesa, pode significar apenas uma tentativa de reforço do valor adverbial.

Outra gramática que se situa no período pós-NGB é a de Cunha; Cintra (1985). Os autores afirmam que os advérbios são, fundamentalmente, modificadores do verbo. Todavia, alguns advérbios agregam a essa função básica outras funções. Os advérbios de intensidade e formas semanticamente correlatas, por exemplo, são capazes de reforçar o sentido de adjetivos e de outros advérbios. Além disso, os autores assumem que alguns advérbios modificam toda a oração.

Os advérbios, conforme Cunha; Cintra (1985), expressam não só uma circunstância como também qualquer outra ideia acessória. Quanto às espécies dos advérbios, os gramáticos citam a distinção da NGB: de afirmação, de dúvida, de intensidade, de lugar, de modo e de negação. Destacam também que a essa lista a Nomenclatura Gramatical Portuguesa (NGP) acrescenta os advérbios de ordem, de exclusão e de designação. Os dois últimos, segundo os gramáticos, foram colocados pela NGB num grupo à parte, sem denominação, pois se ponderou que eles não apresentavam as características normais dos advérbios. Apesar de reconhecerem que “‘denotar’ é próprio das unidades lexicais em geral”, Cunha e Cintra (1985, p. 540) acabam adotando provisoriamente a denominação proposta por Oiticica, *palavras denotativas*, por falta de uma designação mais precisa e mais generalizada.

Quanto aos advérbios em *-mente*, os autores afirmam que quase todos são exemplos de advérbios de modo, porém algumas dessas formas, como *certamente*, *possivelmente*, também figuram, respectivamente, como exemplos de advérbios de afirmação e de dúvida. Os advérbios *primeiramente* e *ultimamente* são citados como exemplos dos advérbios tidos pela NGP como de ordem.

Vale ressaltar que, nessa obra, há uma seção especial para tratar do fenômeno de braquissemia dos advérbios em *-mente*. Cunha; Cintra (1985) asseveram que, quando dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, é possível tornar a frase mais leve, juntando o sufixo apenas ao último adjetivo. Todavia, também defendem que, se a intenção for realçar as circunstâncias expressas pelos advérbios, costuma-se acrescentar o sufixo a cada um dos adjetivos.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> A propósito Lapa (1988) considera o uso da braquissemia menos expressivo que o uso repetido do *-mente* na sequência adverbial, a qual “produz uma sensação de intensidade e o autor entra com simpatia na próprio narrativa” (LAPA, 1988, p.178).

Sacconi (1990) define o advérbio como uma palavra invariável que modifica essencialmente o verbo e, assim como Cunha; Cintra (1985), afirma que os advérbios de intensidade são capazes de modificar também adjetivos e outros advérbios. Para ele, esses advérbios são, na verdade, morfemas de grau, visto que não exprimem nenhuma circunstância, que pode ser definida, segundo o gramático, como toda partícula que esclareça ou modifique um fato.

Quanto à classificação dos advérbios, diferentemente do que prescreve a NGB, o gramático não considera as espécies afirmação e negação como classes adverbiais. Para ele, as palavras que expressam essas ideias não são advérbios, mas palavras denotativas. Os itens *aproximadamente, justamente, só, apenas, tão-somente, exatamente, precisamente* também são considerados pelo autor palavras denotativas, respectivamente, de aproximação, de coincidência, de exclusão e de precisão. Tais itens, nos exemplos citados por Sacconi (1990, p. 121-123) e transcritos em (07-11), são tratados como focalizadores por linguistas como Neves (2011), Ilari (1993) e Souza (2004).

- (07) Voltaremos a nos reunir APROXIMADAMENTE às dez horas;
- (08) JUSTAMENTE agora, que eu vou dormir, chegam visitas;
- (09) Ela olhou *só* para mim, APENAS para mim, TÃO-SOMENTE para mim.
- (10) O comércio fecha às dezoito horas EXATAMENTE;
- (11) Pagou o funcionário PRECISAMENTE no dia 10.

Ainda sobre a classificação dos advérbios, o autor afirma que “nem todos os advérbios terminados em *-mente* são de modo, como querem alguns fazer crer” (SACCONI, 1990, p. 253). O autor cita exemplos de advérbios que expressam a noção de tempo (*diariamente, anualmente, sucessivamente, imediatamente*) e de dúvida (*provavelmente, possivelmente*).

Rocha Lima (1997, p. 174) também defende que os advérbios são palavras modificadoras do verbo, servindo “para expressar as várias *circunstâncias* que cercam a significação verbal”. O autor afirma, ainda, que apenas os advérbios de intensidade podem indicar o grau de adjetivos ou de outros advérbios, por exemplo, “*muito* belo (=belíssimo), vender *muito* barato (= baratíssimo)” (ROCHA LIMA, 1997, p. 174). Dentre os

intensificadores, o gramático afirma também que alguns não se ligam a verbos, mas apenas a adjetivos e outros advérbios, como o *tão*, por exemplo.

Há, para Rocha Lima (1997), as seguintes espécies de advérbios: de dúvida, de intensidade, de lugar, de modo e de tempo. Quanto aos advérbios em *-mente*, há exemplos citados entre os advérbios de dúvida (*provavelmente, eventualmente*), de intensidade (*excessivamente, demasiadamente*), de tempo (*imediatamente, anteriormente, diariamente*) e de modo, espécie na qual o autor afirma que há “muitos adjetivos adverbializados com o sufixo *mente* ou sem ele” (ROCHA LIMA, 1997, p. 175).

Nessa obra, Rocha Lima (1997) não menciona nenhum exemplo de advérbio que modifique uma oração. Ao contrário, afirma que algumas palavras e locuções que indicam afirmação (entre as quais está a construção *certamente*), negação, exclusão, inclusão, avaliação, designação, explicação, retificação etc. não podem ser consideradas advérbios, pois não expressam circunstância e, por vezes, modificam uma frase inteira e não um verbo em particular. Ele ainda ressalta que há palavras denotativas que se referem não apenas ao verbo, mas à oração como um todo, “manifestando-se, por meio delas, uma *apreciação* da pessoa que fala”. Como exemplo, ele cita:

(12) FELIZMENTE não choveu;

(13) DECERTO, ele ajudará o irmão.

Por fim, é importante considerar a seção na qual Rocha Lima (1997) atenta para especificações dos empregos de alguns advérbios como o uso de *melhor* e de *pior*, o emprego dos advérbios interrogativos, a grafia do advérbio interrogativo *porque*. Nessa seção, o autor também trata da braquissmia dos advérbios em *-mente*, afirmando que, quando há na frase vários advérbios em *-mente*, é comum que o sufixo seja empregado apenas no último. Finalmente, Rocha Lima (1997, p. 347) afirma que, ainda que flexionados, adjetivos podem funcionar como advérbios, como no exemplo abaixo:

(14) A vida e a morte combatiam SURDAS

No silêncio e nas trevas do sepulcro. (Fagundes Varela).

Para Bechara (2009, p. 287), o advérbio é “a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”.

O gramático ressalta ainda que o advérbio é constituído de palavras de natureza nominal ou pronominal, que geralmente modificam o verbo. Contudo, assim como Cunha; Cintra (1985) e Rocha Lima (1997), Bechara (2009) também defende que os intensificadores modificam elementos diferentes do verbo. Enquanto Cunha; Cintra (1985) e Rocha Lima (1997), como vimos anteriormente, afirmam que esses advérbios modificam adjetivos e advérbios, Bechara (2009) defende que eles também podem modificar uma declaração inteira.

Diferentemente da maioria dos gramáticos, Bechara (2009), como os gramáticos do período pré-NGB, Silva Jr e Andrade (1913), considera que certos advérbios podem modificar substantivos, sobretudo quando este é entendido, não como uma substância, mas como a qualidade que essa substância apresenta.

Quanto aos advérbios em *-mente*, o autor afirma que são de natureza nominal e, fonológica e morficamente, ficam a meio caminho entre a derivação e a composição. Além disso, o autor alude ao duplo acento fonológico e à braquissemia dessas construções.

## 2.4 Síntese conclusiva

A descrição do advérbio nas gramáticas tradicionais do latim ao português sofreu significativas alterações. No que concerne ao escopo, os gramáticos do latim afirmam que os advérbios eram essencialmente modificadores do verbo, não incidindo em outras camadas da oração, o que condiz com os usos do latim clássico e vulgar conforme indicou pesquisa anterior (GONDIM, 2011).

As gramáticas portuguesas anteriores à NGB, como a de João de Barros (1540), muito se assemelham às gramáticas do latim ao relacionar o advérbio apenas ao verbo. Já as gramáticas dos séculos XIX e XX, em geral, admitem que, na língua portuguesa, os advérbios são capazes de incidir em outras camadas da oração e não apenas do verbo.

Os gramáticos pós-NGB nos pareceram mais rígidos que os pré-NGB, talvez pelas restrições impostas pela Portaria. Apesar de assumirem que os advérbios podem incidir também sobre adjetivos e advérbios, alguns deles, como Cunha; Cintra (1985), Sacconi (1990), Rocha Lima (1997) e Bechara (2009), tratam o verbo como escopo essencial e os demais como exceções. Tais gramáticos defendem que apenas alguns tipos de advérbios, como os intensificadores, são capazes de atuar sobre elementos da oração diferentes do verbo.

Quanto aos advérbios em *-mente*, talvez pelas próprias características da modalidade clássica da língua latina, não foram estudados pelos gramáticos romanos, que se ocuparam apenas das formas adverbiais sintéticas, quer fossem primitivas quer fossem derivadas. De todo modo, vale observar que, apesar de terem se tornado mais comuns no latim vulgar, as construções adverbiais formadas de adjetivo e *mente* tiveram início ainda no latim clássico, fato ignorado por tais gramáticas.

Nas gramáticas da língua portuguesa, há referências que sinalizam uma semiconsciência de uma situação de mudança sofrida pelos advérbios em *-mente*, apoiada, provavelmente, no largo uso de tais formas na língua escrita. Destaque-se a expansão funcional da construção, indiciada pelas observações de Silveira Bueno (1951) acerca da possibilidade de tais advérbios expressarem a noção de ordem e pelas considerações de Maciel (1916) quanto à capacidade desses advérbios de exprimirem os valores de tempo e de lugar.

Vale notar, ainda, o valor semântico do adjetivo como determinante do significado do advérbio em *-mente*, a ponto de Almeida (1983) considerar que a formação pode assumir qualquer significado e não apenas o de modo, o que nos leva a concluir ser, para o autor, o elemento *-mente* vazio de sentido.

Em suma, evidencia-se que certas mudanças sofridas pelas formas em *-mente* no processo de gramaticalização (expansão funcional, ampliação do escopo de tais formas) refletem nas considerações sobre essas formas mesmo nas gramáticas tradicionais. No capítulo 3, discorreremos sobre o tratamento dados a essas formas na linguística moderna.



### 3 OS ADVÉRBIOS EM *-MENTE* NA DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA: REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, faremos uma breve discussão sobre a gênese e o comportamento dos advérbios em *-mente* do latim ao português trecentista, partindo dos resultados obtidos em Gondim (2011). Além disso, discutiremos a descrição linguística dos advérbios em geral e, em especial dos advérbios em *-mente* na literatura linguística.

#### 3.1 A gênese dos advérbios em *-mente*

É sabido que os advérbios em *-mente* são oriundos de construções latinas, constituídas com substantivo feminino latino *mens, mentis*, que significa “mente, espírito”. Segundo Camara Jr. (1979), inicialmente, esse substantivo era utilizado no ablativo e combinado com um adjetivo que se queria usar adverbialmente. Como devia concordar com o substantivo a que se referia, esse adjetivo também era declinado no caso ablativo e no gênero feminino.

A respeito da gênese dessas construções, Maurer Jr. (1959) acredita que esse emprego adverbial do adjetivo acrescido do *-mente* tem sua origem no latim vulgar. Prova disso seria, conforme o autor, que as expressões formadas com o ablativo *mente* são usadas com alguma frequência pelos autores cristãos e que as formações em *-mente* são próprias de quase todas as línguas neolatinas, excetuando-se apenas o romeno. Para Duarte (2009), esse mecanismo pode ter origem ainda no latim clássico. Väänänen (1975) cita exemplos de formações com *mente* nos autores clássicos Vergílio e Cícero, e Coutinho (2005, p. 254) detecta exemplo de tais formações em Ovídio – “*mente ferant placida*” – e em Quintiliano – “*bona mente factum*”-.

Cavalcante (1998), por sua vez, pondera que, no latim clássico, já se empregava o *mente* em perífrases adverbiais e, no latim vulgar, este uso se torna mais recorrente. O autor explica que o latim clássico, como é sabido, era mais sintético, por isso, utilizavam-se preferencialmente certas formas no ablativo e no acusativo ou algumas terminações que, acrescidas a adjetivos, formavam advérbios, como *-ē, -ter* ou *-iter, -ō, -um, -a, -im, -tim, -atime -itus*. Algumas dessas terminações, inclusive, podem formar advérbios sendo acrescidas não só a adjetivos, mas também a numerais e participios, por exemplo. Entretanto, além dessas formas sintéticas, Cavalcante (1998) ressalta que, mesmo não sendo tão frequentes, havia também algumas formas adverbiais analíticas, como as construídas com sintagmas

preposicionais — formadas com a preposição latina *cum* acompanhada de nomes no ablativo — e as locuções perifrásticas.

Quanto às locuções perifrásticas, Cavalcante (1998) afirma que tais locuções eram empregadas no ablativo ou no acusativo (se acompanhados da preposição *in*), e associavam adjetivos ao substantivo *modo*. Assim, segundo o autor, *humano modo*, *lento modo* e *mirum in modum*, significam, respectivamente, *de modo humano* ou *humanamente*, *de modo lento* ou *lentamente* e *de modo admirável* ou *admiravelmente*. O autor afirma que, naturalmente, houve uma substituição de *modo* por *mente* para indicar a atitude do sujeito falante, devido ao caráter especificamente psicológico do segundo elemento. Assim, o autor cita as frases de notórios representantes da variedade clássica do latim, transcritas em (15-18), em que o substantivo *mens, -tis* é utilizado com valor psicológico junto a um adjetivo.

(15) Deos pura, INTĒGRA, INCORRUPTA ET MENTE et uoce uenerari debemus (CÍCERO)

*Devemos venerar aos deuses não só com a voz mas também com a mente pura, íntegra e incorrupta (=pura, íntegra e incorruptamente)*

(16) MENTE ferent PLÁCIDA (OVÍDIO)

*Que o suportem de espírito sereno (=serenamente)*

(17) OBSTINATA MENTE perfer (CATULO)

*Resiste com a mente obstinada (=obstinadamente)*

(18) Sensit enim SIMULATA MENTE locutam esse (VERGÍLIO)<sup>12</sup>

*Percebeu (Vênus) que ela (Juno) falou com intenção simulada (=simuladamente)*

Em um estudo empírico, usando como *corpus* obras de Vergílio e de Ovídio, com o objetivo de verificar o valor semântico do *mente* em construções com função ablativa (cf. GONDIM, 2011), acabamos por concordar com Duarte (2009) e Cavalcante (1998) quanto à genuinidade clássica dessas construções, pois, mesmo que timidamente e ainda com uma forte significação psicológica, tais construções eram utilizadas já no latim clássico.

<sup>12</sup> Quanto à locução **simulata mente** usada por Vergílio, há uma nota no respeitado dicionário latino de F. R. dos Santos Saraiva, na qual se traduz essa expressão como *com dissimulação* e não como *com mente dissimulada*, o que nos faz pensar que o autor já percebe em tal locução um início de gramaticalização.

Lapa (1988) defende que essas construções são literárias e eram pouco usadas nas línguas vulgares. Segundo ele, por esse motivo, os prosadores do século XIII fizeram pouco uso de tais formações. Todavia, por influência das novelas de cavalaria francesas, que expressavam forte ideal religioso, advérbios em *-mente* como *verdadeiramente*, *baldosamente*, *cruelmente*, *fortemente*, *lealmente* etc passaram a ser mais frequentemente utilizados. Sendo assim, o autor defende que a profusão desse advérbio nas línguas românicas está relacionada ao seu potencial estilístico.

### 3.2 Estatuto conceitual e funcional dos advérbios em *-mente*

Como vimos no capítulo anterior, os advérbios em *-mente* são capazes de exercer várias funções e não apenas a de modo, e podem incidir não apenas sobre verbos. Estes fenômenos têm sido largamente descritos por diversos linguistas que estudaram o comportamento das formas em *-mente*, na fala e na escrita.

Castilho (1993) investigou o comportamento sintático-semântico dos advérbios modalizadores no português falado. No que concerne aos advérbios em *-mente*, ele afirma que todos, com exceção apenas dos delimitadores, integram a classe dos advérbios de sentença, ou seja, advérbios que apresentam uma fraca conectividade com o verbo da sentença. Seu trabalho representa grande contribuição para a descrição destas formas, especialmente no que tange à classificação destas, e tem sido ponto de partida para trabalhos que vieram depois.

Ilari (1993) pesquisou os advérbios aspectualizadores<sup>13</sup> em amostras do NURC. O estudo teve como objetivo principal estabelecer, sumariamente, as distinções entre anáfora temporal e dêixis temporal. Para ele, os dois processos apresentam diversas semelhanças: a) expressam noções de simultaneidade, anterioridade e posterioridade; b) podem fazer referência a horários e calendários e medir o tempo em segmento de natureza convencional; e c) podem sugerir cálculos de cronologia que podem recorrer à noção de momento e de intervalo.

Por outro lado, uma característica marca a distinção entre esses dois processos: apenas a dêixis temporal se relaciona com o momento da fala, utilizando-o como referência para localizar outros momentos ou períodos.

---

<sup>13</sup> Em nossa análise não fizemos distinção entre os advérbios aspectuais e os temporais, vez que concordamos com Neves (1993), que afirma que o fato de o fator *aspecto* se acoplar à categoria *tempo* foi reconhecido já pelos estoicos, que estabeleciam, quanto aos *tempos determinados*, dois valores temporais (passado e presente) e dois valores aspectuais (complemento e durativo).

Portanto, há advérbios que podem se relacionar ora a um processo, ora a outro, e advérbios que são empregados apenas como dêiticos ou apenas como anafóricos. Por exemplo, *anteriormente* pode ser empregado tanto como dêitico, quanto como anafórico, quando expressar anterioridade em relação a determinado momento apresentado no texto, e não ao momento da fala. Já *atualmente* sempre está, segundo o autor, relacionado ao momento da fala e, por isso, sempre funciona como dêitico.

Ilari (1993), como Souza (2004) e Lima (2006), como veremos adiante, dedicou-se ao estudo dos advérbios focalizadores. Para Ilari (1993), a operação de focalização é realizada quando uma expressão adverbial aplicada a um segmento da oração explícita que, devido a uma operação prévia de verificação, o segmento fornece informações mais exatas que a média do texto. A operação de verificação, por sua vez, implica, conforme Ilari (1993, p. 196) “um roteiro próprio, por exemplo, a comparação implícita com algum modelo ou parâmetro recuperável no co(n)texto”.

Além da definição de focalização, outra grande contribuição de Ilari (1993) é a formulação de categorias de focalização. Ele distingue seis tipos distintos de expressões focalizadoras que implicam em seis tipos de “operações de verificação”: a) *verificação de número*, quando um número é apresentado como um resultado exato ou como um resultado de uma operação específica de totalização; b) *verificação de proporção*, quando o advérbio associa uma ideia de proporcionalidade a propriedades e relações expressas por adjetivos, verbos etc; c) *verificação de coincidência com um protótipo*, quando o advérbio indica que uma determinada propriedade ou relação se realiza de maneira prototípica; d) *verificação de identidade ou congruência*, quando o advérbio identifica uma coincidência com indivíduos, lugares ou momentos explicitados no próprio texto; e) *verificação de factualidade*, quando o advérbio aparece na conclusão, executando a função de reforço (o advérbio realça a verdade da própria conclusão) ou a função de discussão (o advérbio dá a entender que seria incorreto apoiar opiniões contrárias); e f) *confronto de tipologias*<sup>14</sup>, quando o advérbio é utilizado para situar objetos e ações em determinados espaços que são retomados do conhecimento compartilhado ou organizados pelo locutor durante o desenvolvimento do texto.

Souza (2004), por sua vez, sugere que apenas os tipos considerados, por Ilari (1993), como “verificação de identidade ou congruência” e “verificação de número” podem, realmente, atuar na marcação de foco e que os outros tipos talvez sejam, na verdade, o que

---

<sup>14</sup> Os advérbios em *-mente* aparecem em todos os tipos de focalização apresentados em Ilari (1993).

Hengenveld (1997) e Dik (1990) chamam de satélites de proposição<sup>15</sup>, já que seu escopo tende a incidir sobre uma proposição.

Em seu trabalho, Souza (2004) se baseia na proposta de Dik, que entende que o foco é, em uma determinada situação comunicativa, a informação mais importante, mais saliente e, por isso, considerada pelo locutor essencial para o ouvinte. Para ele, dois parâmetros devem ser considerados na subcategorização dos focalizadores: o escopo e a finalidade comunicativa. O primeiro é referente à parte da oração que é focalizada, e o segundo diz respeito às razões pragmáticas que motivam a escolha da parte oracional que será focalizada.

Ao descrever o comportamento dos advérbios focalizadores, Souza (2004) analisou os aspectos sintático-semânticos, pragmáticos e prosódicos dessas formações no português brasileiro atual. Quanto aos aspectos sintático-semânticos, ele afirma que o português do Brasil apresenta uma vasta gama de advérbios capazes de atuar como focalizadores. Em seu *corpus*, os advérbios mais recorrentes foram *também* e *só*. Contudo, mesmo em menor quantidade, também foram encontrados diversos focalizadores em *–mente*: *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *somente*, *exclusivamente*, *especialmente* e *especificamente*.

Sobre a ordenação dos advérbios focalizadores em relação ao seu escopo, Souza (2004) concluiu que, em 80% dos casos, tais advérbios ocorrem à esquerda do elemento sobre o qual incidem. Além disso, as ocorrências de maior complexidade, isto é, as que apresentam mais de uma possibilidade de escopo são mais frequentes nos 20% dos casos em que os focalizadores aparecem à direita do elemento focalizado. O focalizador em *–mente* *principalmente* teve a segunda maior frequência à direita de seu escopo.

No que se refere aos aspectos pragmáticos, Souza (2004) considerou a classificação de foco proposta por Dik (1989), na qual se entende que a finalidade comunicativa da expressão focalizadora pode ser completiva ou contrastiva<sup>16</sup>. O foco contrastivo se subcategoriza em: *paralelo*, quando o constituinte está envolvido em

---

<sup>15</sup>Dik *et al* (1990) apresenta, em seu modelo hierárquico da oração, quatro tipos de satélites, a saber: *satélites de predicado* (s1), que são considerados como meio lexical que especificam internamente a predicação (satélites de *modo*, por exemplo, se ligam ao verbo, predicado); *satélites de predicação* (s2), que localizam o estado-de-coisas da predicação em um mundo real ou imaginário; *satélites de proposição* (s3), que especificam a atitude do falante acerca do conteúdo da proposição; e *satélites ilocucionários* (s4), que constituem um meio lexical que modifica ou especifica o valor ilocucionário de um ato de fala. A esses quatro tipos, Hengeveld (1997) acrescenta uma quinta categoria: os *satélites oracionais* (s5), que localizam o enunciado do falante dentro do contexto discursivo, restringindo o conjunto de perlocuções potenciais do enunciado.

<sup>16</sup> O foco é denominado completivo quando se constitui de uma informação nova, que não envolve nenhum contraste; e é tido como contrastivo, como o próprio nome deixa perceber, quando envolve um contraste entre o constituinte foco e as partes alternativas da informação, que podem ser ou não explicitadas no discurso.

construções paralelas, e *contra-presuposicional*, quando o falante pressupõe certas informações pragmáticas que devem ser substituídas, ou expandidas, ou restauradas pelo ouvinte. Este *foco contra-presuposicional*, por sua vez, se subdivide em:

- a) *substitutivo*, quando o falante pressupõe que uma parte da informação do ouvinte está incorreta e tenta substituí-la (por exemplo, ocorrências como *não X, mas Y*);
- b) *expansivo*, quando o falante pressupõe que uma parte da informação do ouvinte está incompleta e tenta, por isso, expandi-la (por exemplo, ocorrências como *também Y*);
- c) *restritivo*, quando o falante pressupõe que uma parte da informação do ouvinte está correta, mas outra parte está incorreta, tentando, assim, restringir a informação do ouvinte a um conjunto de itens que ele considera mais adequado (por exemplo, ocorrências como *Somente X*);
- d) *seletivo*, quando o falante acredita que uma das informações do ouvinte está correta, mas não sabe identificá-la (por exemplo, ocorrências como *X ou Y – X!*).

Os advérbios focalizadores encontrados em Souza (2004) foram dos tipos: *expansivos*, *restritivos*, *seletivos* e *completivos*. Não houve ocorrências de marcadores de foco paralelo e de marcadores de foco substitutivo.

Os advérbios em *–mente* figuraram entre os marcadores de foco restritivo (*somente* e *exclusivamente*) e seletivo (*principalmente*, *exatamente*, *especialmente* e *especificamente*); e entre os advérbios capazes de expressar três tipos distintos de foco, expansivo, restritivo e completo (*justamente*).

Em outros trabalhos, como os de Pinto (2008) e Nunes (2009), integrantes do grupo D&G, e Lima (2006), foram estudadas funções específicas dos advérbios em *–mente*. Pinto (2008) se dedicou ao estudo dos qualificadores em *–mente*, considerando a polissemia e o processo de gramaticalização na observação das diferentes ordenações que esses advérbios podiam assumir no português dos séculos XV a XX.

Conforme a autora, nos séculos mais antigos, os qualitativos em *–mente* ocorriam preferencialmente na posição pré-verbal e, nos séculos mais recentes, tais advérbios ocorrem preferencialmente na posição pós-verbal. A autora afirma, ainda, que a mudança de ordenação dos qualitativos em *–mente* ocorreu a partir de um decréscimo no uso de advérbios pré-verbais nas cláusulas menos gramaticalizadas. Segundo a autora, no português arcaico, há, em

todos os tipos de cláusulas, uma variação na ordenação (pré-verbal ~ pós-verbal) dos qualitativos em *-mente* que não afeta seu sentido. Tal variação começa a mudar de características, passando a apresentar menos anteposições e a limitar essas anteposições a contextos estilísticos específicos. Já no português atual, os advérbios em posição pré-verbal são utilizados, segundo Pinto (2008), como estratégia argumentativa.

Nunes (2009), por sua vez, empreendeu pesquisa sobre os advérbios temporais e/ou aspectualizadores em *-mente* na modalidade escrita do português contemporâneo. A autora analisou a ordenação dos advérbios temporais e/ou aspectuais em *-mente* em textos do discurso jornalístico contemporâneo, considerando três gêneros distintos: notícia, editorial e artigo<sup>17</sup>. Entretanto, no que concerne às posições assumidas pelos advérbios em *-mente*, não foram encontradas, conforme a autora, diferenças entre os gêneros. Assim, em todos os gêneros analisados, a maioria dos advérbios tende a figurar em posições imediatas ao verbo (AdvV ou VAdv).

Quanto à semântica do advérbio em relação aos gêneros, a autora observou que há predominância de advérbios de tempo real em notícias, vez que esse gênero possui caráter informativo, pouco subjetivo e preferencialmente breve, no qual fatos são apresentados cronologicamente. Em contrapartida, não foi encontrado um grande número de advérbios polissêmicos nesse tipo de texto. Já nos artigos, que têm como característica a parcialidade no posicionamento do falante, foi encontrado um grande número de advérbios aspectuais e de advérbios com a polissemia tempo/aspecto + modo.

Por fim, Lima (2006), partindo do pressuposto de que os advérbios estão divididos em dois grandes grupos: *advérbios verdadeiros* (constituídos com o acréscimo de *-mente*), e *pseudo-advérbios* (constituídos sem a partícula *-mente*), analisou os advérbios focalizadores incluídos no primeiro grupo, à luz da teoria gerativista.

O autor propõe a subdivisão dos focalizadores em *-mente* em dois subgrupos, ambos capazes de modificar, em uma sentença, qualquer elemento de qualquer natureza categorial. No subgrupo A, figuram advérbios como *aproximadamente*, *plenamente*, *absolutamente*, *rigorosamente*, *completamente* etc, que, conforme o autor, parecem ter as seguintes características: a) possuir restrições semânticas ao elemento modificado; b) não possuir grande mobilidade na sentença; c) estar sempre em posição de adjunção ao elemento

---

<sup>17</sup> Na categorização que Nunes (2009) realizou, os gêneros foram categorizados da seguinte forma: a) artigos, que envolveram as notícias de mundo da revista *Época* e da *Folha de São Paulo*, nomeadas pela autora como atualidades, e as notícias de esporte e editoriais da *Folha de São Paulo*, que foram considerados pela autora como artigos de opinião; b) editoriais consistiram apenas nos editoriais da revista *Época*; c) notícias comportaram os editoriais, as notícias de mundo e de esportes do Globo on-line.

modificado, formando, desse modo, um complexo. No subgrupo B, ocorrem advérbios como *somente, exatamente, principalmente, realmente, justamente* etc, que têm características opostas às do subgrupo A, vez que parecem a) não possuir restrições semânticas ao elemento modificado; b) possuir grande mobilidade na sentença; c) poder estar em posição de adjunção em qualquer nível de projeção.

Considerando as funções exercidas pelos advérbios em geral, Neves (2011) dividiu os advérbios em dois grandes grupos: os *modificadores* e os *não modificadores*. Como a nomenclatura deixa prever, os advérbios do primeiro grupo afetam ou modificam o significado do elemento em que incidem, enquanto os do segundo grupo não têm essa propriedade.

Os modificadores são divididos em três subgrupos: advérbios de modo, de intensidade (ou intensificadores) e advérbios modalizadores. Os advérbios de modo incidem sobre verbos ou adjetivos, qualificando uma ação processo ou estado. Os advérbios de intensidade podem associar-se a verbos, adjetivos ou advérbios, reforçando seu conteúdo. Um advérbio frequentemente usado para essa função é o *muito*. Os advérbios modalizadores, por sua vez, se caracterizam por modalizar o conteúdo de uma proposição e estão divididos em 4 subgrupos: os deônticos, epistêmicos, delimitadores e atitudinais.

Os deônticos exprimem a ideia de obrigação em relação ao que é dito, como no exemplo (19). Os epistêmicos manifestam uma avaliação positiva, negativa ou relativa do valor de verdade do que é dito pelo falante, como nos exemplos (20) a (22). Os delimitadores não avaliam o valor de verdade, mas determinam a condição de verdade do que é dito, como no exemplo (23)<sup>18</sup>. Os atitudinais expressarem as emoções do falante em relação ao que é dito, como no exemplo (24)<sup>19</sup>.

(19) O pessoal da antiga Polícia Marítima deverá OBRIGATORIAMENTE fazer cursos de adaptação à Guarda Civil.

(20) EVIDENTEMENTE, sabia de muita, muita coisa.

(21) NATURALMENTE, não falta quem diga que imoral mesmo é a miséria.

(22) PROVAVELMENTE, havia um certo exagero no julgamento.

(23) Em sessenta e quatro trabalhava PROFISSIONALMENTE como radiador.

<sup>18</sup> Neves (2011) observa que os delimitadores também podem marcar como limite um todo genérico, de forma que a delimitação seja feita por uma generalização, como em *São EM GERAL terras ricas em ferro, em cálcio ou em fósforo*.

<sup>19</sup> Os exemplos (19) a (24) foram todos extraídos de Neves (2011).



(24) INFELIZMENTE, não podemos nos divertir na cidade em que moramos.

Segundo a autora, é possível encontrar advérbios em *–mente* exercendo todas essas funções expressas pelo grupo dos modificadores.

O segundo grande grupo de advérbios é o dos *não modificadores*. Neves (2011) subdivide esse grupo em três subgrupos, a saber: a) os que operam sobre o valor de verdade da oração<sup>20</sup>; b) os que não operam sobre o valor de verdade da oração; e c) advérbios que operam conjunção de orações.

Como a autora menciona os advérbios em *–mente* apenas no segundo desses subgrupos, não nos convém discorrer sobre os demais. Os advérbios que não operam sobre o valor de verdade da oração são os *circunstanciais* e os *focalizadores*. Os advérbios circunstanciais são, conforme Neves (2011), de lugar e de tempo, e, conseqüentemente, são dêiticos, ou seja, orientam o ponto de referência do evento de fala. Hengeveld (1997) enquadra esse tipo de advérbio entre os satélites de predicação, que, segundo ele, podem especificar o estado-de-coisas em termos de tempo ou lugar da ocorrência ou em termos de número ou frequência de ocorrências. No que concerne aos focalizadores, Neves (2011) assevera que são advérbios que põem em foco a parte do enunciado que lhes segue. Entretanto, como afirmamos anteriormente, Souza (2004) comprova que advérbios focalizadores podem ocorrer não só à esquerda, mas também à direita de seu escopo.

Cumprido citar ainda um trabalho que trata exclusivamente do processo de gramaticalização da construção morfológica adverbial em *–mente*. Trata-se de Silva; Carvalho e Almeida (2008), que, com uma abordagem essencialmente descritiva e teórica, chegaram à conclusão de que o processo de gramaticalização desse elemento ainda está em andamento. Os autores não consideraram o processo de gramaticalização da construção adverbial em *–mente* como um todo, avaliaram essencialmente as mudanças sofridas pelo elemento *–mente*, que deixou de ser um substantivo para se tornar um formador de advérbios que guarda características tanto de radical quanto de sufixo, estando dessa forma entre o léxico e a gramática.

<sup>20</sup> São advérbios de afirmação e de negação, como nos exemplos a seguir, extraídos de Neves (2011, p. 238):

(1) Aquele rapaz do retrato apareceu SIM no posto dizendo que acabara a gasolina do seu carro perto dali, se não podia vender um galão.

(2) Sozinho, você NÃO descobriria nada.

### 3.3 Síntese conclusiva

As descrições linguísticas dos advérbios em *-mente* evidenciam que, à medida que tais formas se tornaram mais frequentes, foram adquirindo a propriedade de exercer outras funções além da de modo, a exemplo da função de focalizador, estudada por autores como Souza (2004).

As funções de focalizador, circunstanciadores, modificadores e modalizadores já foram descritas em teses e dissertações como Lima (2006) e Nunes (2009), do ponto de vista sincrônico; e Pinto (2008), do ponto de vista diacrônico. Contudo nenhum desses trabalhos se dedicou a investigar essas formas considerando as diversas funções que elas são capazes de exercer, como faremos nesta pesquisa. Além disso, embora trabalhos como o de Silva; Carvalho e Almeida (2008), tenham se dedicado a estudar o processo de gramaticalização das formas em *-mente*, não há ainda investigação que relacione tal processo ao de lexicalização e que analise empiricamente os períodos históricos que esta pesquisa abrange. No próximo capítulo, detalharemos melhor os princípios teóricos que embasam a análise que empreenderemos no capítulo 6.

## 4 EMBASAMENTO TEÓRICO PARA ANÁLISE DA GRAMATICALIZAÇÃO DOS ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

Nesta pesquisa, temos como suporte teórico as teorias funcionais da gramaticalização. Assim, faremos uma breve discussão sobre tal fenômeno, sem perder de vista o fenômeno de lexicalização que nos parece ocorrer em paralelo com a gramaticalização (cf. LEHMANN, 2002). Em seguida, trataremos das funções semântico-pragmáticas que os advérbios em *-mente* são capazes de exercer e, por fim, faremos uma breve discussão sobre a noção de foco. Tais pontos serão imprescindíveis para a análise dos advérbios em *-mente* levada a cabo no capítulo 6.

### 4.1 Gramaticalização e lexicalização

Os primeiros estudos que podem ser identificados como de gramaticalização remontam à China do século X e continuam se desenvolvendo até o século XVII em várias partes do mundo (cf. GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 19). Contudo, segundo Martelotta (2011), apenas no século XIX, esse fenômeno passou a ser estudado de forma mais sistemática. Nesse período, os linguistas se dedicaram ao estudo comparativo de inúmeras línguas, o que os levou a constatar o caráter essencialmente mutável das línguas naturais. Assim, a visão universalista da gramática grega, de influência aristotélica, começou a ceder lugar à chamada gramática histórico-comparativa.

O autor afirma ainda que, com o desenvolvimento dos estudos comparativos, a maneira como os linguistas percebiam a mudança linguística também evoluiu. Segundo ele, inicialmente, Schleicher, representante da primeira geração de comparatistas, propôs, com base na teoria darwiniana, que as línguas teriam um "ciclo de vida". Assim, as línguas nasceriam, se desenvolveriam de um estágio primitivo até atingirem seu auge e, posteriormente, entrariam em declínio e morreriam. Contudo, ainda no século XIX, essa visão foi veementemente negada pelos neogramáticos, que acreditavam que tais mudanças eram decorrentes de hábitos linguísticos individuais. Para o neogramático Brugmann, todas as fases da história linguística poderiam ser explicadas pelos mesmos mecanismos. Assim, todas as mudanças ocorridas no português arcaico poderiam ser explicadas pelas mesmas razões que explicam as mudanças do português atual. As mudanças linguísticas se caracterizariam, portanto, pelo princípio do uniformitarismo. Contudo, os neogramáticos acreditam que,

quando a mudança ocorre de modo inesperado, pode ser explicada pelos processos de analogia ou de empréstimo.

Martelotta (2011) assevera que o comparativismo do século XIX, através, principalmente, dos neogramáticos, lançou as bases para a proposta de abordagem de mudança linguística do Funcionalismo.

Saussure (2008), diferentemente dos neogramáticos, distingue duas linguísticas: a linguística estática (sincrônica) e a linguística evolutiva (diacrônica). A primeira diz respeito ao eixo das simultaneidades, “concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção de tempo se exclui” (SAUSSURE, 2008, p. 95). A segunda diz respeito ao eixo das sucessões, “sobre o qual não se pode considerar mais de uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações” (SAUSSURE, 2008, p. 95).

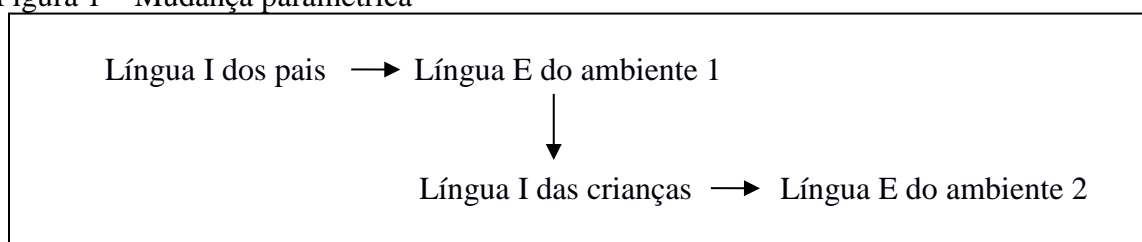
Como é sabido, o mestre genebrino propôs que apenas a primeira se dedicaria ao estudo do sistema linguístico em si, pois, para ele, enquanto a linguística sincrônica se ocupa “das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva”, a linguística diacrônica, ao contrário, se preocupa com “as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistemas em si”. Como se pode perceber, para Saussure, as inovações não afetavam o sistema linguístico diretamente, mas apenas alguns elementos do sistema. Não seria possível estudar a relação entre as formas nova e antiga no mesmo sistema momentâneo, porque essas duas formas apenas se sucederiam em sistemas momentâneos distintos, mas nunca coexistiriam no mesmo sistema. Noutras palavras, Saussure defendia que, para que a forma nova fosse incorporada ao sistema, seria necessário que a forma antiga lhe cedesse lugar. Como veremos adiante, é nesse ponto que se pode criticar a visão saussuriana, pois, nos processos de mudança linguística em geral e, em particular, na gramaticalização, as formas nova e antiga coexistem por longos períodos.

Contudo, percebemos que, ao contrário do que muitos linguistas afirmam, o mestre genebrino já tinha uma percepção relativamente apurada do fenômeno de mudança linguística, apesar de não o ter tomado como objeto de estudo. Para Saussure (2008, p.115), a mudança linguística está diretamente relacionada à fala. Assim, as modificações são lançadas por um certo número de indivíduos e, quando são frequentemente repetidas e aceitas pela comunidade, passam a ser coletivas e, desse modo, a fazer parte da língua. Saussure defende que, enquanto as inovações são individuais, não devem ser levadas em consideração e apenas quando são acolhidas pela coletividade é que devem entrar no campo de observação.

Para a corrente gerativista, segundo Silva (2011), os diferentes modos de falar uma mesma língua ou são considerados superficiais ou são explicados como processo de mudança paramétrica pela existência de gramáticas em competição. Martelotta (2011) afirma que, apesar de essa corrente deixar de lado o uso da língua, a possibilidade de mudança linguística surge com a ideia de mudança paramétrica, proposta pela Teoria dos Princípios e Parâmetros. Essa abordagem pretende dar conta tanto das diferenças entre as línguas, como das mudanças ocorridas em uma mesma língua. Conforme essa abordagem, todo falante de determinada língua é dotado de uma gramática universal (GU), que é composta por princípios, que são inatos, e por parâmetros, que são fixados posteriormente de acordo com informações da língua de seu ambiente.

Battye; Roberts (1995) asseveram que a aquisição da linguagem segue dois processos básicos: primeiro, a GU é construída como língua I, sistema de condições derivado de um dom biológico dos humanos que identifica as línguas I, humanamente acessíveis sob condições normais; depois, entra em contato com um *corpus* finito de expressões linguísticas de seu ambiente, língua E. Assim, a possibilidade de mudança paramétrica se explica porque a criança não tem acesso direto à língua I de seus pais, subjacente aos dados da língua E. Cumpre ressaltar que é a GU que medeia o elo dialogal entre a língua E dos pais e a língua I das crianças. O esquema proposto pelos autores sintetiza esse processo.

Figura 1 – Mudança paramétrica



Para Clark; Roberts (1992), a aquisição da linguagem é exatamente a fixação de valores paramétricos. De tal modo, a mudança paramétrica ocorre quando o alvo da aquisição contém valores paramétricos que não podem ser determinados com base apenas no ambiente linguístico. A fixação de um parâmetro é "estável" se a expressão nos dados da língua E não for ambígua. Contudo, se a expressão nos dados da língua E for ambígua, essa expressão se torna "instável" e pode ocasionar uma mudança.

Como se pode perceber, no gerativismo, a mudança linguística está diretamente ligada à aquisição da linguagem. Clark; Roberts (1992, p. 300)<sup>21</sup> afirmam que a questão de como a mudança paramétrica pode ocorrer dadas as limitações sobre capacidade de aprendizado é fundamental tanto para a compreensão da aquisição da linguagem, como para a compreensão da mudança linguística. Essa visão gerativista se opõe veementemente à ideia funcionalista de que a mudança linguística não ocorre durante a aquisição da linguagem, mas na interação entre falantes.

Para as teorias funcionalistas, a língua é um instrumento de interação social, utilizado para estabelecer interações comunicativas entre falantes e, devido ao uso, está em constante mutação. Por conta dessas transformações, a gramática de uma língua natural é dinâmica ou, como diz Martelotta *et al.* (1996, p. 6) com base em Givón (2001), “é um ‘sistema adaptativo’: enquanto sistema, é parcialmente autônoma mas, ao mesmo tempo, é adaptativa na medida em que responde a pressões externas ao sistema.”

Ao tratar das mudanças linguísticas, as teorias funcionalistas costumam destacar dois fenômenos principais: a gramaticalização e a lexicalização. Antoine Meillet, em 1912, foi o primeiro autor a utilizar o termo *gramaticalização*. Posteriormente vários estudiosos funcionalistas se dedicaram à pesquisa em gramaticalização, a exemplo de Hopper, Dubois, Givón, Thompson, Traugott e König e Lehmann.

Após cem anos da publicação da obra de Meillet, ainda não se chegou a uma definição pacífica do termo *gramaticalização*. Segundo Lehmann (1995, p. 12), não há como negar que “a gramaticalização é um processo de mudança gradual e que seus produtos podem ter diferentes graus de gramaticalidade”<sup>22</sup>. Todavia, o autor afirma que, em diversos aspectos, o termo é infeliz. Um dos problemas adviria da ambiguidade do termo *gramatical*, vez que dizer que *x* é gramatical tanto pode significar que *x* está gramaticalmente correto, como que *x* é parte da gramática e não do léxico. Contudo, Lehmann (1982) opta por continuar utilizando o termo *gramaticalização*, pois acredita que a simples substituição de um termo por outro – como o termo *gramaticização* proposto por Givón – não resolveria os problemas. Além disso, pondera que o termo *gramaticalização*, como foi inicialmente cunhado na França, já está bem estabelecido, ao contrário do termo *gramaticização*, por exemplo.

---

<sup>21</sup>Original: The question of how parametric change can take place given reasonable constraints on learnability is fundamental both for understanding of language acquisition and for understanding of language change.

<sup>22</sup>Original: grammaticalization is a process of gradual change, and that its products may have different degrees of grammaticality.

Conforme Hopper; Ttraugott (1995), o estudo da gramaticalização pode ser realizado sob duas perspectivas. Na primeira, mais histórica, estudam-se as fontes das formas gramaticais e as trajetórias da mudança sofrida. Assim, nessa perspectiva, a gramaticalização seria o fenômeno no qual um item lexical torna-se um item gramatical ou um item gramatical torna-se ainda mais gramatical. Na segunda perspectiva, mais sincrônica, entende-se a gramaticalização como um fenômeno principalmente sintático, pragmático e discursivo e que deve ser investigado sob o ponto de vista dos padrões fluidos dos usos da língua.

Segundo Gonçalves *et al.* (2007), essa concepção de gramaticalização tanto como processo diacrônico como sincrônico já poderia ser percebida desde os estudos de Meillet. Os autores explicam que, apesar de os estudos de Meillet sobre a gramaticalização procurarem essencialmente entender a origem e as mudanças que envolviam morfemas gramaticais através de uma perspectiva diacrônica, também consideravam a perspectiva sincrônica. Prova disso era que o francês se valia dos diferentes usos do verbo *être* para exemplificar a distinção que existia entre três classes de palavras. Para Meillet, as palavras dividiam-se entre as seguintes classes: *principais*, que compreendiam os nomes, os adjetivos, os verbos e os complementos circunstanciais; *acessórias* e *gramaticais*, que agrupavam as preposições, as conjunções e os verbos auxiliares. Em um mesmo recorte temporal, o verbo *être* servia como exemplo dos três tipos de palavras: como verbo pleno (*estar* + adjunto de lugar), era exemplo de palavra principal; como verbo de ligação (*ser* + adjetivo), exemplo de palavra acessória e, finalmente, como verbo auxiliar (*estar* + verbo), exemplo de palavra gramatical.

Cumprido lembrar que, em Meillet, o fenômeno da gramaticalização envolvia apenas a passagem unidirecional de um item lexical para um item gramatical. Posteriormente, passou-se a considerar que o fenômeno envolve também a passagem de um item já gramatical a um item ainda mais gramatical. Fazem parte dessa segunda linha de análise autores como Heine *et al.* (1991), Hopper e Ttraugott (1995) e Bybee (2003), que propõem que a passagem de um elemento lexical para um elemento gramatical ou de um elemento já gramatical para ainda mais gramatical ocorre de forma gradual e unidirecional.

Para Heine *et alii* (1991), a motivação basilar da gramaticalização seria o que Werner; Kaplan (1963) chamaram de “princípio da exploração de velhos meios para novas funções”. Esse princípio parece estar bastante relacionado à abstração metafórica. Assim, o falante, inicialmente, com o intuito de deixar o seu discurso o mais claro possível, a fim de ser totalmente entendido pelo seu interlocutor, teria a necessidade de relacionar um conceito mais abstrato a algo mais concreto, ou seja, mais facilmente entendido. Quanto a isso, cumpre lembrar que os autores propõem que a trajetória de gramaticalização parte de uma palavra-

fonte (lexical, concreta) para chegar a uma palavra-alvo (gramatical, abstrata). Conforme os autores, palavra-fonte são elementos de significação própria que tendem a codificar objetos concretos pertencentes ao mundo sociofísico do falante/ouvinte e as palavras-alvo são elementos que não possuem significado próprio, vez que são mais relacionadas a elementos abstratos da língua.

Desse modo, Heine *et alii* (1991) elaboram um arranjo de categorias conceptuais, partindo das mais concretas às mais abstratas.

Figura 2 – Escala de categorias conceptuais

PESSOA > OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE

Nesse arranjo, os elementos da escala têm a capacidade de conceitualizar o elemento que está à sua direita. Para exemplificar esse processo de conceitualização, Neves (2001) cita como exemplo a utilização de *pé* e *perto*, que primordialmente indicam posição de espaço, para indicar posição de tempo, como em *perto do Natal*, e a utilização de *pé*, palavra que nomeia uma parte do corpo humano, para indicar uma parte de um objeto, como em *o pé da mesa*.

Além da metáfora, ligada ao fenômeno da transferência conceitual, outro mecanismo que auxilia o processo da gramaticalização é a metonímia, ligada à reinterpretação de um termo por indução do contexto. Ambos os mecanismos estão associados à necessidade do falante de tornar mais concretos conceitos mais abstratos. Contudo, enquanto a metáfora é capaz de interligar elementos descontínuos, como vimos, no arranjo de Heine *et alii* (1991), que a metonímia refere-se à relação de entidades contínuas (cf. NEVES, 2001, p. 137).

O processo gradual da gramaticalização, enquanto alteração semântica de base metafórica, está relacionado com o problema da representação; o de base metonímica está relacionado com a resolução do problema de ser informativo e relevante para a comunicação.

Heine *et alii* (1991, p. 43-44), ao tratarem dos processos cognitivos, descrevem três distinções do termo *abstração*:

- a) abstração generalizadora, como o próprio nome permite supor, trata-se de tornar o significado do elemento mais geral, reduzindo seus traços distintivos;
- b) abstração isoladora, que talvez seja apenas um subtipo da abstração anterior, trata-se de distinguir um traço particular que não corresponde necessariamente ao “núcleo característico do conceito”;



- c) abstração metafórica, trata-se de utilizar conceitos mais concretos para explicar conceitos mais abstratos. Este tipo, segundo Heine et alii (1991), além de ser o mais complexo e difícil de explicar, é também a base da gramaticalização.

Para Lehmann (1982) há, no estudo da gramaticalização, cinco princípios básicos, a saber: *paradigmatização*, *obrigatorização*, *condensação*, *aglutinação/coalescência* e *fixação*. A *paradigmatização* trata da tendência das formas a organizarem-se em paradigmas, ou seja, em conjuntos de termos que, em certos contextos, podem substituir-se entre si. A *obrigatorização* diz respeito à tendência das formas a se tornarem obrigatórias, pois, dentro dos paradigmas, a escolha de determinado termo não se dá de maneira aleatória, visto que há, dentre outros fatores, regras gramaticais que limitam tais escolhas. A *condensação* é a tendência que as formas gramaticalizadas têm de se tornarem cada vez mais curtas, assim, quanto mais gramaticalizado um elemento, menos complexo será. A *aglutinação* ou *coalescência*, por sua vez, concerne à tendência das formas adjacentes de se aglutinarem. Finalmente, a *fixação* corresponde à tendência das formas livres tornarem-se presas ao se gramaticalizarem.

Para Hopper (1991), os princípios apontados por Lehmann (1982) não consideram o aspecto gradual da gramaticalização e, por isso, não dão conta dos elementos que estão em processo inicial de gramaticalização, tratando, assim, apenas de elementos que já estão em um estágio bastante avançado desse processo. Desse modo, Hopper (1991) defende que o que Lehmann (1982) apontou foram, na verdade, tendências, e não princípios (cf. NEVES, 2011). Assim, com o intuito de complementar a proposta de Lehmann (1982), o autor propõe cinco princípios de gramaticalização: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *descategorização*.

A *estratificação* está ligada à coexistência de elementos similares quanto às funções. Noutras palavras, dentro de uma perspectiva funcional da língua, percebemos que, devido ao uso, novas formas emergem continuamente, e as formas antigas não são necessariamente descartadas. Assim, em um recorte sincrônico, podemos encontrar a coexistência de formas correntes.

A *divergência* é um subtipo de *estratificação*, pois, como esta, também trata, de certo modo, da coexistência de formas. Entretanto, diferentemente da primeira, a *divergência* se dá quando uma forma primitivamente lexical passa a afixo ou clítico, e a forma original não apenas não desaparece, como continua a ser um elemento autônomo, sofrendo as mesmas mudanças dos demais elementos lexicais. A propósito, o *-mente* é um bom exemplo desse

princípio, uma vez que, paralelamente à gramaticalização pela qual passou o substantivo latino *mens, mentis*, originando a forma presa portuguesa *-mente*, coexistiu a forma autônoma original que gerou, em português, o substantivo *mente*.

A *especialização* está associada à possibilidade de um item se tornar obrigatório devido à redução das possibilidades de escolha. Dentro do domínio funcional, pode haver uma variedade de formas com distintas nuances semânticas. Todavia, ao ocorrer a gramaticalização, essa variedade é reduzida e as formas que eram menos utilizadas adquirem significados gramaticais mais gerais.

A *persistência* corresponde à permanência de vestígios da significação original em elementos já gramaticalizados. Para esse princípio, o *-mente*, elemento tratado em nosso estudo, também pode servir como exemplo, pois, se concordarmos que ele forma advérbios juntando-se apenas a adjetivos em sua forma feminina, isso pode ser considerado um vestígio de sua significação original, já que a palavra latina *mens, mentis* era do gênero feminino.

Por fim, a *descategorização* refere-se ao aparecimento de formas híbridas como consequência da redução do estatuto categorial de elementos gramaticalizados. Noutras palavras, ao se gramaticalizarem, os elementos têm tendência a perder características sintáticas e morfológicas de categorias plenas, como nome e verbo, e adquirir características de categorias secundárias, como adjetivo, preposição.

Como vimos, apesar de trazer princípios em parte semelhantes aos de Lehmann (1982), Hopper (1991) percebe mais claramente a noção de gradualidade da gramaticalização. Hopper (1991) assevera que a gramática de uma língua natural nunca é estática, pois está sempre em construção, ou seja, sempre em um contínuo processo de gramaticalização. Tendo em vista isso, o autor sugere, para tratar dessa dinamicidade da língua, o conceito de *gramática emergente*.

Em trabalho posterior, Lehmann (1982) propõe que, na passagem de um item lexical para um item gramatical (ou de um item gramatical para um mais gramatical), ocorrem as seguintes etapas: *sintatização, morfologização, desmorfemização*. Essa proposta se assemelha à de Givón (1995), que propõe os estágios: *sintatização, morfologização, redução fonológica e estágio zero*.

Apesar de sugerirem números de estágios distintos, as duas propostas são extremamente semelhantes. Conforme Lehmann (1982), no processo de sintatização, o item autônomo passa a exercer funções sintáticas, tornando-se uma forma analítica. Posteriormente, na morfologização, o item em processo de gramaticalização passa a se aglutinar ao elemento com o qual costumava aparecer junto, tornando-se um afixo.

Finalmente, na desmorfemização, o elemento gramaticalizado pode sofrer um apagamento e ter sua função assumida pelo elemento ao qual se aglutinou.

Segundo Givón (1995), durante o processo de *sintatização*, o item sofre uma recategorização, mudando de classe gramatical, ou passando a assumir funções diferentes da que possuía originalmente. Como exemplo de *sintatização*, Castilho (1997) cita a transformação de verbos originalmente plenos em auxiliares, como o verbo *ir* na construção do futuro, que já se encontra tão frequentemente utilizado em tais contextos que alguns falantes já utilizam a construção *vou ir* (cf. OLIVEIRA, 2008), na qual o verbo *ir* é utilizado primeiro como auxiliar e depois como principal. No que tange a esse processo, Hopper e Traugott (1993, p. 104) sugerem o seguinte *continuum* das classes gramaticais “Categoria maior [verbo, nome, pronome] > Categoria mediana [adjetivo, advérbio] > Categoria menor [preposição, conjunção]”.

No estágio de *morfologização*, o elemento torna-se uma forma presa, podendo vir a ser um afixo flexional ou derivacional. Podemos citar, como exemplo dessa etapa, o próprio *-mente*, uma vez que ele era um substantivo, ou seja, uma forma livre no latim, e passou a uma forma presa no português, considerada por muitos como um sufixo derivacional, embora, como veremos mais adiante, ainda não se comporte plenamente como um sufixo.

Na *redução fonética* ou, como também é chamada em muitos estudos, *redução fonológica* (cf. COELHO, 2001; SOUZA, 2007), o elemento gramaticalizado perde massa fônica, devido à transformação em forma presa e à fusão a formas livres. Foi o que aconteceu na formação do futuro, em que o auxiliar *habere* sofreu sucessivas perdas de material fônico: (amare) habeo > (amare) a(b)eo > (amare) aio > (amar) eio > (amar) ei.

Finalmente, no *estágio zero*, que corresponde à fase mais avançada da gramaticalização, ocorre o desaparecimento de um determinado morfema, devido à cristalização e ao desuso. Esse foi o caso das preposições latinas *ab* e *ex*, que partilhavam com a preposição *de* a ideia de “afastamento”, mas, depois de longo período de convivência, acabaram por ser eliminadas, atingindo o estágio zero, cedendo espaço para a preposição *de*, que chegou ao português (cf. POGGIO, 2002).

Apesar de essas divisões serem válidas didaticamente, cumpre ressaltar que tais processos ocorrem quase que simultaneamente, nem sempre sendo possível discriminá-los com facilidade. Por exemplo, é comum que a perda de fonemas ocorrida no estágio de *redução fonética* e a transformação do elemento em forma presa, como ocorre durante a *morfologização*, aconteçam praticamente de forma concomitante, como vimos a propósito da formação do futuro português.

É importante atentarmos também para o fato de que, durante as transformações semânticas, há um estágio intermediário entre os significados originais do elemento e os novos significados que ele adquire já no final do processo. Esse estágio intermediário é conhecido como fase da polissemia, na qual os novos significados coexistem com os originais. Tendo em vista a noção da coexistência de formas novas e primitivas, Heine *et alii* (1991) definem a gramaticalização como uma extensão gradual do uso de uma entidade original, e não como uma simples transição que se faz com entidades discretas.

Em suma, os autores defendem que, no decorrer do processo de gramaticalização, os elementos tendem a sofrer modificações semânticas, sintáticas e morfofonológicas, uma vez que, quando plenamente gramaticalizados, tendem a perder significados que originalmente possuíam e a adquirir novos, tornam-se formas presas e perdem massa fônica.

Ao contrário dos autores anteriormente mencionados, Bybee (2003) concorda com Traugott (1995) quanto à visão desta de que nenhuma mudança pode ser estudada senão no contexto da construção na qual o elemento gramaticalizante ocorre. De tal forma, Bybee (2003) admite que talvez seja mais adequado dizer que uma construção constituída de determinados itens lexicais torna-se gramaticalizada, em vez de dizer que um determinado item lexical torna-se gramaticalizado.

Todavia, a principal contribuição de Bybee (2003) é a ênfase dada à importância da frequência para os estudos acerca da gramaticalização. Ela defende a existência de dois tipos distintos de frequência: a de ocorrência e a de tipo. A primeira se refere à quantidade de vezes que uma unidade, geralmente uma palavra ou um morfema, aparece num texto em andamento. Como exemplo, ela cita que o pretérito de *break*, *broke*, ocorre 66 vezes em um milhão no texto de Francis e Kucera (1982), enquanto o pretérito do verbo *damage*, *damaged*, ocorre apenas 5 vezes no mesmo *corpus*. Dessa forma, conclui-se que a frequência de ocorrência de *broke* é muito mais alta que a de *damaged*. A segunda diz respeito à frequência de dicionário de um determinado padrão, como um padrão de tonicidade, um afixo etc. A autora toma como exemplo a formação do pretérito na língua inglesa. Segundo ela, dentre as várias possibilidades de expressão do pretérito em inglês, as formações com sufixo *-ed*, como em *damaged*, apresentam uma frequência de tipo bem mais alta que o padrão achado em *broke*, vez que, enquanto aquelas ocorrem em milhares de verbos, este ocorre apenas com uma pequena quantidade de verbos, que são considerados pela gramática tradicional como irregulares.

Para Bybee (2003), a gramaticalização deve ser vista como um processo pelo qual uma sequência de palavras ou de morfemas, quando usada frequentemente, se automatiza,

passando a funcionar como uma única unidade de processamento. Nessa nova definição de gramaticalização, ela recorre a estudos de Haiman (1994), que discute os paralelos entre o fenômeno cultural geral de ritualização e o processo de gramaticalização na língua, e de Boyland (1996), que examina os efeitos da repetição nas representações cognitivas de construções gramaticalizantes.

Ao aplicar os aspectos de ritualização mencionados por Haiman (1994)<sup>23</sup> ao estudo da gramaticalização, Bybee (2003, p.5-6) chega à conclusão de que a frequente repetição tem papel importante nas seguintes mudanças relativas à gramaticalização:

1. A frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica por habituação – processo pelo qual um organismo deixa de responder no mesmo nível a um estímulo repetido.
2. Mudanças fonológicas de redução e fusão de construções gramaticalizantes são condicionadas por sua alta frequência e seu uso nas porções da declaração contendo informação velha ou de fundo.
3. Frequência aumentada condiciona uma maior autonomia para uma construção, o que significa que os componentes individuais da construção [tais como *go*, *to* ou *ing*] em *be going to* do exemplo (1)] enfraquecem ou perdem sua associação com outras ocorrências do mesmo item (como quando se reduz a *gonna*).
4. A perda da transparência semântica acompanhando a ruptura entre os componentes da construção gramaticalizante e seus congêneres lexicais permite os usos do sintagma em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando a mudança semântica.
5. Autonomia de um sintagma frequente o torna mais firmemente estabelecido na língua e frequentemente condiciona a preservação de características morfossintáticas obsoletas em outras ocasiões.<sup>24</sup>

Como vimos, há, na literatura da linguística funcionalista e cognitivista, inúmeros trabalhos que tratam de gramaticalização. Contudo, poucos se interessam pela lexicalização.

---

23 Ao tratar da relação entre ritualização e gramaticalização, Haiman (1994) observa, como resultado da repetição, os seguintes aspectos de ritualização: a habituação, processo que reduz um objeto cultural ou uma prática de sua força radicalmente e também costuma reduzir seu significado original; a automatização, que ocorre quando uma sequência de unidades, que eram anteriormente separadas, passa, em decorrência da repetição, a funcionar como um só bloco e as unidades que constituem a sequência perdem seu significado individual – como veremos adiante, esse fenômeno é considerado por Lehmann (2001) como um processo de lexicalização; a redução da forma, processo em que os gestos individuais que compõem o ato se enfraquecem devido à repetição e uma série de gestos anteriormente separados se reorganizam em uma unidade automatizada; e a emancipação, que ocorre quando uma função mais instrumental da prática dá lugar a uma função mais simbólica inferida do contexto no qual ocorre.

<sup>24</sup> (1) Frequency of use leads to weakening of semantic force by habituation -- the process by which an organism ceases to respond at the same level to a repeated stimulus.

(2) Phonological changes of reduction and fusion of grammaticizing constructions are conditioned by their high frequency and their use in the portions of the utterance containing old or backgrounded information.

(3) Increased frequency conditions a greater autonomy for a construction, which means that the individual components of the construction (such as *go*, *to* or *-ing* in the *be going to* example of [1]) weaken or lose their association with other instances of the same item (as the phrase reduces to *gonna*).

(4) The loss of semantic transparency accompanying the rift between the components of the grammaticizing construction and their lexical congeners allows the use of the phrase in new contexts with new pragmatic associations, leading to semantic change.

(5) Autonomy of a frequent phrase makes it more entrenched in the language and often conditions the preservation of otherwise obsolete morphosyntactic characteristics. (BYBEE, 2003, p.5-6)

Muitos autores trataram esses processos como opostos, defendendo que elementos originalmente gramaticais poderiam se tornar lexicais, por meio do processo de lexicalização, e elementos lexicais poderiam se tornar gramaticais, por meio do processo de gramaticalização.

Contudo, desde o início dos anos 2000, alguns autores têm se dedicado a esclarecer melhor não só o processo de gramaticalização, como também o de lexicalização. Entre tais autores, destacam-se os estudos de Lehmann (2002) e Brinton; Traugott (2005).

Brinton; Traugott (2005) assim definem os processos de gramaticalização e de lexicalização:

Lexicalização é a mudança em que, em certos contextos linguísticos, os falantes usam uma formação ou construção sintática com uma nova forma significativa com propriedades semânticas e formais que não são completamente deriváveis ou previsíveis dos constituintes da construção ou do padrão de formação de palavra. Com o tempo, pode haver perda de constituintes interna e o item pode tornar-se mais lexical.<sup>25</sup>

Gramaticalização é a mudança em que, em certos contextos linguísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Com o tempo, o item gramatical resultante pode tornar-se mais gramatical, adquirindo mais funções gramaticais e expandindo seus tipos de classes.<sup>26</sup>

Desse modo, Brinton; Traugott (2005) acreditam que estruturas complexas podem, com o uso, ser fossilizadas. As que expressam categorias maiores (substantivos, adjetivos e verbos, por exemplo) são lexicalizadas, e as que expressam categorias menores são gramaticalizadas. Cumpre ressaltar, ainda, que, para elas, esses dois processos têm muito em comum, vez que ambos são processos graduais e unidirecionais que levam à redução de composicionalidade estrutural.

Lehmann (2002), por seu turno, faz uma relação entre esses processos e a maneira com a qual abordamos um determinado objeto complexo. Afirma que podemos analisar um elemento complexo de duas maneiras: por meio de uma abordagem analítica, ou seja, analisando as partes do objeto e, posteriormente, seu todo; ou por meio de uma abordagem holística, isto é, analisando o todo sem considerar as partes. De tal modo, ele assevera que gramaticalização envolve um acesso analítico a uma unidade, enquanto lexicalização envolve

---

25 Lexicalization is the change whereby in certain linguistic contexts speakers use a syntactic construction or word formation as a new contentful form with formal and semantic properties that are not completely derivable or predictable from the constituents of the construction or the word formation pattern. Over time there may be further loss of internal constituency and the item may become more lexical (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p.96)

26 Grammaticalization is the change whereby in certain linguistic contexts speakers use parts of a construction with a grammatical function. Over time the resulting grammatical item may become more grammatical by acquiring more grammatical functions and expanding its host-classes (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p.99).

um acesso holístico de uma unidade, ou seja, uma renúncia de sua análise interna. Assim, a lexicalização ocorre quando um determinado signo é retirado do acesso analítico e começa a fazer parte do inventário lexical da língua. Por outro lado, a gramaticalização ocorre quando um signo adquire funções na formação analítica de signos mais abrangentes. Ambos os processos não dizem respeito a sinais de forma isolada, mas a sinais nas suas relações paradigmáticas e sintagmáticas.

Isso se dá porque, para o autor, a diferença essencial entre gramática e léxico é a seguinte: a primeira concerne a signos que são formados regularmente e tratados analiticamente; o segundo concerne a signos que são formados irregularmente e tratados holisticamente. Destarte, acessar um elemento holisticamente significa tratá-lo como uma entrada do inventário da língua, ou seja, como um item lexical. Tomemos como exemplo o verbo português *botar* nas sentenças abaixo:

(25) Ao pegar o dinheiro e BOTAR NO BOLSO, os policiais apareceram e deram voz de prisão. Ele foi atuado por crime de concussão, com pena que pode chegar a oito (...) <sup>27</sup>

(26) Não BOTE BONECO no trabalho, seja paciente, pois... <sup>28</sup>

(27) O homem BOTOU O MAIOR BONECO pra pagar! <sup>29</sup>

A construção (25) é um exemplo apresentado pelo dicionário Houaiss do verbo *botar* funcionando como transitivo direto e indireto. Dessa forma, tendemos a tratar a construção (25) de forma analítica, ou seja, X bota Y em Z. As construções (26) e (27), por sua vez, são usos próprios do português cearense (Cf. RODRIGUES, 2012). Essa construção ainda não está fossilizada, pois percebemos que ainda pode haver a intercalação de elementos intensificadores entre os vocábulos *botar* e *boneco* - como ocorre em (27) - e de o verbo *botar* continua sujeito à flexão. Contudo, ao que parece, os falantes dessa variedade do português tendem a tratar a construção *botar boneco* de forma holística, o que, segundo Lehmann (2002, p. 3), significa tratá-la como uma entrada no inventário. O autor afirma, ainda, que, quando o acesso holístico da construção se torna mais proeminente, dá-se o primeiro passo para a lexicalização.

<sup>27</sup> Exemplo extraído de Araújo (2010, p. 59).

<sup>28</sup> Exemplo extraído de Rodrigues (2012, p. 6).

<sup>29</sup> Exemplo extraído do Dicionário cearense de palavras de Nepomuceno, disponível em < <http://ocearense.blogspot.com.br/2009/03/dicionario-cearense-de-palavras.html> >.

Quanto à questão da unidirecionalidade, Lehmann (2002) parece não concordar com esse princípio, vez que propõe que há processos que se opõem à gramaticalização e à lexicalização. No que concerne ao processo oposto à lexicalização, Lehmann (2002, p. 16) afirma que, ao contrário da lexicalização — processo que está em constante atuação na atividade comum da língua — “conferir estrutura a uma expressão até então opaca não é um ingrediente automático da atividade da língua, mas demanda uma medida intensificada de criatividade”<sup>30</sup>. Tal operação é chamada de *etimologia popular* e é bem mais rara que a lexicalização. Reproduzimos abaixo o quadro utilizado pelo autor para a visualização desses processos.

**Quadro 1 - Processo de lexicalização, segundo Lehmann (2002)**

componente	léxico	gramática
unidade complexa	holístico	analítico
acesso	opaco	transparente
estrutura	irregular	composicional
função vs. estrutura		
processo	← lexicalização → etimologia popular	

Adaptado de Lehmann (2002, p. 17)

No que respeita ao processo oposto à gramaticalização, Lehmann (2002, p. 17) afirma que, ao contrário da gramaticalização — processo que está em constante atuação na atividade comum da língua — “dar autonomia a uma expressão até então dependente não é um ingrediente automático da atividade da linguagem, mas exige uma medida reforçada de criatividade”<sup>31</sup>. Tal operação é chamada de desgramaticalização e é bem mais rara que a gramaticalização. Reproduzimos a seguir o quadro utilizado pelo autor para a visualização desses processos.

<sup>30</sup> Bestowing structure onto a hitherto opaque expression is not an automatic ingredient of language activity, but demands an enhanced measure of creativity (LEHMANN, 2002, p. 16).

<sup>31</sup> Giving autonomy to a hitherto dependent expression is not an automatic ingredient of language activity, but demands an enhanced measure of creativity. (LEHMANN, 2002, p. 17)



**Quadro 2 - Processo de gramaticalização, segundo Lehmann (2002)**

nível	alto	baixo
unidade complexa	frase	palavra
função vs. estrutura	icônico	arbitrário
unidade	palavra	morfema
manipulação	livre	obrigatória
significado	específico	abstrato
processo		→ gramaticalização ← desgramaticalização

Adaptado de Lehmann (2002, p. 17)

Por fim, cumpre ressaltar que, para o autor, tanto o processo de gramaticalização como o de lexicalização são redutores, vez que restringem a liberdade do falante na seleção e na combinação dos constituintes de uma expressão complexa. Podemos concluir, assim, que a gramaticalização e a lexicalização agem, respectivamente, nos eixos saussurianos sintagmático e paradigmático.

Além disso, ambos os processos podem, até certo ponto, ser considerados uma transição de uma expressão da *parole* para a *langue*, o que está, segundo o autor, “em consonância com a concepção de *langue* como o sistema da língua cujo subsistema semântico consiste do léxico e da gramática” (LEHMANN, 2002, p. 17)<sup>32</sup>. Assim, ele defende que os dois processos são as duas faces de Jano, isto é, o presente e futuro para a criação do sistema da língua na *parole*, para a *Versprachlichung* (verbalização) do mundo.

#### 4.2 Síntese conclusiva

Os temas explanados neste capítulo nos servirão como bases teóricas para a análise dos dados que coletamos. As considerações de Heine *et alii* (1991) a respeito da motivação metafórica e metonímica do processo de gramaticalização nos auxiliará na avaliação da trajetória percorrida pelos advérbios em *-mente*.

As observações de Lehmann (2002) que respeitam não apenas ao fenômenos de gramaticalização, mas também de lexicalização serão essenciais para avaliarmos a composicionalidade e a expansão funcional dos advérbios em *-mente* nos séculos XIV, XVI e XX.

<sup>32</sup> In consonance with the conception of *langue* as the language system whose semantic subsystem consists of the lexicon and the grammar (LEHMANN, 2002, p. 17).

## 5 METODOLOGIA

Neste capítulo, procederemos à especificação da metodologia empregada em nossa investigação. Inicialmente, descreveremos os corpora utilizados. Em seguida, definiremos a natureza de nossa pesquisa, para então tratar das categorias de análise e os procedimentos por nós adotados.

### 5.1 Da constituição, caracterização e delimitação dos *corpora*

Em nosso estudo, utilizamos, como *corpora*, inicialmente, três textos: *Crônica Geral de Espanha* (CGE), do século XIV; *História da Província de Santa Cruz* (HPSC), do século XVI e *História do Brasil* (HB), do século XX. Trata-se de textos representativos da prosa historiográfica.

A CGE é um texto escrito no ano de 1344, que narra a história da Península Ibérica. A versão que utilizamos é uma cópia digitalizada da edição crítica de Luís Filipe Lindley Cintra, composta por 406.064 palavras, que está disponibilizada no Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM). A HPSC é considerada, segundo Paixão de Sousa (2010), a primeira história do Brasil. Utilizamos a versão digitalizada, que é composta por 29.946 palavras e foi disponibilizada no Corpus Histórico do Português (CHP). Por fim, o HB, de Boris Fausto, trata da história do Brasil desde o período colonial até o século XX. Utilizamos a versão digitalizada disponível em formato *pdf* no endereço <[http://search.4shared.com/postDownload/9qq3qPmj/boris\\_fausto\\_-\\_histrhia\\_do\\_bras.html](http://search.4shared.com/postDownload/9qq3qPmj/boris_fausto_-_histrhia_do_bras.html)>. Para conseguirmos acessar trechos do texto e contabilizar o total de palavras com mais facilidade, convertemos o arquivo para o formato *doc*, que pode ser acessado pelo programa *Word*. O texto data de 1995 e é constituído de 205.697 palavras.

Como os três *corpora* possuíam extensões distintas, para efeito de uniformidade, selecionamos apenas as primeiras 25000 palavras de cada um deles. Assim, constituímos, inicialmente, um *corpus* total de 75000 palavras, delimitando, segundo Sardinha (2000), uma extensão suficiente para o estudo dos advérbios. As ocorrências coletadas, nesses *corpora*, somaram um total de 347.

Como o número de ocorrências que obtivemos foi pequeno, julgamos necessário ampliar nossa amostra para 40000 palavras de cada *corpus*. Para tanto, foi necessário incluir mais um texto, pois como dissemos anteriormente, o texto do século XVI que analisamos, a HPSC, é constituído por apenas 29.946 palavras. Desse modo, para a análise desse período,

utilizamos, além das 29.946 palavras da HPSC, também as primeiras 10054 palavras do texto *Da Monarquia Lusitana*. Assim como o primeiro, esse texto também consiste em prosa histórica e também tem uma versão digitalizada disponibilizada no CHP.

Desse modo, ao fim da coleta de dados, obtivemos um total de 441 ocorrências de advérbios em *–mente*.

Todas as ocorrências, exceto uma do século XVI que foi descartada por apresentar advérbio em *–mente* dentro de uma locução prepositiva, foram categorizadas no programa Excel. Após a categorização, realizamos tanto a contagem da frequência simples numérica e percentual, como o cruzamento de dados analisados.

## 5.2 Da natureza da pesquisa

Consideramos que, a depender do critério adotado, há mais de uma classificação no que concerne à natureza de uma pesquisa. Utilizamos como base, para descrever a natureza desta pesquisa, três critérios: o método de abordagem, os objetivos e o procedimento.

Quanto ao método de abordagem, nos aproximamos do que Givón (1995) propõe como um jogo de indução e dedução, teoricamente sem fim, o que alguns modernamente chamam de *método indutivo-dedutivo*. Usamos a indução, uma vez que acolhemos os dados empíricos, ao lado da quantificação. Ao analisar a relação entre as variáveis e verificar as implicações das hipóteses diante dos resultados, usamos a dedução.

Tendo percebido, em pesquisa anterior, a expansão funcional *–mente* do latim clássico ao português arcaico, partimos, via abdução, de hipóteses já referidas sobre o desenvolvimento do processo de gramaticalização dos advérbios em *–mente* do português arcaico ao português atual. Após o refinamento das hipóteses num primeiro contato com os dados, testamos as hipóteses por meio de análise qualitativa e quantitativa.

Analisamos os resultados, a fim de vermos as associações condicionais lógicas nas duas direções: da forma para a função e da função para forma, e observamos as implicações dos resultados, se são ou não *provisoriamente* explicadas pelas hipóteses ou se há necessidade de novas hipóteses que dêem conta dos resultados empíricos.

Não nos limitamos ao método indutivo, uma vez que não nos detemos nos resultados empíricos para daí fazermos generalizações. Submetemos os resultados empíricos ao crivo da dedução lógica para avaliar possíveis contradições das hipóteses e a necessidade ou não de refazê-las.

No que concerne aos objetivos, as pesquisas podem ser, conforme a classificação de Gil (2002), de três tipos: a) exploratórias, aquelas que visam aprimorar idéias ou descobrir intuições, tornando mais próxima a relação entre pesquisador e objeto; b) descritivas, aquelas que buscam descrever propriedades e subpropriedades de uma população ou um fenômeno, pretendendo estabelecer relação entre variáveis; c) explicativas, aquelas que se preocupam em identificar os fatores motivadores ou as causas para a ocorrência de fatos das mais diversas áreas do conhecimento.

Destarte, esta pesquisa classifica-se como descritivo-explicativa, uma vez que não só descrevemos o processo de gramaticalização dos advérbios em *-mente* nos séculos estudados, mas também buscamos as motivações sintático-semântico-discursivas para a expansão funcional desses advérbios.

Por fim, no que tange aos métodos de procedimentos, Gil (2002) classifica as pesquisas em dois grupos, considerando os procedimentos técnicos utilizados para a coleta de dados. No primeiro, o autor agrupa as chamadas *fontes de papel*, base da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental. No segundo, agrupam-se os dados fornecidos por pessoas, base da pesquisa experimental, levantamento, estudo de campo e estudo de caso.

Esta pesquisa parte de uma etapa exclusivamente bibliográfica, na medida em que é realizado um levantamento da literatura sobre o tema em livros, gramáticas e trabalhos acadêmicos em geral. Além disso, coletamos os dados de textos escritos documentais do século XIV, XVI e XX, o que aproxima ainda esta pesquisa da documental quanto à natureza das fontes.

### 5.3 Das categorias de análise e dos procedimentos

Coletamos todas as ocorrências de advérbios em *-mente* com os respectivos contextos. As ocorrências foram categorizadas segundo fatores morfossintáticos, semânticos e discursivos, explicitados a seguir.

a) *Função do advérbio*: este fator justifica-se para analisar a hipótese do decréscimo do emprego como advérbios de modo em favor de funções mais pragmáticas. Consideraremos, com base em Neves (2011), cinco funções dos advérbios em *-mente*:

- (1) circunstanciadores
- (2) focalizadores
- (3) intensificadores

- (4) modalizadores
- (5) modificadores
- (6) organizadores textuais

b) Tipo de função: esta categoria visa avaliar a hipótese de que, considerando a escala de gramaticalização proposta por Heine *ET alii* (1991), quanto mais recente o período histórico, menos funções semânticas (mais concretas) e mais funções pragmáticas (mais abstratas) os advérbios em *-mente* exercem.. Para efeito de análise, as seis funções listadas acima, consideradas num *continuum* que vai de funções mais semânticas a funções mais pragmáticas, foram agrupadas em três grandes categorias<sup>33</sup>:

- (1) função semântica - dizem respeito à significação ou ao valor de verdade da sentença: modificadores, circunstanciadores e intensificadores.
- (2) função pragmática - concernem à organização textual ou à interação entre os participantes do evento comunicativo: focalizadores, os organizadores textuais e os modalizadores atitudinais.
- (3) função semântico-pragmática - atuam sobre o valor de verdade, exprimindo uma intervenção do falante/autor em relação ao que é dito: modalizadores deônticos, epistêmicos e delimitadores.

c) *Grau de transparência*: esta variável visa avaliar o grau de composicionalidade da construção, com o fim de analisar os processos de gramaticalização e lexicalização relacionados a ela. Tomamos por base a contribuição semântica de cada elemento formador para o sentido da construção, do seguinte modo: (a) transparência da base; (b) transparência do afixo. Tal aplicação resultará em três possibilidades:

- (1) Alta transparência: base e afixo transparentes
- (2) Média transparência: base ou afixo transparente
- (3) Baixa transparência: base e afixo opacos

---

<sup>33</sup> Essas categorias serão mais detalhadas no próximo capítulo.

- d) *Período*: cada ocorrência será categorizada quanto a um dos três períodos estudados, a saber: século XIV, século XVI e século XX. Em alguns casos, agrupamos os dois primeiros séculos, mais remotos, em comparação com o século XX, mais recente.

As ocorrências foram analisadas tanto qualitativa como quantitativamente conforme estas categorias. Já as categorias dispostas a seguir foram utilizadas apenas na análise qualitativa, pois, uma vez que estão intimamente relacionadas às categorias de função semântico-pragmática e grau de composicionalidade, sua contagem se tornaria redundante.

- a) *Escopo*: com o fim de avaliar a expansão funcional dos advérbios em *–mente*, observaremos, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), as categorias do nível representacional e interpessoal que os advérbios em *–mente* tomaram como escopo. São elas:

- (1) Nível representacional consiste na descrição das unidades linguísticas quanto às categorias semânticas, ou seja, os tipos de entidades, que podem ser classificadas como:

- conteúdo proposicional: entidade de terceira ordem definida como um constructo mental, não podendo, assim, ser localizado temporal ou espacialmente;
- episódio: entidade composta por um ou mais estado-de-coisas envolvidos em uma sequência coerente;
- estado-de-coisas: entidades de segunda ordem, que pode ser localizada temporal e espacialmente e avaliada em termos de verdade;
- indivíduo: entidade de primeira ordem, concreta e tocável, que pode ser localizada no espaço e no tempo e avaliada em termos de existência;
- propriedade: categoria que não tem existência independente, só podendo ser avaliada quanto a sua aplicabilidade.

- (2) Nível interpessoal constitui a descrição das unidades linguísticas quanto aos papéis que exercem na interação comunicativa. Foram avaliadas as seguintes camadas:

–ato discursivo: diz respeito à menor unidade identificável na conduta comunicativa;

–ilocução: uso interpessoal convencionalizado a serviço das intenções comunicativas do falante;

–conteúdo comunicado: consiste na totalidade do que o falante deseja evocar na sua comunicação com o ouvinte.

b) Posição em relação ao escopo: para investigar a hipótese da liberdade de posição dos advérbios em *–mente*, consideraremos se estes figuram:

(1) anteriores ao escopo;

(2) posteriores ao seu escopo;

(3) intercalados com o escopo.

Após a categorização dos dados, analisaremos as relações entre as variáveis para avaliar, principalmente com base em Lehmann (2002), os processos de gramaticalização e de lexicalização dos advérbios em *–mente* no português do século XIV, XVI e XX.

## 6 ANÁLISE DOS ADVÉRBIOS EM *-MENTE* EM TRÊS SINCRONIAS: GRAMATICALIZAÇÃO E LEXICALIZAÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos os resultados da análise de todas as formas em *-mente* que encontramos nos séculos XIV, XVI e XX. Levamos em consideração nessa análise as seguintes variáveis: *escopo*, *posição em relação ao escopo*, *função do advérbio*, *tipo de função*, *grau de transparência* e *período*.

Apesar de o tamanho do *corpus* com que trabalhamos em cada século ser igual, 40.000 palavras, o número de ocorrências de advérbios em *-mente* foi bem diferente. Das 441 ocorrências que coletamos nos três *corpora* estudados, 87 datam do século XIV, 118<sup>34</sup> do século XVI e 236 do século XX.

O fato de a frequência dessas formas aumentar gradativamente com o decorrer dos períodos analisados é indício de que tais formas estão avançando nos processos de lexicalização e de gramaticalização. Para a análise dos processos de mudança linguística pelos quais passaram os advérbios em *-mente*, trataremos inicialmente do processo de lexicalização, que, calcados em Lehmann (2002), acreditamos que foi o que ocorreu primeiro.

Antes, porém, de iniciarmos a análise dos advérbios em *-mente* nos séculos estudados nesta pesquisa, achamos por bem tecer, à luz das teorias de gramaticalização e lexicalização, discutidas no capítulo 4, breves comentários sobre os resultados a que chegamos em Gondim (2011) relativos a cada seção. Tal retomada se justifica vez que consideramos tais processos num contínuo e que o século XIV, tomado nesta pesquisa como período inicial, configurou-se como período final na pesquisa anterior, realizada também em *corpus* de prosa.

### 6.1 Processo de lexicalização

Conforme antecipamos acima, nesta seção discorreremos brevemente, com base em Gondim (2011), sobre a lexicalização das formas em *-mente* desde as variedades clássica e vulgar do latim até o português trecentista. Em seguida, trataremos do processo de lexicalização dessas formas no português dos séculos XIV, XVI e XX, períodos analisados na presente pesquisa.

---

<sup>34</sup> Descartamos uma ocorrência do século XVI, que apresentava um advérbio dentro de uma locução prepositiva, porque, nesse caso, a unidade de comportamento funcional é a locução prepositiva como um todo, que tem valor conectivo de adição: “Elles como certos da vitoria a appellidão ja dantemão, & dezejão se apresse o diapara a alcançarem: pelo que vos pedimos movais tratos de paz com Ismael, para que vos não perc ais a vós JUNTAMENTE com o Reyno, & a nossas mulheres & filhos.” (HPSC)



### 6.1.1 Processo de lexicalização do latim ao português do século XIV

Em Gondim (2011), investigamos, entre outras questões, os aspectos morfológicos dos advérbios em *–mente*. Concluímos que tais construções têm origem na variedade clássica do latim, quando o substantivo *mente* era utilizado no caso ablativo e acompanhado de um adjetivo, que, para concordar com o termo regente, também ficava no caso ablativo e gênero feminino.

Como mencionamos na seção 3.1, é possível perceber, nessa variedade do latim, a coexistência de inúmeras formas adverbiais, que, em grande parte, foram substituídas pelas construções em *–mente*. Em Gondim (2011), isso nos fez crer que poderíamos identificar, nesse período, o princípio de estratificação de Hopper (1991).

Posteriormente, analisando a construção sob a perspectiva de Lehmann (2002), chegamos à conclusão de que, inicialmente, a construção no ablativo *adjetivo + mente* passou pelo processo de lexicalização. No latim clássico, essas construções ainda não estavam fossilizadas, como podemos perceber no exemplo (32), e, ao que parece, os dois vocábulos — adjetivo e substantivo *mens, -tis* — forneciam conteúdo semântico à construção. Todavia, nessa época, a construção já parece ter dado os primeiros passos a caminho da lexicalização, pois, nos exemplos abaixo, conseguimos acessá-la tanto analítica, como holisticamente<sup>35</sup>. Contudo, percebemos que, entre a abordagem analítica e a holística, há uma ligeira alteração no significado da expressão, como podemos ver nos exemplos abaixo.

(28) LAETA MENTE receptum (OVÍDIO)

*recebido com mente alegre/alegremente*

(29) et patriae RIGIDA MENTE negavit opem (OVÍDIO)

*e com mente fria/friamente negou auxílio à pátria*

(30) Et curam TOTA MENTE decorisagat (OVÍDIO)

*e leve com toda mente o cuidado com o decoro*

(31) non tulit hanc speciem FURIATA MENTE Coroebus (VERGÍLIO)

*Corebo, com mente furiosa, não suportou esta imagem*

---

<sup>35</sup> Cumpre retomar que, segundo Lehmann (2002), um das diferenças entre o léxico e a gramática é que, enquanto a gramática concerne aos signos que são formados regularmente e que são tratados analiticamente, o léxico concerne aos signos que são formados irregularmente e que são tratados holisticamente.

(32) habes TOTA quod MENTE petisti (VERGÍLIO)

*tens tudo o que pediste com toda a mente*

Quanto ao latim vulgar, encontramos, devido à pequena quantidade de fontes dessa variedade, poucas ocorrências da construção *adjetivo + mente*. Nesse período, essas construções também não haviam se fossilizado, como podemos ver no exemplo (34). Entretanto, cumpre lembrar que foi nessa variedade latina que o uso dessas perífrases se generalizou, vez que, como é sabido, no latim vulgar, as formas analíticas eram mais utilizadas que as sintéticas. Assim, segundo Cavalcante (1998), nessa variedade, as adverbiais perifrásticas formadas com a palavra *mente* acompanhada de adjetivo substituíam as formas sintéticas. Podemos entender esse fato como um indício de que, no latim vulgar, essas construções já faziam parte do inventário da língua latina, pois, se estivessem fora do inventário da língua, essas construções não poderiam substituir expressões próprias do léxico latino.

(33) omnes viriet mulieres MENTE DEVOTA obtulerunt donaria (VULGATA)

*todos os homens e as mulheres ofereceram devotamente as oferendas dos templos*

(34) IVXTA quod MENTE devoverat (VULGATA)

*o que tinha consagrado justamente*

Quanto às ocorrências do *romance* e do português arcaico que analisamos em Gondim (2011), concluímos que, nesse período, os advérbios em *-mente* não apenas já faziam parte do inventário lexical da língua portuguesa, como também já haviam concluído o processo de cristalização, tendo, assim, avançado no processo de lexicalização.

### **6.1.2 Processo de lexicalização no português dos séculos XIV, XVI e XX**

Nossa hipótese é que o processo de formação dos advérbios em *-mente*, no século XX, diferentemente dos séculos XIV e XVI, deve apresentar características mais de derivação que de composição ou, ainda, mais de palavra primitiva que derivada.

A fim de testar tal hipótese, avaliamos o grau de composicionalidade dos constituintes mórficos da formação, levando em consideração a contribuição semântica tanto

da base adjetiva como do *–mente* para o sentido da formação como um todo. Propomos, assim, três graus de composicionalidade: a) alta composicionalidade, quando os dois elementos forem transparentes (exemplo 35); b) média composicionalidade, quando um elemento for transparente e o outro for opaco (exemplo 36); e c) baixa composicionalidade, quando os dois elementos forem opacos (exemplo 37).

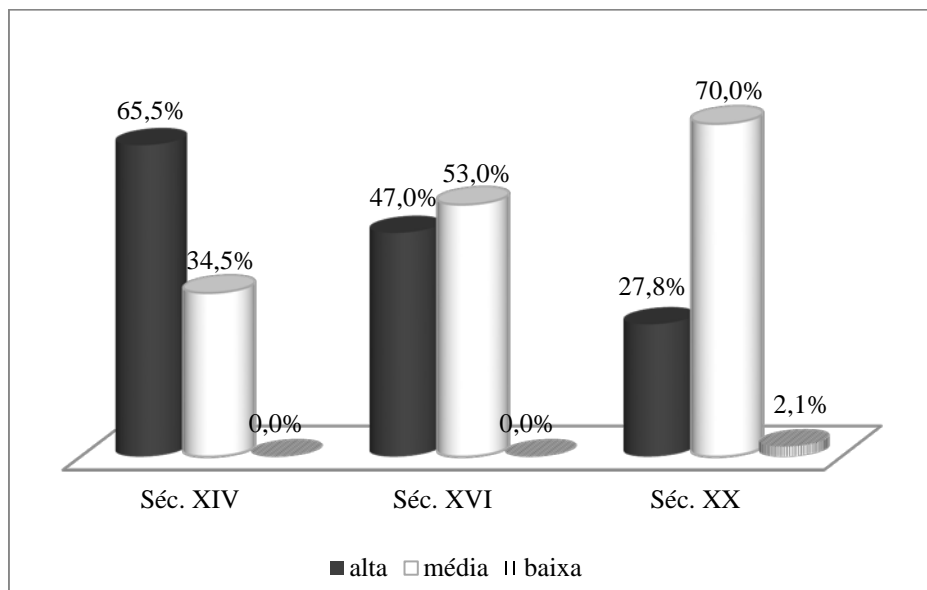
(35) As marcas da revolução de 1824 não se apagariam **FACILMENTE**. (séc XX – HB)

(36) Por último, desejo agradecer a todas as pessoas que me ajudaram na elaboração do livro. Fernando Antônio Novais e Luís Felipe de Alencastro leram, **RESPECTIVAMENTE**, os capítulos sobre a Colônia e o Império, fazendo várias sugestões, incorporadas em grande medida no texto final.

(37) Uma região **ESMAGADORAMENTE** rural, onde as cidades haviam regredido e as trocas econômicas diminuído muito, embora sem desaparecerem completamente. (séc XX – HB)

O gráfico 1 mostra a frequência desses três graus de composicionalidade nos três séculos considerados nesta pesquisa.

Gráfico 1 – Grau de composicionalidade vs. Período



Como podemos perceber, no decorrer dos séculos, a frequência de advérbios de alta composicionalidade vem diminuindo progressivamente. Na medida em que os advérbios

em *-mente* passam a apresentar mais frequentemente um grau de composicionalidade médio ou baixo e menos frequentemente o grau de composicionalidade alto, avançam no processo de lexicalização. Entretanto, a pequena quantidade de ocorrências de advérbio com baixo grau de composicionalidade pode indicar que esses advérbios ainda estão longe de concluírem os processos de lexicalização.

Embora percebamos que tais advérbios ainda têm muito o que avançar no processo de lexicalização, entendemos que o fato de termos encontrado no século XX, ainda que em pequena quantidade, advérbios com baixo grau de composicionalidade pode ser indício de que tais advérbios estão mais próximos das palavras idiomatizadas do que estavam nos séculos mais remotos.

## 6.2 Processo de gramaticalização dos advérbios em *-mente*

Assim como fizemos no tratamento do processo de lexicalização, retomando, inicialmente, as considerações sobre as mudanças sofridas pelas formas em *-mente* desde o latim até o português trecentista, procederemos também assim na análise do processo de gramaticalização.

### 6.2.1 Processo de gramaticalização do latim ao português do século XIV

Como se viu nos exemplos (28-34), mencionados na seção anterior, em todas as variedades do latim, as formas adverbiais *adjetivo + mente* se ligavam ao verbo expressando o valor de modo. Essa forte ligação com o verbo está em consonância com a descrição das formas adverbiais dos gramáticos latinos.

No que se refere ao início da língua portuguesa<sup>36</sup>, concluímos, em Gondim (2011), que, desde o *romanceo*<sup>37</sup>, os advérbios em *-mente* já avançavam no processo de gramaticalização, vez que funcionavam não apenas como modificadores, mas também como circunstanciais e focalizadores, por exemplo; e não incidiam apenas sobre verbos.

Como vemos abaixo, nas abonações dos séculos XIII e XIV, as relações sintáticas dos advérbios em *-mente* foram ainda mais diversificadas. Associaram-se não apenas a verbos, como também incidiram, por exemplo, sobre adjetivos, substantivos, pronomes.

<sup>36</sup> Consideramos aqui o período da língua portuguesa anterior ao século XIV.

<sup>37</sup> Termo usado por Cavalcante (1998) para definir os textos documentais escritos no período entre os séculos IX e XII, que deveriam ser escritos em latim, mas, na verdade, já apresentam algumas palavras portuguesas escritas em grafia latinizante.

(38) E o sseumantiimento eram fallamentos ((L)) sp(ri)tuaaes e davam aos corpos tam ((L)) SSOLLAMENTEaq(ue)llo que lhes era neçessaryo. (séc. XIII - CIPM)

(39) E ella lhe ((L)) disse: - home~ de Deosree-me que eu no~ vy out(ro) home~ ((L)) depois que passey o rrio de Jordamssenomtam ((L)) SSOLLAMENTE a tua presença. (séc. XIV - CP)

Além da diversidade de escopo, outra prova de que, no início da língua portuguesa, tais advérbios avançavam no processo de gramaticalização é a expansão funcional que tais advérbios já apresentavam. Em Gondim (2011), encontramos, já no português trecentista, advérbios em *-mente* exercendo funções de modo e de modalização, mas não de intensidade. Dessa forma, as ocorrências (40) e (43), extraídas de Gondim (2011), exemplificam, respectivamente, as funções de modo, de modalização, circunstância e focalização.

Em (40), *ligeiramente* modifica o verbo. Em (41), *certamente* modaliza todo o conteúdo comunicado. Em (42), o advérbio circunstancial *anualmente* expressa a frequência com que Fernán Martínez de Sisto doa uma carga de vinho ao mosteiro de Maria. Por fim, em (43), *especialmente* focaliza a expressão *pera esto*.

(40) e~t(ra)vam os outros LIGEYRAMENTE mais a mi~ hu~a virtude de Deos me enpuxava e nom me leixava ((L)) emtrar (séc XIII - CIPM)

(41) CERTAMENTE os Godos fezerõ como muy boos cavalleyros e de grande esforço e boo intendimento (séc XIV - CP)

(42) Fernán Martínez de Sisto dona ANUALMENTE al monasterio de Meira una carga de vino, situada sobre una viña (séc XIII - MSMM)

(43) termho sendo juntos nos paaços do conçelho chamados per pregom segundo auemos dhusso e de custume ESPECYALMENTE pera esto que sse segue e de jusso desta carta he escripto (CP - séc XIV)

Assim, é lícito afirmar que, já no início da língua portuguesa, os advérbios em *-mente* estão mais próximos da derivação que da composição. Resta-nos avaliar se o processo de formação dos advérbios em *-mente*, no século XX, estaria ainda mais longe da composição que nos séculos XIV e XVI e se a formação já estaria mais próxima de uma palavra primitiva que derivada, o que seria indício de que tais formas estariam concluindo o processo de

lexicalização. Para tanto, é necessário considerar também o processo de gramaticalização por que passaram tais advérbios.

### 6.2.2 *Processo de gramaticalização nos séculos XIV, XVI e XX*

Com base nos resultados obtidos em nossa pesquisa anterior e na proposta de teóricos como Lehmann (2002), que afirma que quanto mais gramaticalizada uma construção mais abstrato será seu significado, supomos que: a) quanto mais remoto o período histórico, mais frequente a função original dos advérbios em *–mente*, ou seja, a função de modificador; b) quanto mais recente o período histórico, menos frequente a função de modificador e mais frequentes as demais funções exercidas por esses advérbios (circunstanciadores, intensificadores, modalizadores, focalizadores e organizadores textuais).

Para averiguar tal hipótese, analisamos as funções exercidas pelos advérbios em *–mente* em todas as 440 ocorrências que coletamos. Como veremos mais adiante, na tabela 1, com o passar do tempo, tais advérbios realmente expandiram bastante suas funções e passaram a ser muito mais frequentes no século XX que nos séculos anteriores, como já salientamos. No século XIV, foram encontrados apenas quatro tipos de funções: modificador, circunstanciador, focalizador e organizador textual. Já nos séculos XVI e XX, há exemplos de todos os seis tipos de função que pesquisamos. Os exemplos a seguir ilustram tais funções nos séculos considerados na pesquisa.

#### a) Função modificador

(44) Oo grande e muy famoso Hercolles, começador e acabador dos grandes feytos! Oo home~ forte e ligeyro e piadoso, envyado dos deusses eternaes pera destroyr os cruees e sem piedade e livrar os que som em prema e servydon de tira~nos! Tu, que tantos boos feytos fezeste e as tirados tantos home~e~s de servydom dos maaos senhorios, rogamoste que acorras a nos que GRAVEMENTE somos atorme~tados e~ ma~a~o de forte tira~no e, ou per teus rogos ou per bondade de teu corpo, sejamos livrados. (séc. XIV – CGE)

(45) E a primeira coufa que pretendem adquirir, fã m efcrauos pera nellaslhes fazem suas fazendas: & se hũa peffoa chega na terra aalcançar dous pares, ou meya duzia delles (ainda que outra coufa nam tenha de feu ) logo tem remedio pera poder HONRADAMENTE fultêtar fua familia: porque hum lhe pefca , & outro lhe caça, os outros lhe cultiuão & grangeãofuas roças, & desta amaneira nam fazem

os homens despefa em mantimentos com feus escrauos , nem com fuas peffoas. (séc. XVI – HPSC)

(46) Longe do centro principal da vida da Colônia, o Norte do Brasil viveu uma existência muito diversa do Nordeste. A colonização ocorreu aí LENTAMENTE, a integração econômica com o mercado europeu "foi precária até fins do século XVIII e predominou o trabalho compulsório Indígena. (séc. XX – HB)

b) Função circunstanciador

(47) E como fora outrossy sabudo o muy perlongado feito d'Espanha, o qual passou per muytos senhorios dos quaaes foy muyto mal tragida per muytas vezes em lides e batalhas daquelles que a co~querero~, e outrossy o que os d'Espanha fazia~ em se deffender? E, por os mudamentos dos muytos senhorios, se perdero~ os livros em que era~ scriptos os grandes feitos que se em elle ANTIGAMENTE fezeron, assi que aadur pode seer sabudo o começo dos que a poboaron. (séc XIV – CGE)

(48) Tambem eflà outra ilha a par desta da banda do Norte, a qual diuide da terra firme outro braço de mar que sevem ajuntar com este: em cuja barra estam feitas duas fortalezas, cada hũa de sua banda que defendem esta capitania dos Indios & colfairos do mar com artelharia de que estam muy bem apercebidas. Por esta barra se feruiam ANTIGUAMENTE, que he o lugar por onde costumauam os immigos de fazer muito damno aos moradores. (séc. XVI – HPSC)

(49) Pombal tentou coibir o contrabando de ouro e diamantes e tratou de melhorar a arrecadação de tributos. Em Minas Gerais, o imposto de capitação foi substituído pelo antigo quinto do ouro, com a exigência de que deveria render ANUALMENTE pelo menos cem arrobas do metal. Depois de uma série de falências, a Coroa se incumbiu de explorar diretamente as minas de diamante (1771). (séc XX – HB)

c) Função intensificador

(50) Mandou o Infante que entrasse sendo Christão, & tanto que o vio, reconheceo ser o mesmo que acabava de ver em sonhos, com que ficou SUMMAMENTE con solado. (séc. XVI – DML)

(51) A Confederação do Equador deveria reunir sob forma federativa e republicana, além de Pernambuco, as províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte,

Ceará e, possivelmente, o Piauí e o Pará. O levante teve conteúdo ACENTUADAMENTE urbano e popular, diferenciando-se da ampla frente regional, com a liderança de proprietários rurais e alguns comerciantes, que caracterizara a Revolução de 1817. (séc. XX – HB)

d) Função modalizador

(52) El Rey Dom Afonso para ficar lembrança da grande vitória que alcançou dos Mouros, mandou no princípio atravessar quatro cordões no escudo, dous em Cruz de meio a meio, & dous em aspa de canto a canto, fazendo de outro cercadura, & por elles pendurou muitos escudos, posto que quatro que ficão dentro no escudo, & o do chefe da bordadura são NOTAVELMENTE mayores, & feitos a modo de adargas, ou pontas de lança. (séc. XVI – DML)

(53) Em seus primeiros tempos, PROVAVELMENTE em fins da Idade Média, a maçonaria reuniu principalmente artesãos ligados à construção e daí o seu nome derivado de maçon, “pedreiro” em francês. A partir do século XVII, tomou a forma de um movimento secreto constituído por grupos de iniciados, visando a combater as tiranias e a Igreja. No Brasil, onde os padres participaram frequentemente de atos de rebeldia, a maçonaria teve a feição de um núcleo antiabsolutista, cujos membros mais extremados tendiam a defender a independência do país. Por exemplo, um grande número de maçons participou ativamente da Revolução de 1817, e os preparativos revolucionários foram feitos, em boa parte, em clubes e lojas secretas, embora não se possa afirmar que fossem todos ligados à maçonaria. (séc XX – HB)

e) Função focalizador

(54) E pobraron muytas vyllas, ASIINADAMENTE Tolledo e fezeron-na cabeça do regno e fezerom hy [hu~u~] grande templo e adoraro~ hy o fogo, assy como o avya~ por ley. E pobraron Panpolona e Segonça e Cordova e outros muytos logares que no~ avemos em escripto os nomes delles. (séc. XIV – CGE)

(55) Os Gaiiães tambem fãem muy deftro & forçosos: ESPECIALMENTE hũs pequenos como efmerilhões em sua quantidade ofãem tanto, que remetem a hũa perdiz & a leuam nas vnhaspera onde querẽ. (séc. XVI – HPSC)

(56) Tomando agora o caso português, que nos interessa de perto, seria equivocado pensar que os preceitos mercantilistas foram aplicados sempre consistentemente. Se insistimos em lhes dar grande importância, é porque eles apontam para o sentido mais profundo das relações Metrópole-Colônia, embora



não contem toda a história dessas relações. curiosamente, a aplicação mais conseqüente da política mercantilista só se deu em meados do século XVIII, sob o comando do Marquês de Pombal, quando seus princípios já eram postos em dúvida no resto da Europa Ocidental./A Coroa lusa abriu brechas nesses princípios, PRINCIPALMENTE devido aos limites de sua capacidade de impô-los. (sé. XX –HB)

f) Função organizador textual

(57) Em Espanha ha muytas e boas villas e cidades, aas quaaes nos aqui queremos contar os nomes e os termos e outrossy os ryos con que comarcan. E PRIMEIRAMENTE começaremos em Cordova que he madre de todallas cidades d'Espanha. (séc XIV – CGE)

(58) A carne destes animaes he a melhor & a mais estimada ~q ha nesta terra, & tem o laborquali como de galinha./Ha tambem coelhos como os de cá da nossa patria, de cujo parecer nam differem coufa alguma./FINALMENTE que desta & de toda a mais caça de que acima tratey, participam (como digo) todos os moradores, & matafe muita della á custa de pouco trabalho em toda a parte que querem: porque nam ha la impedimento de coutadas como nestes Reinos, & hũ fô Indio basta (fe he bom caçador) a sustentar hũa cafa de carne do mato: ao qual nam escapa hum dia por outro, que nam mate porco ou veado, ou qualquer outro animal destes de que fiz mençam. (séc. XVI - HPSC)

(59) Os Andradas, que tinham passado para a oposição depois das medidas autoritárias de Dom Pedro, lançaram seus ataques através de O Tamoio; Cipriano Barata e Frei Caneca combateram a monarquia centralizada, RESPECTIVAMENTE, na Sentinela da Liberdade e no Tíffis Pernambucano. (séc XX – HB)

Os resultados da análise da função estão representados na tabela 1,

Tabela 1 – Funções do advérbio em *–mente* nos séculos XIV, XVI e XX

	por período			
	Séc. XIV	Séc. XVI	Séc. XX	Total
<b>Circunstanciador</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>35</b>
% da função	34,3%	22,9%	42,9%	100%
% do período	13,8%	6,8%	6,4%	8,0%
<b>Focalizador</b>	<b>16</b>	<b>33</b>	<b>66</b>	<b>115</b>
% da função	13,9%	28,7%	57,4%	100%
% do período	18,4%	28,2%	28,0%	26,1%
<b>Intensificador</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>11</b>	<b>14</b>
% da função	0,0%	21,4%	78,6%	100%
% do período	0,0%	2,6%	4,7%	3,2%
<b>Modalizador</b>	<b>0</b>	<b>14</b>	<b>71</b>	<b>85</b>
% da função	0,0%	16,5%	83,5%	100%
% do período	0,0%	12,0%	30,1%	19,3%
<b>Modificador</b>	<b>57</b>	<b>55</b>	<b>67</b>	<b>179</b>
% da função	31,8%	30,7%	37,4%	100%
% do período	65,5%	47,0%	28,4%	40,7%
<b>Organizador textual</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>12</b>
% da função	16,7%	33,3%	50,0%	100%
% do período	2,3%	3,4%	2,5%	2,7%
<b>Total</b>	<b>87</b>	<b>117</b>	<b>236</b>	<b>440</b>
% nos <i>corpora</i>	19,8%	26,6%	53,6%	100%
% do período	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 1 demonstra a frequência numérica e as frequências percentuais das ocorrências das diversas funções que avaliamos em relação aos períodos considerados. A *% da função* considera o número de ocorrências de determinada função em determinado século em relação ao total da mesma função em todos os séculos considerados. A *% do período* considera o número de ocorrências de determinada função em determinado século em relação ao total das ocorrências de todas as funções encontradas no mesmo século.

Tomando como base a relação entre a função e o período (*% do período*), observamos que os advérbios modificadores perderam frequência com o passar dos séculos. Apesar de a quantidade desse tipo de advérbio encontrada em cada século ter sido bastante similar: 57 ocorrências no século XIV, 55 no XVI e 67 no XX, no século XIV, as 57 ocorrências de modificadores correspondem a 65,5% do total de ocorrências de advérbios em *–mente* do período. No século XVI, os 55 modificadores correspondem a 47% dos 117 casos

analisados, não chegando nem mesmo à metade das ocorrências analisadas. Mesmo assim, nesse período, essa função ainda foi a mais frequente. Por fim, no século XX, as 69 ocorrências avaliadas equivalem a apenas 28,4% do total de 238 casos, não sendo sequer o tipo de função mais frequente.

Os circunstanciadores, assim como os modificadores, também apresentaram queda de frequência percentual entre os séculos XIV e XVI, vez que reduziram sua frequência em, praticamente, 50% entre esses séculos. Tal fato é indício de que, nesse período, os advérbios em *-mente* já apresentavam importante avanço no processo de gramaticalização, já que, além de se afastarem de sua função original de modificador, passavam a exercer com menos frequência a função de circunstanciador, que consideramos, baseados em Heine et al. (1991), mais concreta do que a função de modalizador e organizador textual, por exemplo, já que está relacionada à noção de tempo. No primeiro período, os circunstanciadores ocorreram em 13,8% dos casos e, no segundo, em apenas 6,8%, mas mantiveram praticamente a mesma frequência entre os séculos XVI e XX, vez que figuraram em 6,4% das ocorrências mais recentes.

Ao contrário dos modificadores e circunstanciadores, os advérbios focalizadores, intensificadores e modalizadores apresentaram um aumento entre os séculos XIV e XX.

Os focalizadores já se mostraram muito frequentes no século XIV, período em que figuraram em 18,4% das ocorrências que analisamos, resultado que se coaduna com o encontrado em Gondim (2011), já que, mesmo tendo realizado apenas uma análise qualitativa, observamos muitas ocorrências de focalizadores já no período entre o *romance* e o português trecentista (dos séculos XIII e XIV), como ilustra o exemplo (60).

(60) e começou horar caladamente p(er) tal guisa ((L)) que ella movia tam  
SSOLAMENTE os beijos mais ((L)) a ssua voz nom era ouvida. (CIPM - séc  
XIII).

A alteração da frequência desses advérbios, entre os séculos XVI e XX, foi pouco significativa, vez que ocorreram em 28,2% e 28% das ocorrências, respectivamente.

No que concerne aos intensificadores, tais advérbios não ocorreram no século XIV e, mesmo nos séculos mais recentes, foram pouco frequentes, totalizaram 2,6% e 4,7% dos casos dos séculos XVI e XX, respectivamente. Tal frequência também corrobora os resultados que obtivemos em Gondim (2011), já que, nesse trabalho, também não encontramos nenhuma ocorrência de advérbios em *-mente* exercendo esse tipo de função.

Dessa forma, deduzimos que a função de intensificador foi uma das de desenvolvimento mais tardio. Para averiguarmos melhor tal dedução, fizemos uma pesquisa pontual em todo o texto da Crônica Geral de Espanha, para tentarmos localizar, no século XIV, alguma das formas adverbiais que atuaram como intensificadoras nos séculos XVI e XX. Assim, encontramos uma única ocorrência, apresentada em (61), em que o advérbio *fortemente* foi utilizado, ainda no século XIV, incidindo sobre a propriedade *spantado* para intensificar o seu conteúdo.

(61) Depois que os iffantes ouvero~ feita sua maa obra e se foron, Ordonho, sobrinho do Cide, de que ja avedes ouvido, viinha per seu camynho, e~culcando e sabendo parte per onde hya~ e como hya~. E, qua~do chegou em aquelle logar, ouvvyo vozes dooridas, como de molheres fracas, e desvyousse do camynho por saber que poderia seer. E, quando chegou a ellas e as conheceu e as vyo assy aparelhadas, foy FORTEMENTE spantado e fora de si e fez com ellas gra~de doo.<sup>38</sup> (séc. XIV –CGE)

Sendo assim, ao que parece, tais advérbios devem ter começado a ocorrer na língua portuguesa por volta do século XIV, mas com uma frequência extremamente baixa. Tanto é que, em um recorte de 40.000 palavras só do século XIV, não encontramos sequer uma ocorrência desse tipo de advérbio.

Por outro lado, a baixa frequência desses advérbios no século XX talvez esteja relacionada com o gênero dos textos que nos serviram como *corpora*. Se analisássemos, por exemplo, anúncios, provavelmente encontraríamos uma frequência bem maior desses advérbios, uma vez que o uso de intensificadores poderia ser motivado pelo próprio objetivo do gênero anúncio, chamar a atenção para as qualidades de um determinado produto ou serviço.

Diferentemente dos intensificadores, os modalizadores, apesar de não terem sido encontrados no período mais remoto da pesquisa atual, figuraram entre os que encontramos no português trecentista em Gondim (2011), como se pode ver em (62). Portanto, ao que parece, os modalizadores também já ocorriam no século XIV, mas em frequência extremamente baixa.

---

<sup>38</sup> Ressaltamos que (53) não entrou em nossa análise quantitativa porque não fazia parte do recorte que tomamos como *corpora* (as primeiras 40000 palavras de cada texto).

(62) CERTAMENTE os Godos fezerõ como muy boos cavalleyros e de grande esforço e boo intendimento (séc. XIV - CP)

Além do aumento de frequência, outro indício de gramaticalização apresentado por tais advérbios foi a expansão dos subtipos de modalizadores. No século XVI, encontramos apenas ocorrências de modalizadores epistêmicos e delimitadores. Enquanto no século XX encontramos, além desses subtipos, os atitudinais. Os exemplos a seguir ilustram, respectivamente, os modalizadores epistêmicos, delimitadores e atitudinais<sup>39</sup>.

(63) Pois ô Nimphas cantay que CLARAMENTE Mais do que fez Leonidas em Grecia O nobre Lionis fez em Malaca. (séc. XVI - HPSC)

(64)H E tam grande a copia do fabrofo & fadio pescado que se mata, afsi no mar alto, como nos rios & bahias desta puincia de ~q GERALMENTE os moradores sam participâtes ã todas as capitania, ~q esta fó fertilidade bastára a sustentalos abũdantísimamente, ainda que nam ouuera carnes nem outro genero de caça na terra de que se proueram como atras fica declarado. (séc. XVI - HPSC)<sup>40</sup>

(65) Tomando agora o caso português, que nos interessa de perto, seria equivocado pensar que os preceitos mercantilistas foram aplicados sempre consistentemente. Se insistimos em lhes dar grande importância, é porque eles apontam para o sentido mais profundo das relações Metrópole-Colônia, embora não contem toda a história dessas relações. CURIOSAMENTE, a aplicação mais consequente da política mercantilista só se deu em meados do século XVIII, sob o comando do Marquês de Pombal, quando seus princípios já eram postos em dúvida no resto da Europa Ocidental. (séc XX – HB)

<sup>39</sup> Em nossos *corpora*, encontramos duas ocorrências do item adverbial *necessariamente*, que é frequentemente utilizado como deôntico (cf NEVES, 2011). Entretanto, em nenhuma das ocorrências encontradas os advérbios funcionaram como modalizador deôntico, como se pode ver nos exemplos: *Como não citá-los, sem fazer injustiças e correr o risco de ser acusado de plágio? Procurei resolver o problema através das referências bibliográficas finais. As referências não abrangem todas as fontes consultadas e não contêm NECESSARIAMENTE a bibliografia essencial. Elas abrangem apenas aqueles textos diretamente utilizados na redação. obviamente, por utilizá-los, considero-os importantes (séc XX- HB)*

*A Coroa e seus prepostos no Brasil assumiram um papel de organizador geral da vida da Colônia que não correspondia NECESSARIAMENTE a esses interesses. Por exemplo, medidas tendentes a limitar a escravização dos índios, ou garantir o suprimento de gêneros alimentícios por meio do plantio obrigatório nas fazendas, foram recebidas até com revolta pelos apesadores de índios e proprie-tários rurais. (séc. XX – HB).*

Em ambos os exemplos, o item adverbial *necessariamente* funciona como um modalizador epistêmico, e não deôntico, já que não expressa uma obrigação, e sim uma avaliação do falante em relação ao que é dito.

<sup>40</sup> Conforme Neves (2011, p. 251), “embora a delimitação sugira principalmente redução de âmbito, ou restrição, ocorre que os advérbios delimitadores podem marcar, como limite, um todo genérico”

Finalmente, no que respeita aos organizadores textuais, não houve mudança de frequência significativa desses advérbios entre os séculos estudados, visto que, entre o século XIV e XVI, apresentaram um aumento de apenas 1,1% e, entre o XVI e XX, uma queda de 0,9%, como se observa na tabela 1.

Tomando como base a relação entre o período e a função (*% da função*), percebemos que considerar o número de ocorrências de determinada função em um período em relação ao seu número total de ocorrências nos *corpora* não nos fornece um resultado seguro, já que o número total de advérbios encontrados no *corpus* do século XX foi bem superior ao número encontrado nos demais séculos. Dessa forma, o percentual da função no século XX tende sempre a ser superior ao dos séculos XVI e XIV.

Com o intuito de deixar a avaliação mais equilibrada, resolvemos somar as 87 ocorrências do século XIV e as 177 do século XVI e, assim, comparar os dois séculos mais remotos com o século mais atual. Dessa forma, os resultados expressos se tornam mais confiáveis, uma vez que consideramos um total de ocorrências mais similar: 204 ocorrências dos séculos XIV e XVI e 236 do século XX, ou seja, respectivamente, 46,4 e 53,6% do total das 440 ocorrências encontradas nos *corpora*.

Tabela 2 – Função do advérbio nos séculos XIV e XVI e no século XX

	por período		
	Séc. XIV e XVI	Séc. XX	Total
<b>Circunstanciador</b>	<b>20</b>	<b>15</b>	<b>35</b>
% da função	57,1%	42,9%	100%
% do período	9,8%	6,4%	8%
<b>Focalizador</b>	<b>49</b>	<b>66</b>	<b>115</b>
% da função	42,6%	57,4%	100%
% do período	24,0%	28,0%	26%
<b>Intensificador</b>	<b>3</b>	<b>11</b>	<b>14</b>
% da função	21,4%	78,6%	100%
% do período	1,5%	4,7%	3%
<b>Modalizador</b>	<b>14</b>	<b>71</b>	<b>85</b>
% da função	16,5%	83,5%	100%
% do período	6,9%	30,1%	19%
<b>Modificador</b>	<b>112</b>	<b>67</b>	<b>179</b>
% da função	62,6%	37,4%	100%
% do período	54,9%	28,4%	41%
<b>Organizador textual</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>12</b>
% da função	50,0%	50,0%	100%
% do período	2,9%	2,5%	3%
<b>Total</b>	<b>204</b>	<b>236</b>	<b>440</b>
% do <i>corpus</i>	46,4%	53,6%	100%
% do período	100%	100%	100%

A tabela 2 mostra que, dos 179 advérbios modificadores encontrados nos três períodos, 62,6% ocorreram nos séculos XIV e XVI e apenas 37,4% no século XX.

Independentemente de considerarmos a função em relação ao período ou o período em relação à função, fica patente que tais advérbios realmente sofreram, com o passar do tempo, uma queda de frequência, o que confirma nossa hipótese.

O mesmo ocorre com as demais funções consideradas. Circunstanciadores também demonstram uma queda de frequência. Focalizadores, intensificadores e modalizadores se tornam mais frequentes e os organizadores textuais tendem se manter estáveis.

Dentre todas as funções, chamou-nos a atenção o pouco aumento do uso dos focalizadores. Quando comparamos seu total de 33 ocorrências no século XVI com o total das 117 ocorrências de advérbios em *-mente* encontradas no mesmo século, e as 66 ocorrências do século XX com o total de 236 ocorrências também do século XX, percebemos, como dissemos anteriormente, que, dentre todas as funções do século XVI, 28,2% são focalizador e, dentre todas as do século XX, 28% são focalizador, o que demonstra uma ascensão ínfima no decorrer desses séculos. Quando consideramos seu total de 49 ocorrências nos séculos XIV e XVI com o total de 115 ocorrências dessa mesma função em todos os séculos, percebemos que, de todos os advérbios focalizadores encontrados em nossa pesquisa, 42,6% ocorrem nos séculos mais remotos e 57,4% no século mais recente, o que mostra um crescimento mais acentuado que o da linha de comparação anterior, mas ainda pequeno se comparado às demais funções que ascenderam. Do total de 85 modalizadores, por exemplo, 16,4% ocorreram nos períodos mais remotos e 83,5% no mais recente, ou seja, um aumento de 67,1%. Os intensificadores também demonstraram um aumento bastante significativo de 57,2%.

Nossa hipótese para o resultado relativo aos focalizadores foi a de que o advérbio *somente* (e sua variação antiga *solamente*) estivesse enviesando os resultados da pesquisa, vez que este item adverbial parece ter-se gramaticalizado muito cedo na língua portuguesa, devido a sua grande ocorrência na construção *não tão somente X*<sup>41</sup>, muito frequente no século XVI e principalmente no XIV.

A fim de testar tal hipótese, fizemos um novo cruzamento de dados excluindo este item adverbial de todos os séculos e chegamos aos resultados expressos nas tabelas 3 e 4, a seguir.

---

<sup>41</sup> Essa construção parece ser uma variação da construção não só X, que ao que parece, desde a variedade clássica da língua latina, já que ocorria tanto sozinha (non solum) como com a correlativa mas também (sed etiam). Prova disso é que encontramos referência a tais construções em dicionários latinos como Saraiva (2006) e Faria (1994) e usos dessas construções em autores clássicos como Cícero (DE LEGE AGRARIA ORATIO TERTIA CONTRA P. SERVILIUM RVLLVM TR. PLEB. IN SENATV) “...non solum meam sed etiam vestram diligentiam prudentiamque despexerit?” [grifo nosso]. (disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/legagr3.shtml>)

Tabela 3 – Função do advérbio nos séculos XIV, XVI e XX, sem as ocorrências de *somente*

		por período			
		Séc. XIV	Séc. XVI	Séc. XX	Total
por função	<b>Circunstanciador</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>35</b>
	% da função	34,3%	22,9%	42,9%	100%
	% do período	15,2%	8,2%	6,5%	8,6%
	<b>Focalizador</b>	<b>8</b>	<b>14</b>	<b>62</b>	<b>84</b>
	% da função	9,5%	16,7%	73,8%	100%
	% do período	10,1%	14,3%	26,7%	20,5%
	<b>Intensificador</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>11</b>	<b>14</b>
	% da função	0,0%	21,4%	78,6%	100%
	% do período	0,0%	3,1%	4,7%	3,4%
	<b>Modalizador</b>	<b>0</b>	<b>14</b>	<b>71</b>	<b>85</b>
	% da função	0,0%	16,5%	83,5%	100%
	% do período	0,0%	14,3%	30,6%	20,8%
	<b>Modificador</b>	<b>57</b>	<b>55</b>	<b>67</b>	<b>179</b>
	% da função	31,8%	30,7%	37,4%	100%
	% do período	72,2%	56,1%	28,9%	43,8%
	<b>Organizador textual</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>12</b>
	% da função	16,7%	33,3%	50,0%	100%
	% do período	2,5%	4,1%	2,6%	2,9%
	<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>98</b>	<b>232</b>	<b>409</b>
	% do <i>corpus</i>	19,3%	24,0%	56,7%	100%
% do período	100%	100%	100%	100%	

Tabela 4 – Função do advérbio nos séculos XIV e XVI e no século XX, sem as ocorrências de *somente*

		por período		
		Séc. XIV e XVI	Séc. XX	Total
por função	<b>Circunstanciador</b>	<b>20</b>	<b>15</b>	<b>35</b>
	% da função	57,1%	42,9%	100%
	% do período	11,3%	6,5%	9%
	<b>Focalizador</b>	<b>22</b>	<b>62</b>	<b>84</b>
	% da função	26,2%	73,8%	100%
	% do período	12,4%	26,7%	21%
	<b>Intensificador</b>	<b>3</b>	<b>11</b>	<b>14</b>
	% da função	21,4%	78,6%	100%
	% do período	1,7%	4,7%	3%
	<b>Modalizador</b>	<b>14</b>	<b>71</b>	<b>85</b>
	% da função	16,5%	83,5%	100%
	% do período	7,9%	30,6%	21%
	<b>Modificador</b>	<b>112</b>	<b>67</b>	<b>179</b>
	% da função	62,6%	37,4%	100%
	% do período	63,3%	28,9%	44%
	<b>Organizador textual</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>12</b>
	% da função	50,0%	50,0%	100%
	% do período	3,4%	2,6%	3%
	<b>Total</b>	<b>177</b>	<b>232</b>	<b>409</b>
	% do <i>corpus</i>		43,3%	56,7%
% do período		100%	100%	100%

Os resultados encontrados em ambas as tabelas estão bem mais próximos do que prevê a teoria da gramaticalização que os apresentados nas tabelas anteriores, em que uma



função essencialmente pragmática como a de focalizador ocupava, em séculos antigos como o XIV e o XVI, o segundo lugar entre os advérbios mais frequentes. A comparação entre as tabelas 1 e 3 mostra que, com a exclusão de *somente* e de sua variante *solamente*, esse tipo de função deixa de ser a segunda mais frequente no século XIV e passa a ser a terceira, perdendo lugar para os circunstanciadores, função mais concreta, se considerarmos a escala proposta por Heine et alii (1991), já que está ligada às noções de tempo<sup>42</sup>.

A comparação entre as tabelas 2 e 4 demonstra que, se não considerarmos a frequência dos advérbios *somente* e *solamente*, o aumento do número de ocorrências de focalizadores dos séculos XIV e XVI, juntos, para o século XX, em relação ao total de ocorrências de focalizadores nos três séculos é bem mais acentuado. Como se pode conferir, o aumento apresentado na tabela 2 foi de 14,8%, enquanto o ilustrado na tabela 4 foi de 47,6%.

Em suma, os dados mostram que, como hipotetizamos, quanto mais recente o período histórico, mais amplo o número de funções que os advérbios em *-mente* exercem. Os advérbios em *-mente* realmente tendem a expandir suas funções com o passar do tempo, exercendo, assim, cada vez menos sua função original de modificador e cada vez mais outros tipos de função. Prova disso é que, nos séculos XIV e XVI, a função de modificador era a mais comum, ocorrendo em 63,3% das ocorrências desse período, e, no século XX, essa função deixa de ser a mais frequente e passa a ocorrer em apenas 28,9% das ocorrências.

Outra hipótese que elaboramos acerca da expansão funcional dos advérbios em *-mente* foi a de que, como o passar do tempo, tais advérbios exercem mais funções pragmáticas e menos funções semânticas.

Para avaliar tal hipótese, categorizamos, com base nas definições funcionais de Neves (2011) e nas considerações de Souza (2004) acerca dos focalizadores, as 440 ocorrências analisadas em seis tipos distintos de funções: modificador, circunstanciador, intensificador, focalizador, modalizador e organizador textual.

Para verificar o aumento progressivo das funções pragmáticas, conforme explicitamos na metodologia, agrupamos as seis funções adverbiais em três grandes categorias: funções semânticas, funções pragmáticas e funções semântico-pragmáticas. Consideramos funções semânticas as que dizem respeito à significação ou ao valor de verdade da sentença. Assim, incluímos nesse grupo os modificadores, circunstanciadores e intensificadores. Os primeiros geralmente se relacionam com uma propriedade verbal ou adjetiva, atribuindo-lhe o valor de modo, como em (66). Os circunstanciadores localizam

---

<sup>42</sup> Não encontramos em nossos *corpora* advérbios circunstanciadores relacionados à noção de lugar.

temporalmente o escopo sobre o qual incidem, geralmente um estado-de-coisas, como em (67). Por fim, os intensificadores reforçam o conteúdo de seu escopo, como em (68).

(66) Todas estas pouoações estão situadas ao lōgo de hũa bahia muy grande & ferm ofa, onde podemtrar feguramente quaesquer naos por grandes~q feção: a qual he tres legoas de largo, & nauegafe quinze por ella dentro. (séc. XVI – HPSC)

(67) A este logar [Cartajenya] soyam ANTIGAMENTE chamar Espartaris por que he em terra donde ha muyto esparto; e agora he chamada esta terra Mo~te Aragon. (séc. XIV)

(68) Uma região ESMAGADORAMENTE rural, onde as cidades haviam regredido e as trocas econômicas diminuído muito, embora sem desaparecerem completamente. (séc XX)

Como funções pragmáticas, incluímos as funções que dizem respeito à organização textual ou à interação entre os participantes do evento comunicativo — no nosso caso, os autores e leitores dos textos que tomamos como *corpora*. Sendo assim, estão incluídos neste grupo os focalizadores, os organizadores textuais e os modalizadores atitudinais. Os primeiros atuam na marcação de foco, que remete à questão da intenção comunicativa, já que o falante/autor utiliza esse tipo de advérbio para salientar a informação que ele julga mais importante. Como exemplo desse tipo de advérbio, podemos tomar a ocorrência (69).

(69) É difícil analisar a sociedade e os costumes indígenas, porque se lida com povos de cultura muito diferente da nossa e sobre a qual existiram e ainda existem fortes preconceitos. Isso se reflete, em maior ou menor grau, nos relatos escritos por cronistas, viajantes e padres, ESPECIALMENTE jesuítas.

Os organizadores textuais se relacionam com a coesão textual. Em (70), por exemplo, a forma em *–mente* estabelece relação entre o indivíduo *Cipriano Barata* e o lugar *Sentinela da Liberdade* e entre *Frei Caneca* e *Tífis Pernambucano*.

(70) Os Andradas, que tinham passado para a oposição depois das medidas autoritárias de Dom Pedro, lançaram seus ataques através de O Tamoio; Cipriano Barata e Frei Caneca combateram a monarquia centralizada,

RESPECTIVAMENTE, na Sentinela da Liberdade e no Tífis Pernambucano. (séc. XX)

Por fim, os modalizadores atitudinais expressam emoções do falante/autor em relação ao conteúdo comunicado, como se vê em (71).

(71) Os escolhidos nessas eleições, primárias formavam o corpo eleitoral que elegeria os deputados. Para ser candidato, nessa segunda etapa, as exigências aumentavam: além dos requisitos anteriores era necessário ser católico e ter uma renda mínima anual de 400 mil-réis. Não havia referência expressa às mulheres, mas elas estavam excluídas desses direitos políticos pelas normas sociais. CURIOSAMENTE, até 1882 era praxe admitir o voto de grande número de analfabetos, tendo em vista o silêncio da Constituição a esse respeito.

Categorizamos como funções semântico-pragmáticas modalizadores epistêmicos e delimitadores<sup>43</sup>, uma vez que parecem estar a meio caminho entre os dois grupos, já que atuam sobre o valor de verdade, exprimindo uma intervenção do falante/autor em relação ao que é dito. Os modalizadores epistêmicos expressam, conforme Neves (2011), uma avaliação do valor de verdade do que é dito. Tal avaliação passa pelo conhecimento do falante/autor e pode ser positiva, negativa ou relativa. No exemplo a seguir, encontramos dois itens adverbiais que funcionam como modalizadores epistêmicos.

(72) As referências [do HB] não abrangem todas as fontes consultadas e não contêm NECESSARIAMENTE a bibliografia essencial. Elas abrangem apenas aqueles textos diretamente utilizados na redação. OBVIAMENTE, por utilizá-los, considero-os importantes.<sup>44</sup>

Os advérbios *necessariamente* e *obviamente* modalizam o conteúdo comunicado sobre o qual incidem. O primeiro incide sobre o conteúdo *contêm a bibliografia essencial* exprimindo a ideia de que o falante não dá como certa, como garantida a presença da bibliografia essencial. O segundo, *obviamente*, caracteriza-se como um modalizador epistêmico afirmativo. Com ele, o falante mostra o fato de ele considerar importantes os textos que utilizou na redação de seu livro como algo óbvio, natural, já que, se não fossem considerados importantes, não teriam sido usados.

<sup>43</sup> Se tivessem sido encontrados em nossos *corpora*, os modalizadores deônticos também poderiam ser incluídos nesse tipo de função, já que, com eles, o falante expressa a ideia de obrigação, de dever em relação ao que é dito.

<sup>44</sup> Além dos modalizadores, (64) apresenta também o modificador *diretamente*, que se associa à propriedade *utilizados*, exprimindo a noção de modo.

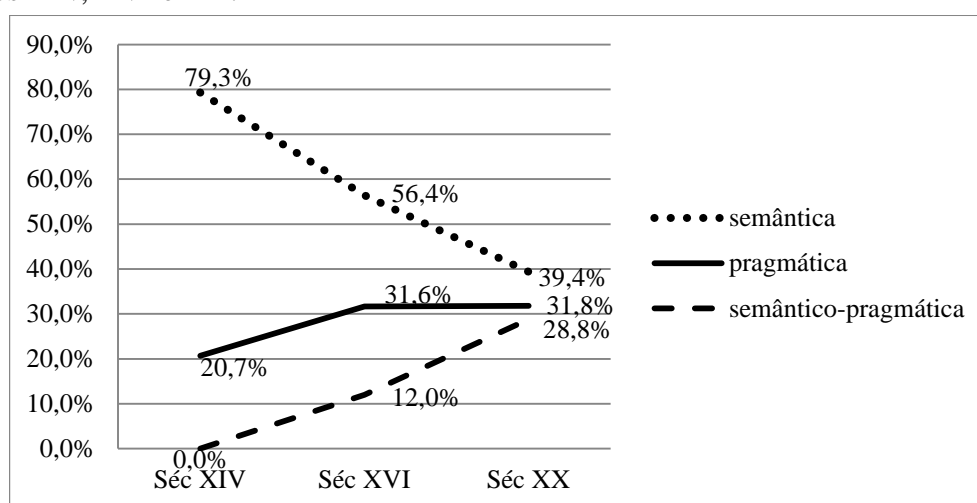
Quanto aos resultados, a tabela 5 comprova que, como supomos, do século XIV ao XVI, a frequência das funções semânticas sofre uma queda progressiva, na medida em que a das semântico-pragmáticas e das pragmáticas ascende. Do século XVI ao XX, a frequência das funções semânticas e semântico-pragmáticas mantém-se, respectivamente, em queda e ascensão, enquanto a frequência das funções pragmáticas praticamente se mantém inalterada.

Tabela 5 – Tipo de função vs período

		por período			
		Séc. XIV	Séc. XVI	Séc. XX	Total
por função	Semântica	<b>69</b>	<b>66</b>	<b>93</b>	<b>228</b>
	% da função	30,3%	28,9%	40,8%	100%
	% do período	79,3%	56,4%	39,4%	51,8%
	Pragmática	<b>18</b>	<b>37</b>	<b>75</b>	<b>130</b>
	% da função	13,8%	28,5%	57,7%	100,0%
	% do período	20,7%	31,6%	31,8%	29,5%
	Semântico-pragmática	<b>0</b>	<b>14</b>	<b>68</b>	<b>82</b>
	% da função	0,0%	17,1%	82,9%	100%
	% do período	0,0%	12,0%	28,8%	18,6%
	<b>Total</b>	<b>87</b>	<b>117</b>	<b>236</b>	<b>440</b>
	% do corpus	19,8%	26,6%	53,6%	100%
	% do período	100%	100%	100%	100%

O gráfico 2 evidencia que os três tipos de funções parecem estar convergindo para um mesmo ponto, de modo que o século XX é o que apresenta maior equilíbrio, com uma distribuição quase uniforme das três funções, com leve predomínio da função semântica, com quase 40% das ocorrências deste século.

Gráfico 2 – Frequência das funções semânticas, pragmáticas e semântico-pragmáticas nos séculos XIV, XVI e XX.



Cumprе ressaltar que o fato de as funções pragmáticas não terem apresentado alteração significativa entre os séculos XVI e XX coaduna-se com o resultado específico,

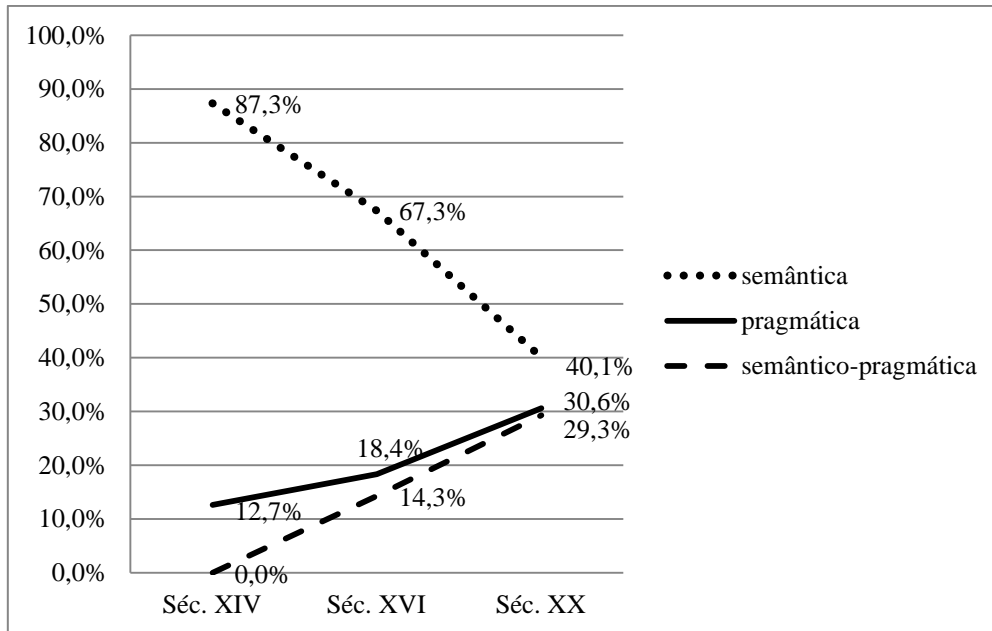
apresentado anteriormente, sobre a frequência dos focalizadores, predominantes entre os advérbios com função pragmática. Portanto, assim como fizemos anteriormente, excluimos o item adverbial *somente* para reavaliar o comportamento das funções pragmáticas. Os resultados dessa nova análise estão dispostos na tabela 6.

Tabela 6 – Tipo de função nos séculos XIV, XVI e XX, sem *somente*

	por período			
	Séc. XIV	Séc. XVI	Séc. XX	Total
Semântica	<b>69</b>	<b>66</b>	<b>93</b>	<b>228</b>
% da função	30,3%	28,9%	40,8%	100%
% do período	87,3%	67,3%	40,1%	55,7%
Pragmática	<b>10</b>	<b>18</b>	<b>71</b>	<b>99</b>
% da função	10,1%	18,2%	71,7%	100,0%
% do período	12,7%	18,4%	30,6%	24,2%
Semântico-pragmática	<b>0</b>	<b>14</b>	<b>68</b>	<b>82</b>
% da função	0,0%	17,1%	82,9%	100%
% do período	0,0%	14,3%	29,3%	20,0%
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>98</b>	<b>232</b>	<b>409</b>
% do <i>corpus</i>	19,3%	24,0%	56,7%	100%
% do período	100%	100%	100%	100%

Ao contrário do que mostra a tabela 5, vemos, na tabela 6, um crescimento bem mais expressivo das funções pragmáticas nos séculos XVI e XX. Entretanto, como fica saliente no gráfico 3, os três tipos de funções ainda parecem convergir para um mesmo ponto e, apesar da quase uniformidade apresentada no século XX, principalmente entre as funções pragmáticas e semântico-pragmáticas, ainda fica claro o predomínio da função semântica. Por fim, vale ressaltar também a maior proximidade entre o desenvolvimento das funções pragmáticas e semântico-pragmáticas.

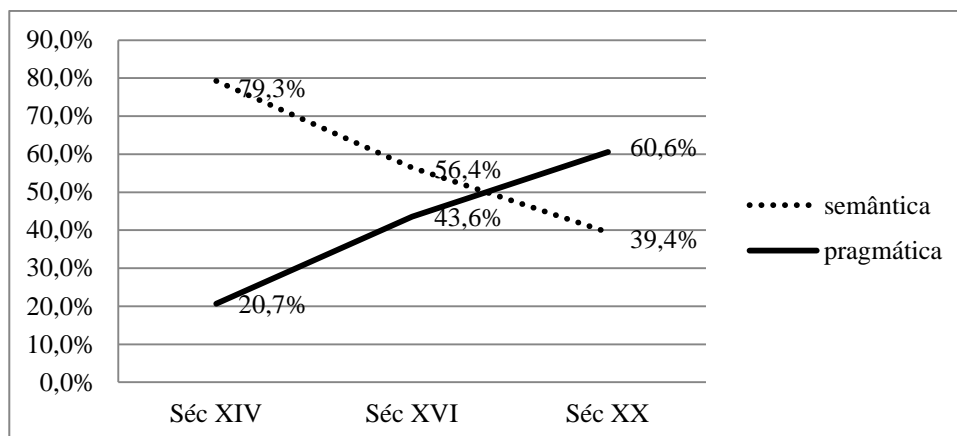
Gráfico 3 - Frequência dos tipos de função nos séculos XIV, XVI e XX sem a consideração do item adverbial *somente* e suas variantes.



Diante do exposto, confirmamos, mesmo que não consideremos o item *somente*, a hipótese de que os advérbios em *-mente* tendem, como o passar do tempo, a exercer mais funções pragmáticas (e semântico-pragmáticas) e menos funções semânticas. Entretanto, as funções semânticas, mesmo estando em processo de declínio, ainda são as mais frequentes no século XX.

Considerando que as funções fazem parte de um *continuum* e que aquelas classificadas como semântico-pragmáticas possam ser compreendidas como mais próximas das pragmáticas que das semânticas, podemos agrupar como pragmáticas as funções pragmáticas propriamente ditas e as funções semântico-pragmáticas. O resultado dessa junção, ainda sem o item *somente* e suas variantes, está ilustrado no gráfico 4.

Gráfico 4 - Frequência dos tipos de função nos séculos XIV, XVI e XX considerando o agrupamento de funções.



Ao amalgamar as funções pragmáticas e semântico-pragmáticas, o gráfico 4 torna ainda mais evidente a tendência dos itens adverbiais em *–mente* a exercerem, com o passar do tempo, mais funções pragmáticas e menos funções semânticas. Observa-se que, no século XIV, os dois extremos funcionais estavam muito distantes: 79,3% de funções semânticas contra 20,7% de funções pragmáticas; no século XVI, os dois tipos de funções se aproximaram, embora ainda com leve predomínio das funções semânticas, com 56,4%; por fim, no século XX, as funções voltam a se distanciar, mas, agora, com predomínio das funções pragmáticas (60,6%), em detrimento das semânticas (39,4%).

### 6.3 Processos de lexicalização e gramaticalização em paralelo nos séculos XIV, XVI e XX

Conforme Lehmann (2002), os processos de lexicalização e de gramaticalização ocorrem em paralelo. Para perceber a relação entre os dois processos no que respeita aos advérbios em *–mente*, consideramos a relação entre as diversas variáveis que analisamos. Inicialmente, fizemos o cruzamento entre as variáveis que se relacionam com os processos de lexicalização e de gramaticalização de forma mais direta, respectivamente, as variáveis *grau de composicionalidade* e *função*. Os resultados obtidos estão expostos na tabela 7.

Tabela 7 – Grau de composicionalidade vs função

	Função	por período			
		Séc. XIV	Séc. XVI	Séc. XX	Total
Grau de composicionalidade	<b>Circunstanciador</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>35</b>
	alta	0	0	0	0
	média	12	8	15	35
	baixa	0	0	0	0
	<b>Focalizador</b>	<b>16</b>	<b>33</b>	<b>66</b>	<b>115</b>
	alta	0	0	0	0
	média	16	33	65	114
	baixa	0	0	1	1
	<b>Modificador</b>	<b>57</b>	<b>55</b>	<b>67</b>	<b>179</b>
	alta	57	55	67	179
	média	0	0	0	0
	baixa	0	0	0	0
	<b>Organizador textual</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>12</b>
	alta	0	0	0	0
	média	2	4	6	12
	baixa	0	0	0	0
	<b>Intensificador</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>11</b>	<b>14</b>
	alta	0	0	0	0
	média	0	3	8	11
	baixa	0	0	3	3
	<b>Modalizador</b>	<b>0</b>	<b>14</b>	<b>71</b>	<b>85</b>
	alta	0	0	0	0
	média	0	14	70	84
	baixa	0	0	1	1
	<b>Total</b>	<b>87</b>	<b>117</b>	<b>236</b>	<b>440</b>
	alta	57	55	67	179
	média	30	62	164	256
	baixa	0	0	5	5

Como demonstra a tabela 7, à medida que os advérbios em *-mente* avançam no processo de lexicalização, apresentando um grau de composicionalidade cada vez menor, avançam também no processo de gramaticalização, expandindo suas funções. No século XIV, encontramos três tipos de funções que apresentaram média composicionalidade, são elas: focalizador, circunstanciador e organizador textual. A única função que não apresentou média composicionalidade foi a de modificador, pois 100% dessas ocorrências apresentaram transparência tanto da base adjetiva como do valor modal do *-mente*.

No século XVI, assim como no XIV, todas as funções, exceto a de modificador, apresentaram grau de composicionalidade média, vez que, apesar do valor de modo do *-mente* não ser recuperado com facilidade, a base adjetiva ainda era bastante transparente. Cumpre notar também que, como nesse século encontramos funções mais diversificadas que no século XIV, também encontramos mais funções sendo expressas por advérbios de média composicionalidade.

Por fim, no século XX, assim como nos demais, todas as ocorrências de modificadores apresentaram alta composicionalidade, isto é, tanto *-mente* como a base adjetiva eram transparentes. Todavia, ao contrário dos séculos anteriores, algumas das demais funções foram expressas não só por advérbios de média como também de baixa composicionalidade.

Esses dados demonstram que, até o século XX, o único elemento da construção que apresentava esvaziamento semântico significativo era o *-mente*. Contudo, como, a partir do século XX, alguns itens passaram a apresentar esvaziamento semântico também na base adjetiva, podemos supor que, no futuro, alguns itens adverbiais em *-mente* podem apresentar grau de gramaticalização tão avançado que já não poderemos mais recuperar a iconicidade de sua motivação<sup>45</sup>.

Considerando a dificuldade em avaliar os processos de lexicalização e de gramaticalização sem considerar o item adverbial propriamente dito, resolvemos verificar, em nossos *corpora*, os itens adverbiais mais recorrentes, a fim de verificar se eles apresentavam um comportamento condizente com o que observamos na análise mais geral. Assim, chegamos ao seguinte quadro.

---

<sup>45</sup> Para atestar tal hipótese, vale elaborar, posteriormente, uma pesquisa que tenha por objetivo verificar se os adjetivos que compõem a base adjetiva das construções em *-mente* estão se gramaticalizando de modo independente da construção. Noutras palavras, é importante verificar se tais adjetivos estão perdendo iconicidade independentemente da construção adverbial.



Quadro 3 – Itens adverbiais mais recorrentes por período.

Item adverbial	Séc. XIV	Séc. XVI	Séc. XX	TOTAL
ANTIGAMENTE	4	3	0	7
CERTAMENTE	1	0	4	5
CLARAMENTE	0	1	1	2
ESPECIALMENTE	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>23</b>	<b>30</b>
FACILMENTE	0	5	1	6
FINALMENTE	0	3	2	5
FORTEMENTE	9	0	3	12
GERALMENTE	0	4	3	7
HONRADAMENTE	1	1	0	2
JUNTAMENTE	1	5	0	6
NATURALMENTE	1	2	0	3
NOVAMENTE	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
PARTICULARMENTE	0	4	2	6
PRIMEIRAMENTE	9	1	0	10
PRINCIPALMENTE	0	5	21	26
PROPRIAMENTE	0	1	5	6
RARAMENTE	0	3	2	5
SEGURAMENTE	1	2	0	3
SOMENTE	<b>8</b>	<b>19</b>	<b>4</b>	<b>31</b>
TOTALMENTE	0	3	2	5
VERDADEIRAMENTE	4	1	0	5

As 440 ocorrências avaliadas eram constituídas por 178 itens adverbiais. Destes 178, 157 ocorreram apenas em um dos séculos, entre os quais 106 ocorreram apenas uma vez e funcionaram principalmente como modificadores. Tal fato pode ser indício de que, como era esperado, advérbios de baixa frequência demoraram mais a avançar no processo de gramaticalização. Como vemos na tabela acima, apenas três itens adverbiais ocorreram nos três séculos, são eles: *especialmente*, *novamente* e *somente*. Contudo, no decorrer do período analisado, tais itens não parecem ter apresentado um grande avanço no que tange à expansão funcional, vez que, nos três séculos, esses itens exercem a mesma função: *especialmente* e *somente* funcionam como focalizador e *novamente* como circunstanciador, o que corrobora o princípio de especialização de Lehmann (1982).

O advérbio mais recorrente, como expresso no quadro 1, foi *somente*<sup>46</sup>, que, incluindo suas variantes, figurou em 31 das 440 ocorrências totais. No século XIV,

<sup>46</sup> Por ser um item tão frequente, *somente* merece um estudo à parte. Calcados em nossas observações de falante nativo dos séculos XX e XXI, percebemos que, nos séculos mais recentes, esse item adverbial parece ter perdido o duplo acento fonológico, próprio dos vocábulos adverbiais constituídos com *-mente*. Entretanto, para

encontramos duas variantes desse advérbio: *solamente*, que ocorreu 4 vezes, e *soamente*, que ocorreu duas vezes. Para nós, tais ocorrências podem indicar que nessa época tais advérbios haviam avançado pouco no processo de lexicalização, já que a construção parece ainda poder ser acessada analiticamente, não sendo percebida como um todo. Prova disso é que a base adjetiva parece se gramaticalizar de forma independente da construção adverbial. Afinal, a sequência hiática da construção (*soo*) advém da síncope da oclusiva sonora intervocálica *l* do adjetivo em sua forma masculina *solo* (*solo* > *soo*), ou seja, fora da construção adverbial, que era constituída com a forma feminina do adjetivo (*sola*). Ao que nos parece, esse fenômeno indica que, nesse período, o pequeno avanço do processo de lexicalização dos itens adverbiais em *-mente* fazia com que o processo de gramaticalização desses itens como construção sofresse influência das mudanças por que passavam os elementos constituintes da construção (adjetivo e *-mente*) de modo independente.

Além da frequência dos itens adverbiais, expressa no quadro 3, também consideramos a polissemia dos itens que se repetiam, isto é, a propriedade que apresentavam de exercer diferentes funções. Todavia, dos 21 itens apresentados no quadro 3, apenas 7 exercem funções diferentes entre um século e outro, como vemos no quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – A polissemia dos itens nos séculos XIV, XVI e XX

Item adverbial	Séc. XIV	Séc. XVI	Séc. XX
CERTAMENTE	Modificador		modalizador
CLARAMENTE		modalizador	modificador
FORTEMENTE	Modificador		modificador intensificador
PARTICULARMENTE		modificador focalizador	focalizador
PRIMEIRAMENTE	circunstanciador organizador textual	organizador textual	
RARAMENTE		modificador circunstanciador	circunstanciador
TOTALMENTE		modificador modalizador	intensificador

A despeito do baixo número de itens polissêmicos encontrados, podemos tecer algumas considerações. A maioria dos itens que apresentam diferentes funções com o passar

---

avermos a tonicidade da construção de maneira segura, seria necessário um estudo em que avaliássemos a modalidade falada, o que pretendemos fazer em um trabalho posterior a este. Se de fato a queda do acento fonológico for confirmada, esse fato poderia ser justificado pela alta frequência do item, que poderia levar a um significativo avanço no processo de lexicalização, fazendo com que este item se aproximasse ainda mais de uma palavra idiomatizada; ou, simplesmente, por conta da própria estrutura da base adjetiva, que se tornou monossilábica.

dos séculos, exerce, no século mais remoto, a função de modificador, original dos advérbios em *-mente*.

O advérbio *certamente*, por exemplo, ocorre uma vez no século XIV, atuando como modificador, como se nota em (73), e 4 vezes no século XX, funcionando apenas como modalizador, como no exemplo (74). Tal fato corrobora um dos resultados da pesquisa de Pinto (2008), que afirma que vários itens em *-mente*, tais como: *certamente*, *seguramentee* *ligeiramente* seguem uma trajetória unidirecional de mudança por gramaticalização (qualitativo > modalizador), uma vez que, com o passar do tempo, partem de usos mais lexicais para usos mais abstratos.

(73) E, por que mais CERTAMENTE vos contemos quantas terras ouvero~, co~vem que [vos] digamos primeiramente de que guisa he Europa e quantas outras terras se ençarram en ela. (séc. XIV)

(74) Não é exato falar de um ciclo histórico da produção açucareira, como foi tradicional entre os historiadores. “Ciclo” dá idéia de surgimento, ascensão e fim de uma atividade econômica, o que CERTAMENTE não foi o caso do açúcar ou de outros produtos, como o café. (séc. XX -HB)

Em (73), o advérbio incide sobre a propriedade verbal *contemos* para expressar que, para que se possa contar, de modo certo, preciso, quantas terras havia, é necessário tratar inicialmente da Europa e das terras que a compõem. Em (74), *certamente* funciona como um modalizador epistêmico asseverativo, que incide sobre a proposição *não foi o caso do açúcar ou de outros produtos, como o café*.

O item *claramente*, ao contrário do que esperávamos, ocorreu, no século XVI como modalizador e, no século XX, como modificador. Contudo, é provável que, se tivéssemos abarcado *corpora* maiores, encontrássemos mais ocorrências desse item adverbial como modificador em séculos mais remotos. De tal modo, entendemos que, como afirma Pinto (2008), certos itens adverbiais em *-mente* são polissêmicos e, ao que parece, vários itens ainda ocorrem no século XX tanto exercendo a função de modificador quanto exercendo outras funções. Pelo que observamos, a mudança mais significativa de um período a outro é a frequência com que o item exerce funções mais diversificadas. No caso de *claramente*, não podemos avaliar essa frequência porque encontramos uma quantidade muito pequena desse item, apenas uma ocorrência no século XVI e uma no século XX.

(75) Pois ô Nimphas cantay que CLARAMENTE Mais do que fez Leonidas em Grecia O nobre Lionis fez em Malaca.

(76) O Poder Moderador provinha de uma idéia do escritor francês Benjamin Constant, cujos livros eram lidos por Dom Pedro e por muitos políticos da época. Benjamin Constant defendia a separação entre o Poder Executivo, cujas atribuições caberiam aos ministros do rei, e o poder propriamente imperial, chamado de neutro ou moderador. O rei não interviria na política e na administração do dia-a-dia e teria o papel de moderar as disputas mais sérias e gerais, interpretando “a vontade e o interesse nacional”. No Brasil, o Poder Moderador não foi tão CLARAMENTE separado do Executivo. (séc. XX- HB)

Como se vê, em (75), *claramente* tem como escopo o conteúdo proposicional *Mais do que fez Leonidas em Grecia O nobre Lionis fez em Malaca* atuando como modalizador epistêmico afirmativo; enquanto, em (76), atua como modificador da propriedade *separado*, permitindo a paráfrase: *não foi separado de modo tão claro*.

Em nossos *corpora*, *fortemente* figurou em nove ocorrências no século XIV e em três no século XX. Nas ocorrências mais remotas, o item atuou sempre como modificador<sup>47</sup>, como elucida o exemplo (77), no qual *fortemente* toma como escopo a propriedade verbal, expressando valor modal acerca do início da luta. Já nas ocorrências do século XX, funcionou em duas como modificador e em uma como intensificador, como se pode conferir em (78), em que o advérbio atua como modificador da propriedade verbal *tenham resistido*; e, em (79), exemplo no qual ele intensifica a propriedade *concorrentes*.

(77) E logo acerca feriron os Roma~a~os da outra parte e começaram sua lide muy FORTEME~TE de hu~a parte e da outra. Mas aacima ouveron os de Affrica a seer ve~çudos por duas razo~o~es: a hu~a, por que os Roma~a~os eram muy boos cavalleiros e pellejava~ muy FORTEMENTE; e a outra, porque veherom de suspecta sobre elles. (séc. XIV)

(78) Por outro lado, como não existia uma nação indígena e sim grupos dispersos, muitas vezes em conflito, foi possível aos portugueses encontrar aliados entre os próprios indígenas, na luta contra os grupos que resistiam a eles. Por exemplo, em seus primeiros anos de existência, sem o auxílio dos tupis de São Paulo, a Vila de São Paulo de Piratininga muito provavelmente teria sido conquistada pelos tamoios. Tudo isso não quer dizer que os índios não tenham resistido

---

<sup>47</sup> Todavia, como mencionamos anteriormente, fora do recorte de nosso *corpus*, encontramos ocorrências em que *fortemente* já atuava como intensificador.

FORTEMENTE aos colonizadores, sobretudo quando se tratou de escravizá-los.(séc. XX - HB)

(79) Os grandes centros importadores de escravos foram Salvador e depois o Rio de Janeiro, cada qual com sua organização própria e FORTEMENTE concorrentes. Os traficantes baianos utilizaram-se de uma valiosa moeda de troca no litoral africano, o fumo produzido no Recôncavo. (séc. XX)

Ao que nos parece, tais advérbios estão percorrendo uma trajetória unidirecional de mudança por gramaticalização (modificador>intensificador), mas, pelo menos, a maioria dos itens que estão seguindo tal trajetória ainda são capazes de exercer ambas as funções. Entretanto, talvez a função de intensificador esteja se tornando mais comum entre tais itens, enquanto a de modificador esteja se tornando, proporcionalmente, menos frequente.

Já o advérbio *particularmente* foi encontrado em quatro ocorrências do século XVI, exercendo, em duas delas, a função de modificador, como em (80), e, nas outras duas, a de focalizador. No século XX, esse advérbio foi encontrado em duas ocorrências e funcionou como focalizador, como mostra o exemplo (81).

(80) Outros muitos animaes & bichos venenosos ha nesta prouincia de que nam trato, os quaes lam tantos em tâta abundancia , que feria historia muycõprida nomealos aqui todos, & tratar PARTICULARMENTE da natureza de | cada hum , auendo (como digo) infinidade delles neftas partes: aonde pela difpoziçam da terra & dos climas | que a fenhoream , nam pode deixar de os auer. (séc XVI – HPSC)

(81) As atrações exóticas - índios, papagaios, araras - prevaleceram, a ponto de alguns informantes, PARTICULARMENTE italianos, darem-lhe o nome de terra dos papagaios. O Rei Dom Manuel preferiu chamá-la de Vera Cruz e logo de Santa Cruz. (séc XX – HB)

Quanto a *totalmente*, este foi um dos advérbios que apresentou maior polissemia, posto que ocorreu, no século XVI, uma vez como modificador e duas vezes como modalizador; no século XX, funcionou como intensificador em duas ocorrências, como se vê nos exemplos (82) a (84).

(82)Nossos Auctores affirmão serem estes dous Capitães filhos de Egas Moniz; m as quando lhes acertem com os nomes, errão TOTALMENTE em os fazerem filhos daquelle Fidalgo. (séc. XVI - DML)

(83)HVA das coufas em que estes Indios mais repugnam o fer da natureza humana, & ã que TOTALMENTE parece que se extremam dos outros homẽs, he nas grãdes & exceffiuas crueldades ~q executam em qual~qr peffoa que podem auer ás mãos, como nam feja de feu rebanho. (séc. XVI - HPSC)

(84) Apenas faziam o necessário para garantir sua subsistência, o que não era difícil em uma época de peixes abundantes, frutas e animais. Muito de sua energia e imaginação era empregada nos rituais, nas celebrações e nas guerras. As noções de trabalho contínuo ou do que hoje chamaríamos de produtividade eram TOTALMENTE estranhas a eles. (séc. XX - HB)

Nos três exemplos acima, *totalmente* fica a meio caminho entre as funções de modificador, modalizador e intensificador. No primeiro caso, em (82), o item adverbial parece se relacionar mais estreitamente com o verbo, tomando-o como escopo e expressando a ideia de “de modo total, completo”. Em (83), o item adverbial incide sobre a proposição, exprimindo uma ideia de generalização, sendo categorizado, portanto como modalizador. Finalmente, em (84), *totalmente* realça o valor da propriedade *estranhas*, funcionando, assim, como intensificador.

O item *raramente* figurou em três ocorrências do século XVI e duas do século XX. Funcionou como modificador em duas das ocorrências mais remotas e como circunstanciador na outra. Nas ocorrências mais recentes, figurou apenas como circunstanciador, seguindo assim a trajetória *modificador > circunstanciador*.

(85)Papagayos ha neftas partes muitos de diuerfas caftas , & muy fermofos , como cá se vê algũs por experiencia . Os melhores de todos, & ~q mais RARAMENTE se achão na terra, fam hũs grandes, mayores ~q açores, a ~q chamam | Anapurús. (séc. XVI - HB)

(86)O miserauel padecente que sobre fi vé a cruel espada entregue naquellas violentas & rigorofas mãos do capital imigo, cõ os olhos& sentidos prontos nella, em vão se defende quanto pode. E andando afsi neftes cometimentos, acontece algũas vezes virem a braços, & o padecente tratar mal ao matador com a mesma espada. Mas ifto RARAMENTE, porque acodem logo com muita prefeza os circunftantes a liuralo de fuas mãos. (séc. XVI - HPSC)

(87) Dependiam portanto dos senhores, mas às vezes tinham algum poder de negociar quando a produção de cana nos engenhos era escassa. RARAMENTE mulatos ou negros libertos foram plantadores de cana. Admitida essa exclusão racial, o poder econômico do setor variou muito. Havia desde homens humildes, cultivando pequenas extensões de terra com dois ou três escravos, até outros que

possuíam vinte ou trinta cativos e eram candidatos a senhor de engenho. (séc. XX - HB)

O advérbio *raramente* já parece estar em (85) a meio caminho entre modificador e circunstanciador, contudo optamos por categorizá-lo como modificador, porque ele parece estar mais ligado à propriedade verbal *se achão* do que ao estado-de-coisas. Já em (86), o advérbio toma como escopo o estado-de-coisas referido por *isto*, ou seja, *o padecente tratar mal ao matador com a mesma espada*. Finalmente, na ocorrência do século XX, *raramente* especifica o estado-de-coisas *mulatos ou negros libertos foram plantadores de cana* no que tange a sua frequência de ocorrência.

Por fim, *primeiramente* apareceu, no século XIV, em sete ocorrências como circunstanciador (exemplo 88) e em uma como organizador textual. No século XVI, esse item ocorreu apenas uma vez, funcionando como organizador textual.

(88) E, quando algu~u~ era muy velho que lhe avorrecia a vyda, queymava~no os filhos ou os parentes no fogo e diziam que logo se hya dereytamente ao parayso e todos o assy tiinha~ e criia~. E esta seita fora levantada PRIMEIRAME~TE em Caldea e durou hy hu~a gram sazón ataa que vehero~ os saybos e os emperadores, specialme~te Nobiscodenor e Existas, que destroyrom aquella seyta, ca o ouvero~ por sandice, e matava~ quantos no~ queriam leixar aquella seyta. (séc. XIV - CGE)

(89) E, por que mais certamente vos contemos quantas terras ouvero~, co~vem que [vos] digamos PRIMEIRAMENTE de que guisa he Europa e quantas outras terras se ençarram en ela. (séc. XIV - CGE)

(90)HVA das coufas em que estes Indios mais repugnam o fer da natureza humana, & ã que totalmente parece que se extremam dos outros homẽs, he nas grãdes & excelliuas crueldades ~q executam em qual~qr pessõa que podem auer ás mãos, como nam feja de feu rebanho. Porque nã tamfõmente lhe dão cruel morte em tẽpo que mais liures & desfempedidos estã de toda a paixam: mas ainda depois diffõ, por se acabarem de fatisfazer lhe comem todos a carne, vfãdo nesta parte de cruezas tam diabolicas, que ainda nellas excedem aos brutos animaes que nam tem vfo derazam, nem forãõ nacidos pera obrar clemencia .PRIMEIRAMENTE quando tomãõ algum contrario, se logo naquelle fragante o nam matam, leuã no a fuas terras pera que mais a feu fabor se possãõ todos vingar delle.(séc XVI - HPSC)

Ao nosso ver, tais itens adverbiais seguiram a seguinte trajetória *modificador* > *circunstanciador* > *organizador textual*. Em (88), por exemplo, *primeiramente* atua no nível representacional, exprimindo a ordem em que os acontecimentos ocorreram, sendo por isso categorizado como circunstanciador. Já em (89) e (90), o item adverbial atua no discurso, no nível interpessoal, para expressar a ordem em que os acontecimentos são narrados. Tal trajetória condiz com a visão de Heine et alii (1991), segundo o qual, a gramaticalização tem como uma de suas motivações a metáfora, vez que o falante tende a relacionar um conceito mais abstrato a algo mais concreto a fim de ser mais bem entendido pelo seu enunciador. Nos exemplos aqui mencionados, temos um exemplo de metáfora espaço-texto, em que a organização espacial do mundo concreto é usada para referir a organização textual abstrata.

É interessante observar também o processo de transformação desses itens de modificadores para circunstanciadores, o qual deve ter ocorrido ainda entre o período de transformação do latim vulgar para o português, visto que, desde o início da língua portuguesa, tais advérbios já não expressavam mais o valor modal, mas sim aspectos relativos às noções de ordenação.

Em suma, podemos perceber que, em geral, a análise dos itens adverbiais está em consonância com a análise de advérbios em *-mente* como um todo, já que os itens adverbiais, geralmente, partem da função original de modificador e passam a exercer novos tipos de funções.

Além disso, vale ponderar que, apesar do número de itens que classificamos como exercendo mais de uma função ter sido pequeno, muitos dos advérbios categorizados como representantes de uma única função mostraram muitas vezes certa ambiguidade. A depender da interpretação adotada, seria possível considerar determinados advérbios, por exemplo, como focalizadores ou modificadores<sup>48</sup>. Foi o caso, por exemplo, das ocorrências a seguir:

(91)Algũas aldeas deſtes Indios ficáram todauia orredor dellas [algumas povoações], que ſamdepaz & amigosdos Portugueſes que habitam eſtas capitánias. E pera que de todas no preſente capitulo faça mençam , nam farey por ora mais que referir de caminho os nomes dos primeiros capitães que as conquiftarão , & tratar PRECIFAMENTE das pouoações , lítios , & portos onde refidemos Portugueſes,nomeandocada hũa dellas em eſpecial aſsi como vão do Norte pera o Sul na maneira ſeguinte. (Séc XVI – HPSC)

---

<sup>48</sup> Diante dessa dificuldade, tivemos que optar, para que fosse possível computar os dados, por uma das interpretações, mesmo reconhecendo a polissemia de sentido do item.



(92) Bogios ha na terra muitos & de muitas caftas como ja se sabe: & por serem tam conhecidos em toda a parte, nam particularizarey aqui fuas propriedades tanto por extenfo, somente tratarey em breues palauras algũa coufa destes de que PARTICULARMENTE entre os outros se póde fazer mençam.

(93) Grandes quantidades de gado eram abatidas no início do verão, quando as forragens acabavam no campo. A carne era armazenada e precariamente conservada pelo sal, pela defumação ou SIMPLEMENTE pelo sol. (séc. XX - HB)

Nos exemplos (91) a (93), para que fosse possível a quantificação dos dados, optamos por analisar *precisamente* e *simplesmente* como focalizadores. Contudo, reconhecemos que, nesses casos, os advérbios parecem estar a meio caminho entre modificador e focalizador.

Nesses casos, para definir a função, é necessário definir o escopo sobre o qual o advérbio incide. Em (91), nós consideramos que *precisamente* toma como escopo a categoria *lugar*, vez que toma como escopo *povoações, sítios e portos*, os colocando como foco. Entretanto, poderíamos interpretar que tal advérbio incide sobre o verbo *tratar*, exprimindo que o autor tratará de modo preciso os lugares onde residem os portugueses.

Em (93), consideramos que *simplesmente* enfatiza o entidade *sol*. Todavia também poderíamos interpretar que tal advérbio toma como escopo a propriedade *conservada*, indicando o modo mais simples de conservação da carne, através da exposição ao sol.

Já em (94), a função de focalizador é bem mais clara, vez que *particularmente* incide sobre a propriedade *notável*, colocando-a como foco. Além disso, no contexto, não é tão aceitável a interpretação de que a influência indígena foi notável de um modo particular, ao contrário de outras influências.

(94) Houve algumas semelhanças entre a região paulista em seus tempos mais remotos e a periferia do Norte do Brasil: fraqueza de uma agricultura exportadora, forte presença de índios, disputa entre colonizadores e missionários pelo controle daqueles, escassez de moeda e freqüente uso da troca nas relações comerciais. PARTICULARMENTE notável foi a influência indígena. Um extenso cruzamento, incentivado pelo número muito pequeno de mulheres brancas, deu origem ao mestiço de branco com índio, chamado de mameluco. O tupi era uma língua dominante até o século XVIII. (séc. XX - HB)

Diferente dos exemplos acima, em (95), percebemos uma relação mais forte entre o advérbio e o verbo.

(95) O critério discriminatório se referia ESSENCIALMENTE a pessoas. Mais profundo do que ele era o corte que separava pessoas e não-pessoas, ou seja, gente livre e escravos, considerados juridicamente coisa. (séc. XX – HB)

Assim, consideramos que *essencialmente* incide sobre a propriedade verbal *se referia* e não ao indivíduo *pessoas*. Portanto, categorizamos *essencialmente*, nessa ocorrência, como um modificador, vez que toma como escopo o verbo, expressando que o critério discriminatório se referia *de modo essencial* a pessoas. Entretanto, reconhecemos que *essencialmente* parece ter função emergente de focalizador do complemento.

É importante ressaltar que todas as variáveis que analisamos (escopo, posição do advérbio em relação ao escopo, função do advérbio e grau de composicionalidade) estão extremamente relacionadas e exercem uma forte influência umas sobre as outras. Assim, categorizamos o advérbio em (95) como um modificador que incide à direita de seu escopo, que é a propriedade verbal *se referia*, e apresenta um grau de composicionalidade alto, já que a base adjetiva *essencial* é transparente e é possível perceber a noção de modo expressa pelo *–mente*.

Por outro lado, se a noção de modo expressa pelo *–mente* não estivesse tão transparente, poderíamos considerar que o escopo de *essencialmente* é, na verdade, a categoria *pessoas*. Desse modo, teríamos categorizado tal advérbio como um focalizador de média composicionalidade, já que, apesar de o *–mente* não expressar a noção de modo, a base adjetiva continuaria transparente e o advérbio incidiria anteposto ao escopo *a pessoas*.

Por sua vez, o advérbio em (96) não nos parece um exemplo prototípico de nenhuma das funções adverbiais que consideramos.

(96) As duas instituições básicas que, por sua natureza, estavam destinadas a organizar a colonização do Brasil foram o Estado e a Igreja Católica. Embora se trate de instituições distintas, naqueles tempos uma estava ligada à outra. Não existia na época, como existe hoje, o conceito de cidadania, de pessoa com direitos e deveres com relação ao Estado, INDEPENDENTEMENTE da religião. (séc. XX – HB)

Apesar da substituição de *independentemente* por *de modo independente* ser, aparentemente, aceitável, não concebemos tal advérbio como modificador, vez que não incide sobre o verbo nem o adjetivo, por exemplo. Inicialmente, consideramos que talvez fosse um focalizador que punha em evidência a religião. Entretanto, *independentemente* tem muito conteúdo semântico e não serve apenas para pôr em foco “da religião”. Na verdade, ele é o termo regente dessa expressão.

Sendo assim, ao que nos parece, nessa ocorrência, o advérbio está mais próximo de um modalizador delimitador, pois circunscreve “direitos e deveres com relação ao Estado” relativizando que, do ponto de vista independente da religião, não havia, na época da colonização do Brasil, um conceito de pessoa com direitos e deveres relacionados apenas ao Estado (e não à religião).

Em (97), encontramos um exemplo de um operador aproximativo<sup>49</sup>, que parece incidir sobre a propriedade *correspondentes* para afirmar que as instruções eleitorais não correspondem exatamente à lei eleitoral atual.

(97) Quando em junho de 1822 Dom Pedro acolheu a proposta, abriu-se um debate sobre o seguinte tema: a eleição deveria ser direta ou indireta? Gonçalves Ledo defendia a eleição direta, dizendo que se “o maior número pede eleição direta, a lei as deve sancionar, [pois] só por ela se pode dizer que o Povo nomeou seus representantes”. Ao contrário, após terem sido acolhidas as eleições indiretas, realizadas aliás já depois da Independência, as instruções eleitorais - correspondentes APROXIMADAMENTE à lei eleitoral de nossos dias — justificaram a medida, tendo em vista as condições brasileiras. No Brasil, diziam as instruções, não havia uma “população homogênea em que estão difundidas as luzes e as virtudes sociais”. (séc. XX – HB)

Os operadores aproximativos, em geral, parecem estar a meio caminho entre os modalizadores e os focalizadores. Para Castilho (1991), os delimitadores aproximativos modalizam o *dictum*<sup>50</sup>, delimitando sua interpretação semântica segundo a aproximação. Essa definição parece se adequar perfeitamente à ocorrência acima, contudo esses advérbios costumam tomar por escopo o que lhes segue. Sendo assim, nesse caso, para a função de modalizador com o escopo *correspondentes*, a ordem mais comum seria: *aproximadamente correspondentes à lei eleitoral de nossos dias*.

<sup>49</sup> item, em geral substituível por "mais ou menos", que atribui valor inexato sobre o que incide. Ao deixar os limites indefinidos, assume papel discursivo de facilitar o acordo do interlocutor.

<sup>50</sup> Isto é, toda a sentença ou um constituinte da sentença.

Castilho (1991) apresenta outros exemplos de advérbios que podem ora exercer a função de modalizador delimitador ora a de focalizador. Conforme a autora, o advérbio *particularmente* e *pessoalmente* só são considerados delimitadores quando antecedem a sentença que lhes serve como escopo. Caso figurem pospostos ao seu escopo, podem ser classificados ou como focalizadores ou como qualitativos.

Nesse caso, como o advérbio ocorre depois do verbo e pode expressar a ideia de *de modo aproximado*, aproxima-se da função de modificador. Por outro lado, *aproximadamente* parece pôr em foco o seu escopo, esclarecendo que *as instruções eleitorais* não coincidem perfeitamente com a *lei eleitoral de nossos dias*, aproximando-se assim da função de focalizador.

De todo modo, mesmo tendo consciência de que a posição posposta ao escopo não é a esperada para os modalizadores, preferimos, para a contagem dos dados, categorizar a ocorrência como modalizador delimitador. Para nós, essa ambiguidade marca o processo de gramaticalização de operadores aproximativos: *modificador* > *modalizadores delimitadores* > *focalizadores*.

Em (98), apresentamos um exemplo bem próximo ao anterior. Aqui também percebemos quão tênue é a diferença entre os modalizadores delimitadores e os focalizadores. Contudo, nesse exemplo, o advérbio parece estar mais longe da função de modificador que o advérbio do exemplo anterior.

(98) As capitâneas foram sendo retomadas pela Coroa, ao longo dos anos, através de compra e subsistiram como unidade administrativa, mas mudaram de caráter, por passarem a pertencer ao Estado. Entre 1752 e 1754, o Marquês de Pombal completou PRATICAMENTE o processo de passagem das capitâneas do domínio privado para o público. (séc. XX – HB)

Quanto a (99) e (100), tais ocorrências parecem estar a meio caminho entre modificador e circunstanciador.

(99) E depois ~qalsi chegã a comer a carne de feus contrarios, ficam os odios confirmados PERPETUAMENTE, por~q fentem muito esta injuria, & por iffo andam fempre a vingarfê hūs dos outros como ja tenho dito. (Séc XVI – HPSC)

(100) A Guerra dos Mascates em Pernambuco (1710), as rebeliões que ocorreram na região de Minas Gerais a partir da revolta de Filipe dos Santos em 1720 e principalmente as conspirações e revoluções ocorridas nos últimos decênios do

século XVIII e nos dois primeiros do século XIX são FREQUENTEMENTE apontadas como exemplos afirmativos da consciência nacional. (séc. XX – HB)

Em (99), *perpetuamente* parece ainda guardar noção de modo, já que pode ser substituído pela paráfrase *de modo perpétuo*. Contudo, a base adjetiva expressa noção temporal, de permanência no tempo. Assim como (99), *frequentemente* também permite a paráfrase *de modo frequente*. Entretanto, expressa também a regularidade com que as revoluções e conspirações mencionadas no texto são apontadas como exemplos afirmativos da consciência nacional. Dessa forma, ao que nos parece, a ambiguidade de tais exemplos marca o processo de gramaticalização *modificador > circunstanciador*.

#### 6.4 Síntese conclusiva

Diante do exposto, fica claro que, devido à ambiguidade de sentidos expressa por diversos itens adverbiais, os resultados obtidos nesta pesquisa não são categóricos, porém são úteis ao estudo descritivo relativo ao processo de mudança das formas adverbiais em *-mente*.

Propomos, calcados nas considerações teóricas de Lehmann (2002) e na análise levada a cabo em Gondim (2011) e nesta pesquisa, que, desde a variedade clássica do latim até os séculos XIV, XVI e XX, os advérbios em *-mente* passaram pela trajetória constante do quadro 5, que representa uma síntese dos resultados apresentados neste capítulo.

Quadro 5 – Processo de mudança das construções em *-mente* do latim à língua portuguesa do século XX.

Processos	Período	Características
Lexicalização	Latim Clássico	As construções <i>adjetivo + mente</i> parecem dar os primeiros passos a caminho da lexicalização, vez que permitem uma interpretação holística, mesmo que a interpretação analítica ainda fosse literal.
	Latim Vulgar	As construções <i>adjetivo + mente</i> passam a fazer parte do inventário lexical da língua, vez que se tornam mais gerais e passam a substituir as formas sintéticas.
Lexicalização/ Gramaticalização	Romanço	Os advérbios em <i>-mente</i> concluem o processo de cristalização, o que indicia um avanço no processo de lexicalização; e iniciam o processo de gramaticalização, passando a funcionar não apenas como modificadores, mas também como circunstanciadores (função relativamente concreta, vez que se liga a noção de tempo) e focalizadores.
	Português (séc. XIV)	Os advérbios em <i>-mente</i> , à medida que se tornam menos composicionais, passam a expandir ainda mais suas funções, já sendo capazes de atuar como quatro das seis funções que estudamos; contudo, a função mais representativa ainda é a modificador, com 65,5% das ocorrências encontradas.
	Português (séc. XVI)	Os advérbios em <i>-mente</i> já apresentam a composicionalidade <i>média</i> levemente mais frequente que a <i>alta</i> e, apesar de a função de modificador ainda ser a mais frequente, tais advérbios são capazes de exercer todas as funções estudadas: modificador, circunstanciados, focalizador, organizador textual, intensificador e modalizador.
	Português (séc. XX)	Os advérbios em <i>-mente</i> apresentam a composicionalidade <i>média</i> como muito mais frequente que a <i>alta</i> e, além disso, já apresentam, mesmo com baixa frequência, o grau de composicionalidade <i>baixo</i> . Paralelamente a esse fenômeno, a função de modificador deixa de ser a mais frequente.

O quadro 5 deixa claro que, à medida que foram se tornando menos composicionais, os advérbios em *-mente* expandiram suas funções, avançando, assim, tanto no processo de lexicalização como de gramaticalização.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs fazer um estudo diacrônico dos advérbios em *-mente* nos séculos XIV, XVI e XX da língua portuguesa, a fim de analisar o desenvolvimento do processo de gramaticalização e lexicalização de tais advérbios, tendo em foco os seguintes objetivos:

- a) Avaliar se, no português do século XX, o processo de formação dos advérbios em *-mente* está mais próximo das palavras idiomatizadas do que no português dos séculos XIV e XVI;
- b) Verificar, considerando a relação entre o processo de gramaticalização e a expansão funcional dos advérbios em *-mente*, que tipos de funções essas formações exercem em cada período estudado;
- c) Analisar de que modo o grau de composicionalidade dos advérbios em *-mente* está relacionado com sua expansão funcional.

Foram analisadas 440 ocorrências, em textos representativos da prosa histórica da língua portuguesa, quanto ao grau de composicionalidade, o escopo, a posição em relação ao escopo, o período, a função do advérbio e o tipo de função. Ao fim da análise, chegamos a conclusões, ainda que provisórias (como de praxe em ciência, até que novas pesquisas refutem, refinem ou confirmem), as quais nos levam a afirmar que os advérbios em *-mente* parecem ainda estar longe de concluir tanto o processo de lexicalização como o de gramaticalização no português do século XX.

No que se refere ao processo de lexicalização, ainda não podem ser tidos como palavras primitivas, vez que, apesar de o elemento *-mente* se mostrar como opaco na maioria das ocorrências mais recentes, a base adjetiva ainda apresenta valor transparente, de modo que o valor da construção geralmente está estreitamente relacionado ao valor da base. Por outro lado, em comparação com os séculos mais antigos, podemos dizer que o século XX apresenta itens adverbiais mais próximos de palavras idiomatizadas, vez que, mesmo em baixíssima recorrência, foram encontrados advérbios de baixa composicionalidade.

No que tange ao processo de gramaticalização, ficou patente que os advérbios em *-mente* vêm expandindo cada vez mais suas funções, de forma que, no século mais recente, a função original de modificador não figura, proporcionalmente, como a mais frequente. Além disso, as funções semânticas exercidas por tais advérbios vêm apresentando uma progressiva queda no decorrer dos três séculos que analisamos. Paralelamente a tal decadência, as funções

semântico-pragmáticas e pragmáticas se mostraram em ascensão, de forma que o século XX se mostra como o período de maior equilíbrio entre tais funções, apesar de ainda apresentar leve predomínio das primeiras.

Por fim, os dados evidenciaram que, à medida que os advérbios em *-mente* avançam no processo de lexicalização se mostrando como cada vez menos posicionais, avançam também no processo de gramaticalização, exercendo menos frequentemente sua função original de modificador e sua função mais concreta de circunstanciador e, cada vez mais, funções mais pragmáticas, no caso, as funções de modalizador, intensificador e focalizador<sup>51</sup>.

Temos consciência de que, devido à polissemia e à ambiguidade de sentido dos advérbios em *-mente*, próprias do processo de gramaticalização, os resultados encontrados nessa análise não são categóricos. Também em decorrência da evolução desses advérbios no processo de gramaticalização, o número de ocorrências encontradas variou muito entre um século e outro, o que torna difícil a comparação, fato que nos levou, em alguns pontos da análise, a agrupar os séculos mais remotos.

De todo modo, julgamos que este trabalho foi válido tanto para nosso amadurecimento intelectual e científico, como para os estudos da linguística descritiva. No que concerne ao nosso amadurecimento, a experiência da pesquisa, as dificuldades da análise e as leituras empreendidas nos levaram a um aprofundamento maior sobre os aspectos relativos à mudança linguística.

Quanto à linguística descritiva, a principal contribuição de nosso trabalho consiste na análise de dados do português dos séculos XIV, XVI e XX, considerando não apenas o fenômeno de gramaticalização, como também o de lexicalização, que, no caso dos advérbios em *-mente*, nos parece ocorrer em paralelo desde o início da língua portuguesa.

Sabemos que não solucionamos, com este trabalho, todos os problemas que envolvem os advérbios em *-mente*. Isto sequer era nossa intenção. Estamos cientes de que ainda há muito que se dizer sobre tais advérbios e durante nosso trabalho indicamos algumas possibilidades, por exemplo:

- a) buscar o refinamento das funções exercidas por esses advérbios;
- b) analisar o desenvolvimento específico de advérbios focalizadores e intensificadores, por exemplo, que ainda não foram tão bem avaliados do ponto de visto da mudança linguística;

---

<sup>51</sup> Os organizadores textuais merecem um estudo a parte que ateste, em um *corpus* mais amplo, a relativa estabilidade dessas formas no decorrer dos séculos.



- c) avaliar, em textos orais dos séculos XX e XXI, se o acento fonológico dos itens adverbiais em *-mente* está se perdendo com o passar do tempo, o que poderia ser indício de um significativo avanço no processo de lexicalização;
- d) examinar o esvaziamento semântico de certos adjetivos que serviram de base para advérbios de baixa composicionalidade, a fim de averiguar se tal esvaziamento se deve apenas ao processo de mudança da construção adverbial ou também a uma gramaticalização do próprio adjetivo de modo independente.

Diante do exposto, concluímos que este trabalho representa apenas uma tentativa de contribuir para a descrição dos advérbios em *-mente* em três sincronias da língua portuguesa, mas que não preenche, nem poderia fazê-lo, todas as lacunas no estudo de formas tão diversificadas e complexas.

## REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. **Grammatica secundaria da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos. [s/d.].
- ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 32 ed. São Paulo: Saraiva, 1983.
- ARAÚJO, J. G. G. **As construções com verbo *botar*: aspectos relativos à gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de. **Regras da linguaportuguesa, espelho da lingua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza...** Segunda impressão. - Lisboa Occidental : na Officina da Musica, 1725. Disponível em <<http://purl.pt/10>> Acesso em: 29 out. 2011.
- BARROS, J. de. **Grammatica da língua portuguesa**. Olyssipone: *apud* Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. Disponível em: <<http://purl.pt/12148>> Acesso em: 28 out. 2011.
- BATTYE, A.; ROBERTS, I. **Clause structure and language change**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1995.
- BARBOSA, J. S.. **Grammatica philosophica da língua portuguesa: ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem**. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.
- BECHARA, e. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.
- BOMFIM, E. **Advérbios**. São Paulo: Ática, 1988.
- BOYLAND, J. T. **Morphosyntactic Change in Progress: A Psycholinguistic Approach**. Dissertação. University of California at Berkeley, 1996.
- BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In.: JOSEPH, B. and JANDA, R.D. (eds.). **The Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.
- BUENO, F. S. **Gramática normativa da língua portuguesa: curso superior**. São Paulo: Editora Saraiva, 1951.
- CAMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

- CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Bahia, n. 19, p. 25-63, 1997.
- CASTILHO, A. T. de; CASTILHO, C. M. M.. Advérbios modalizadores. In: 10 ILARI, Rodolfo. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. v. 2.
- CASTILHO, C. M. M. **Os delimitadores no português falado no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- CAVALCANTE, F. T. Perspectiva diacrônica dos advérbios derivados em *–mente* nas línguas neolatinas. In: \_\_\_\_\_. **EstudosLingüísticos**. Fortaleza: Livraria Gabriel, 1998. p. 101-126.
- CLARK, R.; ROBERTS, I. A computational model of language learnability. **D.E.L.T.A** v.8, n. esp., 1992.
- COELHO, S. M. **Uma análise funcional do onde no português contemporâneo**: da sintaxe ao discurso. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/profs/suelicoelho/publicacoes.asp?file=publicacoes>> Acesso em: 03 nov. 2011.
- CONSTANCIO, F. S. **Grammaticaanalytica da língua portugueza**: oferecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil. Rio de Janeiro: Casa de Souza, Laemmert, 1831.
- COUTINHO, I. de L. **Gramática histórica**. 19. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CRUZ, J. M.. **Português prático**: curso completo. São Paulo: melhoramentos, 1941.
- DIK, S. C. *et alii*. The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbialsatellites. In: NUYTS, J., BOLKESTEIN, M. A., VET, C. (Eds.). **Layers and levels ofrepresentation in language theory: a functional view**. Amsterdam: John Benjamins,1990, p. 25-70.
- DIK, S. C. **The theory of Functional Grammar I**. Dordrecht: Foris, 1989.
- DONATO, É. *Ars maior*. Disponível em: <<http://htl2.linguist.jussieu.fr:8080/CGL/text.jsp?id=T27>>. Acesso em: 27 jun 2011.
- \_\_\_\_\_. *Ars minor*. Disponível em: <<http://htl2.linguist.jussieu.fr:8080/CGL/text.jsp?id=T28>>. Acesso em: 21 jun 2011.
- DUARTE, P. M. T. O sufixo *–mente* em português. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, ano 15, n. 45, p. 123-136, set./dez. 2009.

- FRANCIS, W. N.; KUCERA, H. **Frequency Analysis of English Usage**. Boston: Houghton Mifflin, 1982.
- GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: Benjamins, 1995.
- GOMES, A. **Grammatica portuguesa**. 20 ed. São Paulo/Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1930.
- GONÇALVES *et al* (Org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GONDIM, E. M. **O sufixo -mente do latim ao português**. 2011. 68p. Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Letras Português/Bacharelado, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.
- HAIMAN, J. Ritualization and the development of language. In: PAGLIUCA, W. (ed), **Perspective on Grammaticalization** (p. 3-28). Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- HEINE *et alii*. From Cognition to Grammar: evidence from African Languages. In: TRAUOGOTT; HEINE (eds). **Approaches to Grammaticalization**, v.1, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 149-187.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Functional Discourse Grammar. In: HEINE, B.; NARROG, H. (eds). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: OUP, 2008.
- HENGEVELD, K. Adverbs in Functional Grammar. In: WOTJAK, G. **Toward a Functional Lexicology**. Tübingen: Niemeyer, 1997, p. 121- 136.
- \_\_\_\_\_. Layers and operators in Functional Grammar. **Journal of Linguistics**. 25 (1), 1989, 127-157.
- HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticalization. In: E. TRAUOGOTT & B. HEINE (eds). **Approaches to Grammaticalization**, v.1, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.
- HOPPER, P.; TRAUOGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. In: \_\_\_\_\_. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. II, 1993, p. 193- 212.
- ILARI, R. *et alii*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. I, 1991, p. 63- 142.
- LAPA, M. R.. **Estilística da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Martin Fontes, 1988.

LEHMANN, C. New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WISHER, Ilse & DIEWALD, Gabriele. **New reflections on grammaticalization. Typological studies in language**, 2002.

\_\_\_\_\_. **Thoughts on Grammaticalization. A programmatic sketch**. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien – Projekts 48, 1982.

LIMA, R. B. **Advérbios focalizadores no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

LOBATO, A. J. dos R. **Arte da grammatica da linguaportuguesa**. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1770. XLVIII. Disponível em: <<http://purl.pt/196>> Acesso em: 29 out. 2011.

MACIEL, M. **Grammatica descriptiva**: baseada nas doutrinas modernas. São Paulo/Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1916.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, E. M.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: UFRJ – Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, 1996.

MAURER JR., T. H. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NUNES, J. O. C. **Ordenação dos advérbios temporais e/ou aspectuais em -menteno português escrito contemporâneo**. 2009. 199p. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/wp-content/uploads/2013/03/julia-oliveira-costa-nunes.pdf>> Acesso em: 29 fev. 2012.

OLIVEIRA, V. M. de. A gramaticalização do verbo *ir* em predicções complexas. **Cadernos do CNLF**. v. XI, n. 12, Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2008.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **A História da Província de Santa Cruz**, 2010. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/node/450>> Acesso em: 25 jul. 2013.

PEREIRA, E. C.. **Gramática expositiva**: curso superior. 83 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

PESTANA, D. F. **Princípios de grammatica geral, applicados a linguaportuguesa**. Nova-Gôa : Imp. Nacional, 1849. Disponível em: <<http://purl.pt/438>> Acesso em: 29 out. 2011.

PINTO, D. C. de M. **Gramaticalização e ordenação nos advérbios qualitativos e modalizadores em –mente**. 2008. 199p. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <[http://www.discursoeagramatica.letas.ufrj.br/download/tese\\_doutorado\\_deise.pdf](http://www.discursoeagramatica.letas.ufrj.br/download/tese_doutorado_deise.pdf)> Acesso em: 29 fev. 2012.

POGGIO, R. M. G. F. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista**. 1. ed. Salvador: Editora da UFBA, 2002. v. 1.

POTTIER, B. Problemas relativos a los advérbios em –mente. In: \_\_\_\_\_, **Linguística moderna e filologia hispánica**. Madrid: Gredos, 1968.

RIBEIRO, J. **Grammatica portugueza**. São Paulo/Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1910.

ROBINS, R. H.. **Pequena história da linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

RODRIGUES, L. da S. Aspectos léxicos, morfológicos e morfossintáticos do falar cearense. **Revista Sociodialeto**. Campo Grande, v. 2, n. 1, jul. 2012. Disponível em <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/12/12092012083944.pdf>>. Acesso em 07 fev. 2013.

SACCONI, L. A.. **Nossa gramática: teoria**. 14ed. São Paulo: Atual, 1990.

SARDINHA, T. B. O que é um *corpus* representativo? **Programa de Estudos Pós-Graduados em Ling. Aplicada e Estudos da Linguagem**). São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers44.pdf>> Acesso em: 25 jul. 2013.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 30 ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SILVA, H. S. **Evidências da mudança paramétrica em dados da língua-e: o sujeito pronominal no português e no espanhol**. 2011. 143p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, J. C. R.; CARVALHO, M. A.; ALMEIDA, V. P. Advérbio em –mente: processo morfológico concluído ou em andamento?. **Revista de Letras**. Taguatinga, v. 1, n. 2, p. 34-47, 2008.

SILVA JR, P.; ANDRADE, L.. **Grammatica da lingua portugueza: para uso dos gymnasios, lyceus e escolas normaes**. 4ed. São Paulo/Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1913.

SOUZA, E. R. F. de. **Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista**. 2004. 176 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, IBILCE/UNESP, 2004. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/103586/os-adverbios-focalizadores-no-portugues-falado-do-brasil-uma-abordagem-funcionalista/>>. Acesso em: 23 mai. 2013.

SOUZA, A. dos S. **Tempo e espaço**: a gramaticalização do item onde em textos religiosos (séculos XIV, XVI e XXI). 2007. 135p. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/60113740/3/Principios-e-estagios-da-gramaticalizacao>> Acesso em: 03 nov. 2011.

TRAUGOTT, E. C. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. **ICHL XII**. Manchester, 1995. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>>. Acesso em: 29 fev 2012.

VÄÄNÄNEN, V. **Introducción al latín vulgar**. Madrid: Gredos, 1975.

WERNER, H.; KAPLAN, B., **Symbol-formation**: an organismic developmental approach to language and the expression of thought. New York/London/Sidney: Wiley, 1963.